



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS INSTITUTO DE FILOSOFIA,  
CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

**MIRIAN DA SILVA CARVALHO**

**A GEOGRAFIA DO ENSINO MÉDIO INFLUENCIA A LEITURA CRÍTICA DO  
MUNDO?**

**MANAUS – AM**

**2019**



**MIRIAN DA SILVA CARVALHO**

**A GEOGRAFIA DO ENSINO MÉDIO INFLUENCIA A LEITURA CRÍTICA DO MUNDO?**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Amazonas, como requisito parcial para a obtenção de título de Mestre em Geografia. Área de concentração: Território, Espaço e Cultura na Amazônia.

Orientadora: Dra. Ivani Ferreira de Faria.

**MANAUS – AM**

**2019**

### Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

C331g Carvalho, Mirian da Silva  
A Geografia do Ensino Médio influencia a leitura crítica do mundo? / Mirian da Silva Carvalho. 2019  
118 f.: il. color; 31 cm.

Orientador: Ivani Ferreira de Faria  
Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Amazonas.

1. geografia. 2. ensino médio. 3. aprendizagem. 4. leitura de mundo. 5. metodologias ativas. I. Faria, Ivani Ferreira de II. Universidade Federal do Amazonas III. Título



**Poder Executivo**

**Ministério da Educação**

**Universidade Federal do Amazonas**

IFCHS/DEGEO/Programa de Pós-Graduação em Geografia

Mestrado Conceito 4

Aprovado pela Resolução Nº 009 – CONSUNI de 17/08/95

Credenciado pela CAPES em set/2000

Reconhecido através da Portaria Nº 1.077 - MEC, de 31 de agosto de 2012



Ata da Defesa Pública da Dissertação de Mestrado do(a) Senhor(a) **MIRIAN DA SILVA CARVALHO**, discente do Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Amazonas, Área de Concentração em Amazônia: Território e Ambiente, realizada no dia **24 de Janeiro de 2019**.

Aos **vinte e quatro** dias do mês de **Janeiro** de **dois mil e dezenove**, às **quatorze horas**, na sala de Audiovisual do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Amazonas, realizou-se a Defesa Pública da Dissertação de Mestrado, intitulada **“A GEOGRAFIA DO ENSINO MÉDIO INFLUENCIA A LEITURA CRÍTICA DO MUNDO?”**, sob orientação do(a) Professor(a) Doutor(a) **IVANI FERREIRA DE FARIA (PPGEOG/UFAM)**, do(a) aluno(a) **MIRIAN DA SILVA CARVALHO**, em conformidade com o Art. 83 do Regimento Geral de Pós-Graduação da Universidade Federal do Amazonas, como parte final de seu trabalho para a obtenção do grau de **MESTRE EM GEOGRAFIA**, área de concentração em **AMAZÔNIA: TERRITÓRIO E AMBIENTE**. A Banca Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: **Professor(a) Doutor(a) Ivani Ferreira de Faria, Presidente (PPGEOG/UFAM)**, **Professor(a) Doutor(a) Welton Yudi Oda, Membro Titular (PPGBIO/UFAM)** e a **Professor(a) Doutora Mircia Ribeiro Fortes, Membro Titular (PPGEOG/UFAM)**. O(A) Presidente da Banca Examinadora deu início à sessão convidando os membros da Banca e o(a) Mestrando(a) a tomarem seus lugares. Em seguida, o(a) Senhor(a) Presidente informou sobre o procedimento do exame. A palavra foi facultada ao(a) Mestrando(a) para apresentar uma síntese do seu estudo e responder às perguntas formuladas pelos Membros da Banca Examinadora. Após a apresentação e arguição pelos Membros da Banca Examinadora, esta reuniu-se onde decidiu, por unanimidade, que o(a) discente foi **“aprovado(a).....”**. A sessão foi encerrada. Eu, **Maria das Graças Luzeiro**, Secretária do PPGEOG, lavrei a presente ata, que vai assinada por mim, pelos Membros da Banca Examinadora e pelo(a) Mestrando(a). **Manaus (AM), 24 de Janeiro de 2018**.

Banca Examinadora	Rubrica	Nota
<i>Prof(a) Dr(a) Ivani Ferreira de Faria</i> <i>Presidente (PPGEOG/UFAM)</i>		“ 9,0 ”
<i>Prof(a) Dr(a) Welton Yudi Oda</i> <i>Membro Titular (PPGBIO/UFAM)</i>		“ 9,0 ”
<i>Prof(a) Dr(a) Mircia Ribeiro Fortes</i> <i>Membro Titular (PPGEOG/UFAM)</i>		“ 9,0 ”
<i>Mirian da Silva Carvalho</i> <b>Mirian da Silva Carvalho</b> <b>Mestranda</b>		
	<i>Maria das Graças Luzeiro</i> <b>Maria das Graças Luzeiro</b> <b>Secretária do PPGEOG</b>	

Aos meus pais, Antônia e Valdivino pelo incentivo vitalício, pela força e educação que me deram. Primeiras pessoas a me ensinar o valor de um professor.

A minha segunda mãe, Conceição. Minha referência de mulher virtuosa. E um grande exemplo de altruísmo.

A todos que contribuíram com as discussões e atividades que se desenvolveram em torno desta pesquisa.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus pela oportunidade, pois mesmo em meio a desafios pessoais, tive a honra de compor a 10ª turma de mestrado em Geografia da UFAM.

Agradeço a CAPES pelo tempo de bolsa concedido, que me propiciou participação em cursos, compra de livros, passagens e alimentação.

Agradeço ao laboratório Dabucury, onde dei meus primeiros passos como pesquisadora de iniciação científica, onde conheci mulheres aguerridas que revolucionam por onde passam e que tem compromisso com a emancipação das minorias, educadoras por vocação. Dentre elas, minha orientadora Ivani Ferreira de Faria, para quem a causa indígena é uma missão de vida.

Agradeço João Batista, por ser meu suporte, e por seu bom humor, que faz qualquer situação propícia ao riso.

Agradeço aos meus amigos mais próximos, com que pude dividir o peso desse passo.

*“Um arquiteto de sonhos engenheiro do futuro um motorista da vida dirigindo no escuro um plantador de esperança plantando em cada criança um adulto sonhador e esse cordel foi escrito porque ainda acredito na força do professor”.*

*(Bráulio Bessa)*

## RESUMO

Este estudo foi desenvolvido a fim de compreender as metodologias de aprendizagem aplicadas à Geografia na escola Estadual Sant'Ana, localizada no município de Manaus. Buscou-se identificar as deficiências da estrutura educacional, como também as demandas e especificidades de uma aprendizagem geográfica realmente válida. Desenvolvemos uma discussão sobre o processo de acesso à educação no Brasil e sua consequência na conjuntura social contemporânea. Buscamos desenvolver alternativas onde a Geografia, mesmo inserida em um sistema tradicional e disciplinar possa ser trabalhada dentro de uma perspectiva mais democrática, numa escola pensada com e para os estudantes procurando responder se essa Geografia escolar permite o desenvolvimento de uma maior fluidez na leitura do mundo. Para alcançarmos esse entendimento trabalhamos na perspectiva da pesquisa participante, que implica convívio intenso com a escola. Foram realizadas cerca de 175 entrevistas com estudantes, educadores, secretários e gestores; rodas de conversa nas salas de aula e, posteriormente, oficinas com cartazes interativos contendo os principais questionamentos do plano de trabalho. Realizamos também levantamento bibliográfico sobre a problemática e sobre experiências alternativas dentro do campo de metodologias de aprendizagem. Um dos resultados da pesquisa, demonstra que a comunidade escolar analisada possui tendências democráticas em desenvolvimento, com destaque para a criação do Projeto Político Pedagógico e a formação do Grêmio Estudantil, e a expressiva quantidade e qualidade dos projetos desenvolvidos na escola. Salientamos que dentro do maçante sistema de ensino atual, desenvolver atividades (inclusive geográficas), que priorizem a autonomia e que deleguem aos estudantes parte da responsabilidade sobre o que eles aprendem, driblar o sistema convencional. E é possível se, tivermos um corpo docente aberto às novidades, uma gestão pedagógica que incentive o empreendedorismo intelectual e profissional de toda a escola. Ler o mundo é ter a capacidade de “conversar” com vários saberes, formar opinião respeitando as demais, e ter a capacidade de dar respostas aos problemas que afligem seu lugar. A geografia pode proporcionar uma leitura crítica do mundo, dependendo das metodologias de aprendizagens usadas, da formação e comprometimento dos professores com a educação como mecanismo evolutivo, assim como, da abertura das escolas às plurais inovações de cunho pedagógico, ideológico ou democrático.

Palavras chaves: leitura do mundo, Geografia, aprendizagem, metodologias.

## **ABSTRACT**

This study was developed in order to understand the learning methodologies applied to Geography at the Sant'Ana State School, located in the municipality of Manaus. It sought to identify the deficiencies of the educational structure, as well as the demands and specificities of a truly valid geographical learning. We developed a discussion about the process of access to education in Brazil and its consequence in the contemporary social context. We seek to develop alternatives where geography, even inserted in a traditional and disciplinary system can be worked within a more democratic perspective, in a school designed with and for the students trying to answer if this school Geography allows the development of a greater fluidity in the reading of the world . To reach this understanding, we work in the perspective of the participant research, which implies intense conviviality with the school. Some 175 interviews were conducted with students, educators, secretaries and managers; conversation wheels in the classrooms and, later, workshops with interactive posters containing the main questions of the work plan. We also carried out a bibliographical survey about the problematic and about alternative experiences within the field of learning methodologies. One of the research results shows that the analyzed school community has democratic tendencies in development, with emphasis on the creation of the Political Pedagogical Project and the formation of the Student Group, and the expressive quantity and quality of the projects developed in the school. We emphasize that within the dull current system of education, to develop activities (including geographic), to prioritize autonomy and to delegate to students part of the responsibility for what they learn, to dribble the conventional system. And it is possible if we have a faculty open to new developments, a pedagogical management that encourages the intellectual and professional entrepreneurship of the whole school. To read the world is to have the ability to "talk" with various kinds of knowledge, to form opinions respecting others, and to be able to respond to the problems that afflict their place. Geography can provide a critical reading of the world, depending on the methodologies of learning used, the formation and commitment of teachers with education as an evolutionary mechanism, as well as the opening of schools to the plural innovations of a pedagogical, ideological or democratic nature

Key words: reading the world, geography, learning, methodologies.

## LISTA DE FIGURAS

**Figura 01** – Mapa conceitual “A Geografia do Ensino Médio influencia a leitura do mundo?”

**Figura 02** – Relação entre trabalho e da educação ao longo dos séculos.

**Figura 03** – Competências gerais da Base Nacional Comum Curricular.

**Figura 04** – Roda de conversa “o que é ler o mundo?”

**Figura 05** – Localização da Escola Estadual San’Ana.

**Figura 06** – Eleições do Grêmio Estudantil.

**Figura 07**– Projeto Produção e Fruição nas artes.

**Figura 08** – Revitalização dos muros da escola.

**Figura 09** – Entrega de donativos.

**Figura 10** – Clube do Livro Sant’Ana.

**Figura 11** – Circuito de palestras de prevenção à violência e bullying.

**Figura 12** – Equipe vencedora da Feira de Bioexatas apresenta seu projeto no Congresso de Ciência, Educação e Pesquisa Tecnológica.

**Figura 13** – Projeto Amazonas Didático.

## **LISTA DE TABELAS**

**Tabela 1:** Habilidades operatórias.

**Tabela 2:** Habilidades socioemocionais para o séc. XXI.

**Tabela 3:** Competências e habilidades para a Geografia no Ensino Médio.

**Tabela 4:** Projeto Político Pedagógico.

## **LISTA DE SIGLAS**

**APP** – Aprendizagem pela pesquisa.

**BNCC** – Base Nacional Curricular Comum.

**CETI** – Centro de Educação de Tempo Integral.

**CNE** – Conselho Nacional de Educação

**CONSED** – Conselho Nacional de Secretários de Educação

**ENEM** – Exame Nacional do Ensino Médio.

**IBGE** – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

**LDB** – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

**MEC** – Ministério da Educação.

**OCDE** – Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Econômico.

**PIB** – Produto Interno Bruto.

**PIBIC** – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica.

**PIBID** – Programa Instituição de Bolsas de Iniciação à Docência.

**PNE** – Plano Nacional de Educação.

**PPGEOG** – Programa de Pós-Graduação em Geografia.

**PPP** – Projeto Político Pedagógico.

**SEDUC** – Secretaria de Estado da Educação do Amazonas

**TIC's** – Tecnologias da Informação e Comunicação

**UFAM** – Universidade Federal do Amazonas

## Sumário

\_Toc10531217

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>1 PARA QUE(M) SERVE A EDUCAÇÃO?.....</b>	<b>19</b>
1.1 A EDUCAÇÃO COMO HERANÇA DOS POVOS ANTIGOS.....	19
1.2 RAÍZES ESCOLARES DO BRASIL.....	24
1.3 LINHA DO TEMPO DO ENSINO MÉDIO E SEUS DESAFIOS.....	27
<b>2 QUAL O PAPEL DA GEOGRAFIA NO ENSINO MÉDIO?.....</b>	<b>41</b>
2.1 A FUNÇÃO IDEAL DA CIÊNCIA GEOGRÁFICA .....	41
2.2 CONTRIBUIÇÕES DA GEOGRAFIA PARA O DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES E LEITURA DE MUNDO.....	45
2.3 PERCALÇOS E BOAS PRÁTICAS DE UMA ESCOLA REAL .....	56
<b>3 A GEOGRAFIA QUE QUEREMOS.....</b>	<b>698</b>
3.1 MUDANÇAS ESTRATÉGICAS NO USO DO TEMPO E ESPAÇO FÍSICO ESCOLAR.....	70
3.2 METODOLOGIAS ATIVAS PARA LER O MUNDO.....	71
3.3 ATIVIDADES PROMOVIDAS PELA ESCOLA NO INTUITO DE CONTRIBUIR PARA UMA EDUCAÇÃO DEMOCRÁTICA.....	83
3.4 RECURSOS DIDÁTICOS E TEMAS GERADORES PARA UMA GEOGRAFIA PARTICIPANTE .....	87
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>92</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>95</b>

## INTRODUÇÃO

Este estudo foi desenvolvido a fim de compreender as metodologias de aprendizagem aplicadas à Geografia, no Ensino Médio da escola Estadual Sant'Ana, localizada no município de Manaus/Amazonas. Buscamos identificar as deficiências da estrutura educacional, como também as demandas e especificidades da aprendizagem geográfica. Desenvolvemos uma discussão sobre o processo de acesso à educação no Brasil e sua consequência na conjuntura social contemporânea. Como por exemplo, os resultados das recentes pesquisas sobre a qualidade do Ensino Médio.

Traçando uma crítica ao sistema de escolarização atual, que incita os estudantes a pensar “igual”, demonstrando um vício pela duplicação, mais do que pelo ineditismo. Pois na escola atual, todos têm por obrigação estudar e aprender as mesmas coisas, em ritmo sincrônico. O parâmetro que mede a aprendizagem são (quase sempre) as provas, rígidas, feitas a granel, e que ignoram as particularidades, interesses, inclinações, e diferentes perspectivas do corpo estudantil. Fazendo com que a educação brasileira ainda se caracterize por fortes tendências homogeneizadoras/colonizadoras. O processo criativo, a geração de saberes perde espaço para a “aulinha”. O que acaba sendo um crime contra a promessa de boa educação, posto que não estamos formando nem para a cidadania, tampouco para a competitividade do mercado de trabalho. Se a escola omite suas carências e se fecha às inovações e discussões do campo educativo, já escolheu “parar no tempo”, mesmo tendo um público exigente de novidades.

É comum o caso de escolas que focam no repasse de informação, mas que não sabem trabalhar essa informação junto aos estudantes, tornando-os objetos de comunicação que nem são sempre capazes de comunicar-se, já que para isso precisariam: 1) interpretar com propriedade a informação, para relacioná-la com a vida concreta e poder usá-la como insumo alternativo; 2) elaborar, a partir da informação, posicionamentos alternativos, para que se passe da posição de informado à de informante, informativo, informador (DEMO, 2015).

A motivação para o desenvolvimento dessa pesquisa vem da observância de que a escola está obsoleta em relação ao momento histórico a que pertence, com ela todas as “disciplinas” entram em deterioração pedagógica.

Temos alternativas viáveis a serem adotadas, e as próprias pesquisas em educação orientam para a necessidade de mudança do modelo atual. O que nos desobriga do marasmo, e ao mesmo tempo requiere um esforço descomunal de diferentes frentes de trabalho. Pois mesmo um professor com as melhores ideias e intenções, pode ser barrado pela direção, pelos colegas, e mais que isso pelo sistema de ensino.

A Geografia representa uma das ciências com maior suporte para revolucionar a forma como tratamos o conhecimento e a informação. Seu objeto de estudo é o espaço geográfico e implicações na sua organização e gestão. Por esse motivo vê-se nela um bom ponto de partida para uma modificação inicial. É um exercício geográfico discutir junto aos estudantes, professores e comunidade escolar, os problemas do bairro, cidade, país, capacitando os estudantes para a concepção da realidade. Apenas por meio desse conhecimento construído e reconstruído, é que podemos buscar a supressão dos problemas e conflitos sejam eles sociais e/ou naturais. Buscando por uma escola mais democrática, e de alcance popular, que proporcione uma visão crítica do mundo a partir do cotidiano e contexto sociocultural dos estudantes. Para se alcançar esse patamar, é necessário um currículo mais aberto e flexível, que abarque a participação de todos os envolvidos no processo educativo, para uma sala de aula mais real e verdadeiramente útil a vida. O conceito de democracia precisa estar presente na “liturgia” do ambiente, com o objetivo de criarmos condições para a cidadania dentro e fora da escola.

A ciência geográfica adentra o cenário científico consolidada em bases positivistas, e essa visão domina não só o campo científico, como o político e o escolar, ainda no século XXI. A perpetuação desse paradigma educacional segue repercutindo, embora modificado, pelos movimentos de superação metodológica que a ciência geográfica e as teorias pedagógicas sofreram ao longo do tempo. O fato é que a sala de aula e os professores não acompanharam as transformações no mesmo ritmo, mantendo-se privilegiadamente antiquados e conservadores. Basta perguntarmos a qualquer adolescente: “Como foi a aula hoje?” Para que ele responda com algo como: “O professor passou um texto sobre o cerrado na lousa”, “A professora falou sobre a 2ª Guerra Mundial”, “copiei matéria do quadro”, “respondi um questionário achando as respostas no livro”, ou seja, é como se tudo partisse das solicitações do professor, e o estudante tivesse um papel apático neste processo, como objeto passivo, o que não nos surpreende ter como resultado a falta de interesse dos mesmos. O modo verticalizado como os assuntos são trabalhados, não desperta a motivação do estudante e não contribui para o verdadeiro objetivo da geografia, de qualquer outra ciência ou da educação. É a mortificação insana das multipossibilidades da escola e do saber.

Quando a Geografia passou a ser “ensinada”, era tratada como uma fugaz necessidade enciclopédica de memorização de informações sobre os lugares. Em tempos remotos isto pode ter tido sentido, posto que o ser humano ainda não conhecia o planeta Terra, e tudo que sabiam era trazido pelos viajantes longínquos através de suas narrativas. A questão é que cada momento histórico-social traz consigo uma necessidade diferente de uso do conhecimento. Percebemos

que quando a Geografia passou a ser “ensinada”, era tratada como uma fugaz necessidade enciclopédica de memorização de informações sobre os lugares. Em tempos remotos isto pode ter tido sentido, posto que o ser humano ainda não conhecia o planeta Terra, e tudo que sabiam era trazido pelos viajantes longínquos através de suas narrativas. A questão é que cada momento histórico-social traz consigo uma necessidade diferente de uso do conhecimento. Percebemos que pouca coisa mudou em relação a geografia do século XIX. Estamos no século XXI, na sociedade do conhecimento a ciência geográfica deve recuperar seu caráter ativista e crítico tão presente na academia, e tão sepultado na escola.

Começamos por averiguar o que leva a desambição dos estudantes. Por que a metodologia dos professores está mais arraigada ao “ensino”, do que a aprendizagem? Será que estamos contribuindo para transformar o estudante em um cidadão crítico, com capacidade de ler e interpretar o mundo em que vivemos? Porque o estudante não possui interesse nas aulas? Estas são algumas inquietações que levaram a elaboração deste estudo. Existe uma necessidade de praticar uma Geografia que debata e combata a mediocridade, e não se limite em apenas oferecer informações necessárias para “marcar corretamente” uma questão de múltipla escolha, por exemplo. “O conhecimento é apenas meio, para se tornar educativo, carece orientar-se pela ética dos fins e dos valores” (DEMO, 2015, p.8)

Ignorar a necessidade de um rompimento com o rotineiro é continuar maquiando a realidade com gráficos e dados positivos, que se gabam do “avanço da educação” nos sites governamentais com uma ótima taxa de matrícula/aprovação, sem, no entanto, notar esse progresso real na qualidade da formação. Não queremos dizer com isso que podemos sanar de uma vez por todas os problemas da instituição escolar, mas podemos chamar atenção para a questão, fomentando mudanças na base, discutindo alternativas viáveis de metodologias e ações, segundo as necessidades identificadas. Pois cada escola e cada sala de aula possui demandas, pontos fracos diferenciados.

“O objetivo da investigação educativa não pode reduzir-se a produção de conhecimento para incrementar o corpo teórico do saber pedagógico, pois este não será útil nem relevante a menos que se incorpore ao pensamento e à ação dos agentes, dos professores/as e dos estudantes/as, assim, a intencionalidade e o sentido de toda investigação educativa é o aperfeiçoamento da prática”. (GOMÉZ, 1998).

Por se tratar de uma pesquisa educativa, envolveu três fases que compreendem uma pesquisa participante: observação direta e participante na escola; conversas dialogadas com os sujeitos da pesquisa (professores, estudantes, equipe técnica que compreende o pedagogo e gestor e secretários); oficinas, rodas de conversa para apreensão dos problemas e expectativas

dos e com os estudantes e por fim, análise e interpretação dos dados primários e secundários, a partir as categorias de análise: educação, metodologias de aprendizagem e geografia.

As fontes secundárias concernentes à pesquisa bibliográfica são: (DEMO, FREIRE, GADOTTI, GOMÉZ, VESENTINI, VLACH, entre outros), foram utilizadas também arquivos documentais referentes ao tema. O plano de trabalho foi elaborado a partir do mapa conceitual, por meio de perguntas norteadoras, e complementado pelas perguntas dos estudantes que surgiram ao longo das rodas de conversa. Ao todo foram entrevistadas 6 turmas, entre os turnos matutino e vespertino, contabilizando cerca de 175 participações diretas. A identificação do corpo docente foi suprimida, por uma questão ética acordada logo no início das conversas.

No primeiro momento participamos da rotina em sala, sem nenhuma interferência, apenas para observação. Após algumas semanas conhecendo as turmas e a escola, e havendo conquistado a simpatia das turmas, abrimos um momento para rodas de conversa, durante os muitos tempos vagos que os estudantes dispunham. Cartazes disponibilizados nas salas semanalmente, traziam uma das perguntas conforme o mapa conceitual supracitado, de forma que a cada semana, tínhamos um encontro e uma pesquisa a ser realizada pelos estudantes, fornecendo um espaço para que construíssem suas respostas e buscassem sugestões para os problemas apresentados. Esse processo semanal conferiu mais leveza e menos preocupação com a “resposta certa”, pois a opinião de todos podia ser ouvida. Assim foram recolhidos materiais iniciais que guiaram as atividades seguintes.



**Figura 1:** Mapa Conceitual “A Geografia do Ensino Médio influencia a leitura de mundo? ”  
**Fonte:** CARVALHO, Mirian. 2019.

As respostas do mapa conceitual combinam entrevistas, com a pesquisa bibliográfica e documental. O caminho da pesquisa foi desenvolvido com base nas perguntas, elencadas no mapa-conceitual. No capítulo 1, para responder as perguntas do item 1. O que é a educação? Para que(m) serve? Foi realizado levantamento bibliográfico sobre as categorias: educação, educação conservadora/progressista *versus* democrática, geografia escolar. Observação participante junto a escola e entrevistas abertas com estudantes, professores, e demais profissionais atuantes na instituição sobre a visão que os mesmos possuem do papel da escola/educação em suas vidas. Realizamos a aplicação do questionário “Nossa Escola em (re)construção”, (criado através de uma parceria entre o Instituto Inspirare e o Instituto Porvir, e que já ouviu 132 mil jovens de todo o país), para ter uma visão mais aprofundada da escola. E foram identificados os pontos mais sensíveis, e as visões dos estudantes sobre o papel e as demandas da escola em suas vidas.

No capítulo 2 indagamos: Como a Geografia surge e se desenvolve no currículo escolar do Ensino Médio? Utilizamos levantamento bibliográfico e documental sobre a Base Nacional Comum Curricular, Lei de Diretrizes e Bases, Parâmetros Curriculares Nacionais e sobre o Projeto Político Pedagógico da escola, buscando compreender aqui como a Geografia entra no currículo e se mantém, quais suas funções ao longo da historicidade escolar brasileira e seu papel no ideário dos documentos educacionais oficiais. Realizamos entrevistas abertas com os estudantes, professores e direção pedagógica da escola. Houve antes uma observação direta e participante nas salas de aula; e a elaboração de um mural interativo com informações que traziam os resultados das pesquisas feitas pelos estudantes.

O capítulo 3, aborda a seguinte questão: Como a Geografia oferece o mundo aos estudantes? Para respondermos a essa pergunta realizamos entrevistas abertas com estudantes para entendermos o que seria uma aula produtiva e uma aula monótona, mapeando as metodologias e recursos didáticos usados pelos professores nos anos anteriores, e suas contribuições. Indagamos também sobre de que forma a Geografia contribuiria na construção de saberes que realmente mudariam suas vidas e quais são essas aprendizagens indispensáveis. Verificamos junto aos professores um pouco sobre a organização curricular dos cursos de geografia das Faculdades que cursaram, procurando identificar pontos de ligação entre sua formação acadêmica e a prática pedagógica adotada. Fizemos reuniões e promovemos debates junto aos estudantes e professores para elencar alternativas diferenciadas de aprendizagem, e alternativas para as aulas de geografia. O fruto desse trabalho foi um mural interativo que chamamos de “A Geografia que queremos”, com disponibilização de pequenos informativos para socializar a pesquisa dos estudantes entre os demais e para a sala de professores.

Ainda no capítulo 3, destacamos a importância das metodologias ativas, e como resultado do mapa conceitual sobre quais metodologias poderiam ser desenvolvidas em prol da criticidade, produção de conhecimento e autonomia. Partimos do mesmo ponto: pesquisa bibliográfica sobre metodologias diferenciadas de aprendizagem; observação direta em sala de aula sobre quais as metodologias utilizadas pelos professores; experimentação de novas metodologias de aprendizagem e atividades sugeridas nas rodas de conversa. E por fim, realizamos a exposição de tudo que foi realizado através de um mural (jornal) com fotos e descrições das atividades desenvolvidas, dando assim um feedback sobre o que fora desenvolvido na escola, e sobre o que ainda pode ser feito. Esse último capítulo discorre uma análise das propostas de intervenção feitas pela escola. Abordando conteúdos, métodos, materiais didáticos e assuntos que estimulem a compreensão e intervenção no mundo. Exemplificando experiências que foram adotadas na escola ao longo de 2016/2018. Na busca por uma escola, e uma Geografia mais comprometida com a formação de cabeças bem-feitas do que cabeças bem cheias.

Compilamos aqui os principais questionamentos das entrevistas e debates com os estudantes:

- O atual Ensino Médio corresponde as expectativas de vocês?
- Qual é o papel do Ensino Médio?
- Quais são seus objetivos após a formatura? A escola está ajudando você a alcançar essa meta?
- Você considera que os estudantes têm voz ativa na sua escola? Por que?
- Como costumam ser as aulas de Geografia?
- Quais assuntos são imprescindíveis em Geografia?
- O que você tem vontade de aprender? De que forma?
- Você considera que as aulas de Geografia contribuem na sua formação ética, política e teórica? Como?
- Sugira uma atividade/assunto a ser tratado nas aulas de Geografia e explique como ele poderia nos ajudar a ler o mundo?

Os estudantes foram intensamente participantes nesses debates, e foi essa doação por parte deles que permitiu uma percepção mais realística das necessidades e daquilo que eles veem como fundamental na escola, o que inclui não só o aspecto didático com suas críticas e pontos positivos, como também as debilidades do espaço físico e a relação afetiva que eles mantêm com o espaço da escola.

As entrevistas feitas com os professores de Geografia e equipe pedagógica foram guiadas pelas seguintes questões:

- Qual a sua formação e a quanto tempo colabora nesta escola?
- Quais materiais didáticos costuma usar?
- Qual(is) linha(s) do pensamento pedagógico guiam sua prática em sala de aula?
- Quais são suas dificuldades na atuação como professor de Geografia?
- De quais coisas costuma se orgulhar no exercício da sua profissão?
- Gostaria de fazer uma pós-Graduação ou um curso de aperfeiçoamento em que área?

Por que?

- Como aconteceu o processo de criação do Projeto Político Pedagógico?

Os estudantes, professores e gestores da Escola Estadual Sant’Ana também foram ouvidos através de oficinas e entrevistas e suas respostas dão base à crítica tecida no corpo do trabalho, como também ao plano de ação do projeto. Foram introduzidas outras questões como “A Geografia atual possibilita a leitura do mundo?” e “Quais os instrumentos didáticos, conteúdos e atividades, norteiam sua prática docente?”. Para análise da autonomia da escola, observamos o processo de aperfeiçoamento e execução de seu Projeto Político Pedagógico.

Leitura de mundo, nada mais é, do que saber orquestrar os conhecimentos de maneira que eles deem sentido, ou expliquem, ainda que de forma incompleta a realidade circundante, para que então possamos como indivíduos e como sociedade interagir e mudar o que quer que seja. Freire (2015), explica que não se deve desleixar do rigor teórico, ao mesmo tempo que a educação deve ter um fim, além de simplesmente encher nossas mentes com o produto cultural de nossos antepassados. Ler as letras é um passo inicial para ler o mundo, e aqui destacamos que somente através de uma educação justa, igualitária, e imparcial quanto a origem social é que veremos mudanças acontecerem. Há um grande empecilho no caminho da revolução da escola, é o chamado Sistema Educacional, cuja legislação parece ter saído do folclore de tão rica e impecável e ao mesmo tempo fantasiosa. Na realidade as escolas ainda têm muitas amarras, e não vivem a liberdade didática/pedagógica a qual tem direito.

A coesão precisa constar no corpo docente que deve decidir arriscar, projetar, e mudar um pouco a estrutura tão engessada pelos anos, geralmente o professor que pretende mudar a abordagem metodológica, é tido como um sonhador que está gastando neurônio à toa, mas existem muitos dispostos a isso, criando uma “brecha” no concreto. Esses cujos projetos trazem vida a escola, ainda que com uma pequena representatividade. No fundo todo professor ainda sonha com um novo cenário escolar, pois sabe que o atual não tem obtido o resultado esperado. Nessa quimera podem entrar todos os professores: Português, Filosofia, Geografia, esse último

sendo intimado a comparecer, pois a criticidade de uma ciência toda paisagem como uma constituição histórica, e reconhece os fatores humanos por trás dos dados numéricos é indispensável, a alfabetização geográfica permite a ampliação dos horizontes, e através desse olhar mais longínquo é que o estudante consegue reeditar seu mundo.

## **1 PARA QUE(M) SERVE A EDUCAÇÃO?**

### **1.1 A EDUCAÇÃO COMO HERANÇA DOS POVOS ANTIGOS**

“A educação é um dos meios que se lançam mão para criar guerreiros ou burocratas” (BRANDÃO, 1997, p.11). O poder da educação, consiste no fato de que ela é capaz de gerar, não só homens com específicas habilidades (quase sempre adaptadas à necessidade do entorno e ao papel socialmente esperado pelo seu grupo), mas também molda suas crenças e códigos de valores.

...um tipo de educação pode tomar homens e mulheres, crianças e velhos, para torná-los sujeitos livres que por igual repartem uma mesma vida comunitária; um outro tipo de educação pode tomar os mesmos homens, das mesmas idades, para ensinar uns a serem senhores e outros, escravos, ensinando-os a pensarem, dentro das mesmas ideias, e com as mesmas palavras, uns como senhores, e outros como escravos. (BRANDÃO, 1997, p34).

Embora no passado, muitas práticas não fossem legitimadas como educação por outros grupos dominantes, ela sempre esteve presente, em muitos casos como propiciadora da garantia de sobrevivência em ambientes desafiadores. A exemplo, a criança que é ensinada a acompanhar o pai na caçada, ou aprende a fazer cerâmica com a mãe, está se preparando para a vida adulta onde irá consultar toda a carga de saber adquirida em anos de vivência.

A educação escolar tal qual conhecemos é uma invenção recente, cujo berço vem a situar-se na Grécia e posteriormente em Roma. Os Gregos possuem Esparta como modelo baseado na rigidez, autoritarismo, e ensino das artes militares, e Atenas, cujo foco era o conhecimento e desenvolvimento da oratória e retórica. As aulas aconteciam fora de casa, e um mestre acompanhava a criança até que ela estivesse madura no saber que lhe era proposto. Um homem bem educado, era motivo de admiração entre os helenos.

Eles subdividiam essa educação em *tecne* e *teoria*, a primeira tratava das *normas de trabalho*, um conhecimento considerado mais rústico, ou seja, o trabalho manual que era desempenhado por escravos e homens livres. Já a *teoria* era conhecida como *normas de vida* e anelava o desenvolvimento pleno do cidadão, ficando resguardada aos livres e nobres. Estratificando desde aí o que deveria ser ensinado, segundo a posição social de cada um. A criação e democratização da escola aberta surge em Atenas, ante uma pressão política a respeito

da participação do povo na vida pública. O debate entre “educar para a vida e educar para a mundo do trabalho”, não se fazia presente como hoje, pois já estava socialmente institucionalizado que alguns deveriam aprender como servir a pólis, e aos outros cabiam aprender a pensar e comandar, servindo a cidade-estado de outra forma.

Os gregos ensinam o que hoje esquecemos. A educação do homem existe por toda a parte e, muito mais que a escola, é o resultado da ação de todo o meio sociocultural sobre os seus participantes. É o exercício de viver e conviver o que educa. E a escola de qualquer tipo é apenas um lugar e um momento provisório onde isto pode acontecer. Portanto, é a comunidade que responde pelo trabalho de fazer com que tudo o que pode ser vivido-e-aprendido da cultura seja ensinado com a vida – e também com a aula – ao educando. (BRANDÃO,1997,p.47).

Roma fora muito mais austera, inicialmente sua educação visava a vida simples e o amor ao trabalho. Os primeiros educadores eram os pais, que segundo a tradição, não simpatizavam com a ideia de terceirizar o cuidado com os filhos. Prezavam a socialização junto a família, as raízes ancestrais e a comunidade. Isto até que o excedente da agricultura propiciasse o enriquecimento de alguns, e junto com ele a criação de “agências de educação”, de onde partem diferentes modelos, conforme as posses de cada pessoa.

Assim surge o ensino elementar (primeiras letras), o secundário, e mais tarde o que hoje chamaríamos de Ensino Superior. Todos de iniciativa particular. Com a popularização da fé cristã, aparece por volta do século IV D.C a *eschola publica*. A estrutura da educação que conservamos até hoje e que se espalhou por todo o mundo de forma colonizador, anteriormente funcionava da seguinte forma:

- ✓ Até os 7 anos a criança era educada em casa, no seio familiar.
- ✓ Depois passava a frequentar a *ludimagister* “loja de ensino” onde aprendia as primeiras letras.
- ✓ Aos 12 o adolescente estava pronto para se matricular na escola do *grammaticus*.
- ✓ E aos 16 na escola do *lector*.

Já a educação hebraica foi uma das que mais conservou as suas tradições, tendo a Torá, ou pentateuco como principal manual religioso, juntamente com outro livro sagrado, o Talmude. Os hebreus se dedicavam ao estudo de geografia, história e aritmética, repassados sobretudo de forma oral, com o uso de repetições. A religiosidade estava intrinsecamente ligada à formação de suas crianças. E o pensamento pedagógico ocidental foi muito influenciado pelos judeus, através da expansão do Cristianismo.

Durante o período medieval, após a queda do império romano, a educação compreendia:

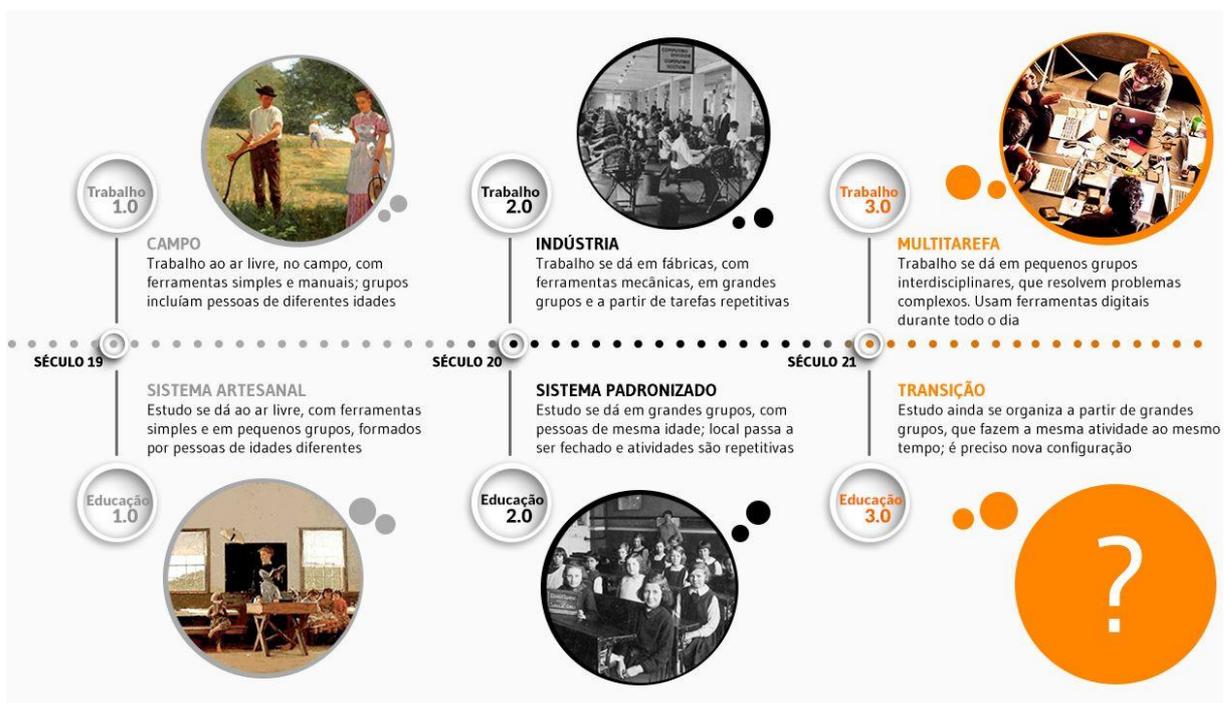
- ✓ Escolas paroquiais de educação básica, onde se buscava doutrinar as massas camponesas para que não se rebelassem contra o sistema;
- ✓ Escolas monásticas, de educação secundária e ministrada em conventos;
- ✓ Escolas imperiais, onde a educação superior preparava futuros funcionários do Império;

Para muitos historiadores atuais, a idade média não foi a idade das trevas, da ignorância e do obscurantismo, como os ideólogos do Renascimento pregaram. Ao contrário, foi fecunda em lutas pela autonomia, com greves e grandes debates livres. Discutia-se a gratuidade do ensino e o pagamento dos professores. Alguns sustentam que as universidades medievais eram mais populosas e menos elitistas que do que as universidades humanistas e aristocráticas do Renascimento. O que se constatou é que o saber universitário aos poucos foi se elitizando, guardado em academias, submetido à censura. (GADOTTI, 2003, p. 56)

A pedagogia dos jesuítas exerceu grande influência em quase todo o mundo, incluindo o Brasil. Sua intencionalidade de preparar a burguesia para exercer sua liderança tanto política, como social, esquecendo-se, portanto, da educação popular. Algumas atividades desenvolvidas durante as aulas eram as chamadas “disputas”, onde os estudantes debatiam entre si, ou os professores debatiam com os estudantes ou com convidados que dominassem determinado assunto. A argumentação e a contra-argumentação eram qualidades sublimes, incentivadas regularmente. A repetição oral sobre o que haviam aprendido era uma regra em todo final de aula, reuniam-se cerca de dez estudantes para julgar o que haviam aprendido, um deles era escolhido para presidir a decúria.

Uma outra forma de compreender melhor a educação em seu contexto atual é construindo um paralelo histórico entre escola e trabalho ao longo de épocas, conforme o consultor e professor da Universidade de Nova York, Jim Lengel, que cunhou os conceitos de Educação 1.0, 2.0 e 3.0.

Há 150 anos, no século 19, as pessoas trabalhavam ao ar livre, com ferramentas produzidas manualmente e em grupos compostos por pessoas de idades diferentes. Paralelamente, na escola, os estudantes aprendiam também em grupos heterogêneos e de uma maneira bastante artesanal. A essa configuração, Lengel deu o nome, respectivamente, de Ambiente de Trabalho 1.0 e Educação 1.0. Já no século 20, os profissionais foram trabalhar em fábricas e passaram a se organizar em torno de grandes grupos, que exerciam as mesmas atividades ao longo de todo o dia. Ao mesmo tempo, na escola, os estudantes passaram a ser divididos por idade. Aqui, as atividades também eram repetitivas. Para Lengel, isso se chama, respectivamente, Ambiente de Trabalho 2.0 e Educação 2.0. Por último, no século 21, os trabalhos voltaram a ser feitos em grupos menores, formados por especialistas de diferentes áreas que se reúnem para resolver problemas complexos. Usam recursos digitais para produzir e se comunicar e experimentam novas formas de se organizar. Na escola, no entanto, o paradigma segue o da Educação 2.0, com aulas padronizadas e atividades repetitivas. “A educação não evoluiu para acompanhar as necessidades do mundo ao seu redor. Os empregos de hoje em dia demandam pessoas que possam trabalhar em pequenos grupos para resolver problemas, utilizando ferramentas digitais, preparados para realizar muitas tarefas diferentes durante o dia, sem uma supervisão próxima e com um vasto círculo de conexões”, afirma o professor (PORVIR, 2018, on-line).



**Figura 2:** Relação entre trabalho e educação ao longo dos séculos.

**Fonte:** LENGEL, Jim. Instituto PORVIR, 2018, on-line. <http://porvir.org/educacao-3-0-sala-de-aula-ambiente-de-trabalho/>

São inúmeras as contribuições dentro da historicidade da educação, sobre as quais poderíamos dissertar aqui, mas a maioria converge para o seguinte: a partir da divisão social do trabalho dentro das diferentes sociedades, se estabelecem as diferentes educações. O que antes se assemelhava por uma característica solidária, primitiva espontânea e única para todos. Após a hierarquização e desigualdade econômica, passaram a existir uma educação para os explorados e outra para os exploradores. Conforme Gaddotti (2003, p. 114) Durkheim explica a permanência desse padrão:

... há tantas espécies de educação, em determinada sociedade, quantos meios diversos nela existirem. É ela formada de castas? A educação varia de uma casta a outra; a dos 'patricios' não era a dos plebeus; a dos brâmanes não era a dos sudras. Da mesma forma na Idade Média, que diferença de cultura entre o pajem, instruído em todos os segredos da cavalaria, e o vilão, que ia aprender na escola da paróquia, quando aprendia, parcas noções de cálculo, canto e gramática! Ainda hoje não vemos que a educação varia de com as classes sociais e com as regiões? A da cidade não é a do campo, a do burguês não é a do operário...

Para encontrar um tipo de educação absolutamente homogêneo e igualitário, seria preciso remontar até às sociedades pré-históricas, no seio das quais não existisse nenhuma diferenciação. Devemos compreender, porém, que tal espécie de sociedade não representa senão um momento imaginário na história da humanidade.

Durkheim afirma que o ato de educar é inevitavelmente uma prática social que, por meio da inculcação de diversos saberes, funciona sob a determinação de exigências, princípios e controles sociais. Reproduzindo diferentes tipos de sujeitos sociais, e que busca desenvolver aquilo para o qual a criança, jovem se destina.

A educação é a prática mais humana, considerando-se a profundidade e a amplitude de sua influência na existência dos homens. Desde o surgimento do homem, é prática fundamental da espécie, distinguindo o modo de ser cultural dos homens, do modo natural de existir dos demais seres vivos (SEVERINO, 2003).

Significa dizer que a educação é intrínseca ao ser humano, antes e depois da escola, com ou sem meios literários de reprodução, ela continuará presente em nosso cotidiano, pois é a própria cultura em sua forma mais natural de perpetuamento. Fundamentalmente necessária ao processo de humanização. Presente nas mais diferentes civilizações, continua sendo tema de debates com os quais busca-se seu aperfeiçoamento.

Para Freire (2015), a educação é uma relação dinâmica onde educador e educando aprendem juntos, onde a prática, orientada pela teoria, reorienta essa teoria, criando um processo de constante reedição e aperfeiçoamento. A educação sendo uma experiência especificamente humana, deve gerar uma forma de intervenção no mundo, como também sua “reinvenção”, e cabe a nós, através do conhecimento reeditá-lo, interferindo na sua reconstrução, baseando-se na produção de conhecimento e na ação-reflexão de todos os envolvidos nesse processo. O autor explicita em sua obra “Pedagogia da autonomia” o caráter político e ético presente na educação, dos quais a mesma não pode se eximir. Estando ligada à habilitação científica e técnica, tem a missão de capacitar para a prática da ciência e trabalhos tecnológicos, e ao mesmo tempo deve possuir um compromisso de respeito pelos saberes dos educandos.

Demo (2015) a define educação como um processo de formação da competência humana, com qualidade formal e política. O autor defende verazmente o “educar pela pesquisa”, referindo-se à educação escolar. Demo critica a imperícia da aula copiada, e outros costumes ultrapassados. Afirmando que é desejável que o professor se torne, não um pesquisador profissional, mas um profissional que maneje a pesquisa como princípio científico e educativo, em uma atitude cotidiana, não esporádica. O autor explica que, “o que melhor distingue a educação escolar de outros tipos e espaços educativos é o fazer-se e refazer-se na e pela pesquisa”. Sem receitas prontas, o professor passaria a ser um parceiro do estudante. Que construiria seu conhecimento de forma autogestionária.

Gadotti (2003) assevera que a educação não é omissa, e nem pode ser indiferente diante da sociedade atual, pois a omissão é também uma forma de intervenção. E embora exista diversidade de pontos de vista concernentes ao seu papel, podemos compilar quatro objetivos que se repetem nas muitas visões de educação:

- ✓ Assegurar que os conhecimentos adquiridos pela humanidade sejam perpetuados através das gerações futuras;

- ✓ Intervir na realidade social e natural, apropriando-se da ciência e da tecnologia para suplantando o amadorismo;
- ✓ Desenvolver nas pessoas o pensamento crítico, equipando-as para a tomada de decisões, a fim de que estas sejam as mais acertadas, quer seja no âmbito político ou profissional, exercendo sua cidadania e prezando pela democracia;
- ✓ Oportunizar o crescimento de cada ser humano para amadurecer e exercer sua vocação;

A Educação nos dias atuais precisa romper com os problemas crônicos que a acompanham, deve servir para formar intelectual, social e eticamente as comunidades humanas, preparar as gerações para o mundo do trabalho e para a solução de problemas pessoais e globais. Uma conduta propositiva, onde a Geografia, em sua vertente mais crítica, é responsável por explicar a relação entre Terra e humanidade, nunca se apartando das motivações políticas e consequências sociais desse dueto. Alinhamento necessário também as demais ciências. Descolonizar a escola é valorizar os saberes regionais e entender que cada lugar tem peculiaridades e maneiras próprias de ser e de se reinventar, seja na agricultura, nas artes ou mesmo no método científico. Não precisamos copiar moldes que não nos comportam. Dentro da escola deve haver espaço, voz, pluralismo e possibilidades de crescimento para professores e estudantes indistintamente. Democratizar a educação vai além de oferecer vagas nas salas de aula. É trazer os estudantes para dentro do processo de escolha, fazê-lo artífice da sua própria aprendizagem.

## 1.2 RAÍZES ESCOLARES DO BRASIL

*“Graças a Deus tive casa e colégio. Aqui no Brasil isso é privilégio” – BRAZA*

A trajetória escolar brasileira se inicia em 1549, em Salvador, com a inauguração de escola elementar, administrada pelos jesuítas. A intenção era ensinar o português aos indígenas, abrindo veredas para a colonização, e o suavizado domínio ideológico. As escolas inauguradas posteriormente, seguiram a mesma visão. Após a expulsão dos jesuítas (promovida no período pombalino a partir de 1759), as chamadas “aulas régias” passaram a ser ministradas por pessoas de confiança eleitas pela coroa. Houve então, pela forte influência das ideias iluministas e do pensamento liberal, uma formação baseada nos ideais burgueses e não mais centrada na religião.

Em 1824 a Constituição Política do Império do Brasil declara educação primária e gratuita a todos os cidadãos brasileiros. Um direito falho para a população livre, e negado aos que estavam sob escravidão, embora os senhores pudessem pagar para que os escravos recebessem aulas, isso acontecesse muito raramente. O ensino secundário era exclusivamente oferecido aos que de alguma forma possuíam prestígio social, perpetuando assim a mesma liderança que regia o país.

Com a abolição da escravatura em 1888, o Brasil corre em direção a endoculturação, usando a educação como trampolim. Homogeneizar a cultura brasileira, “educar” a população, eram ambições previstas e ao mesmo tempo difíceis de serem aplicadas. Porém, alguns avanços positivos obtiveram destaque após esse período, são eles:

- ✓ A criação do Ministério da Educação;
- ✓ Introdução do ensino laico;
- ✓ Mais debates em torno das reformas escolares, muito influenciadas pela “Nova Escola”, de Jonh Dewey;
- ✓ Estabelecimento da Lei de Diretrizes e bases na educação (que até agora sofreu três versões nos anos de 1961, 1971 e 1996);
- ✓ Movimento dos pioneiros da educação nova, em 1932;
- ✓ Mais uma vez convocados, 1959;

O “Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova”, foi um documento relevante, que trouxe à tona importantes assuntos e contribuições ao pensamento escolar brasileiro. Pensado por profissionais renomados, reivindicava a participação eficaz do Estado na organização de um plano geral de Educação que definisse a bandeira de uma escola única, laica, obrigatória e gratuita, já que:

Na hierarquia dos problemas nacionais, nenhum sobreleva em importância e gravidade ao da educação. Nem mesmo os de caráter econômico lhe podem disputar a primazia nos planos de reconstrução nacional (O MANIFESTO DOS PIONEIROS DA EDUCAÇÃO NOVA, 2006, p. 188).

A carta sugeria aumentar os investimentos em educação, com a mesma intensidade com que se investira na integração do território nacional. Mas a principal preocupação do Manifesto dos Pioneiros, era estabelecer bases filosóficas e estruturais sobre a educação, algo que até então não existia, o que mantinha as políticas educativas à deriva. Fazendo com que o Brasil não tivesse uma visão global da educação, muito menos concordância sobre a finalidade ou o conteúdo real dos ideais educacionais. Pela primeira vez, a importância da continuidade da formação dos professores e a necessidade de uma pecúnia, destinada exclusivamente a conjuntura educativa fora legitimada.

Brota aqui a concepção escolanovista, que visava oferecer tanto a criança, quanto ao jovem, subsídios para o seu desenvolvimento integral, como ser dotado de personalidade e singularidade. O escolanovismo divulgado na carta, foi fruto das influências de John Dewey<sup>1</sup>, que teve em Anísio Teixeira<sup>2</sup>, adjunto do manifesto, um discípulo e grande divulgador de suas ideias.

A escola que tem sido um aparelho formal rígido, sem diferenciação regional, inteiramente desintegrado em relação ao meio social, passará a ser um organismo vivo, com uma estrutura social organizada a maneira de uma comunidade palpitante pela solução de seus problemas. Mas, se a escola deve ser uma comunidade em miniatura, e se em toda comunidade as atividades manuais, motoras ou construtoras “constituem as funções predominantes da vida”, é natural que ela inicie os estudantes nessas atividades, pondo-os em contato com o ambiente e com a vida ativa que os rodeia, para que eles possam dessa forma, possuí-la, apreciá-la e senti-la de acordo com as aptidões e possibilidades (WETSBROOK, 2010).

O ideário de Dewey estimulou a adoção de suas práticas em escolas brasileiras, e ao mesmo tempo lhe renderam críticas pois era acusado de ofertar um ensino alienante, por não abordar de forma direta o aspecto social da escola.

A alta seletividade das escolas na década de 50 tornou-se um mecanismo de exclusão, a partir do momento em que a abstraía um número seletivo de melhores estudantes (quer fosse pela classe social ou intelectualidade), e aqueles que, segundo seus parâmetros, não fossem bons o suficiente, simplesmente não davam continuidade aos estudos. Em 1950 apenas 1,4% do PIB era investido em Educação, acreditando-se que esta seria um subproduto do desenvolvimento econômico, o que a essa altura, pudemos comprovar não ter necessariamente nenhuma ligação.

Nesse pequeno recorte, acompanhamos a história da escola brasileira que se mistura com a própria história do povo brasileiro, suas lutas, conquistas, e seu reconhecimento por parte do poder vigente, que na maioria dos casos era pautada no interesse dos mais abastados. E que, mesmo quando os interesses de mudança tropeçam nos interesses daqueles que se dedicam a preservar a ordem vigente, continua-se lutando (DEWEY apud WESTBROOK, 2010, p. 31).

[...] toda educação é política e [...] na maioria das vezes, constitui-se, em função dos sistemas de educação implantados pelos Estados modernos, num processo do qual as classes dominantes preparam a mentalidade, a ideologia, a conduta das crianças para reproduzirem a mesma sociedade e não para transformá-la. (GADOTTI, 2003).

---

1 Considerado o filósofo norte-americano mais importante da primeira metade do século XX. Pai da escola pragmática que unia teoria à prática, também chamada de escolanovismo.

2 Considerado o fundador da escola pública, perseguido durante a ditadura militar pelas suas ideias, traduziu importantes textos de Dewey para o português.

“Ensinar exige reconhecer que a educação é ideológica”. Cabendo aos envolvidos inquirirem se esse serviço está de fato servindo ao povo: combatendo preconceitos de forma ética. Ou apenas “miopizando” a visão da realidade através da naturalização do desmantelo

social. Ignorando os saberes que os estudantes trazem de casa, suas curiosidades e sonhos, tão dignos de consideração e educativos quanto qualquer outro objeto didático (FREIRE, 2015 p.122).

Um dos principais marcos para a educação no país foi a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases em 1961, assinada por João Goulart, após mais de 13 anos de tramitação por ter se tornado um objeto de disputa política de diferentes grupos. Dez anos depois, em 1971 o governo militar instituiu a segunda reforma na educação, criando o ensino profissional obrigatório em todo território nacional, passou a objetivar a formação em mais de cem profissões, tendo determinado um prazo para que as escolas se adequassem a nova roupagem. O governo alegou que a decisão fora tomada tendo em vista a preparação de mão-de-obra em meio ao aquecimento da economia, devido o processo de industrialização do Brasil. Mas na mesma época jornais já preconizavam sobre a dificuldade de oferecer o ensino técnico de forma responsável, pois mesmo itens básicos eram escassos. Por conta disso e de outras evidências é que alguns estudiosos afirmam que o objetivo era economizar com o Ensino Superior, diminuindo a demanda que era crescente na época, pois as provas para ingresso na faculdade pública não eram classificatórias como agora, bastava ter determinada média e o estudante tinha direito a vaga (em tese). Por isso muitas pessoas ficavam de fora, e pressionavam as autoridades para que criassem novas turmas, e atendessem o público de forma justa.

### 1.3 LINHA DO TEMPO DO ENSINO MÉDIO E SEUS DESAFIOS

Os indicadores de acesso e permanência dos adolescentes de 15 a 17 anos melhorou nas duas últimas décadas do século XX e segue avançando, devido aos investimentos e mudanças legislativas na educação, porém ainda se faz necessário um esforço, e um foco maior por parte do poder público e da sociedade brasileira para que a universalização não comprometa a qualidade.

Em 2014 a UNICEF – Fundo das Nações Unidas pela Infância, lançou uma cartilha como resultado de uma densa pesquisa sobre a juventude brasileira, contendo os 10 desafios para o Ensino Médio no Brasil, promovendo uma verdadeira radiografia sobre as diferenciações regionais, número de estabelecimentos, formação dos professores e outros dados. A seguir, temos a linha do tempo do Ensino Médio brasileiro traçada pela Unicef (dados até 2014), e demais atualizações que sucederam esse período:

1996 – **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)**: promulgada a lei que define e estabelece as regras de funcionamento do sistema de educação brasileiro com base na Constituição.

1997– **Reforma do Ensino Profissionalizante**: separação do ensino médio regular do ensino profissionalizante.

1998 – **Exame Nacional do Ensino Médio (Enem)**: início do Enem, avaliação não obrigatória criada com o objetivo de aferir as competências e as habilidades desenvolvidas pelos estudantes ao longo da educação básica.

2000 – **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**: criadas as referências básicas para a formulação de matrizes curriculares.

2004 – **Decreto n° 5.154**: estabelecimento da educação profissionalizante de nível técnico como uma modalidade integrada, concomitante ou subsequente ao ensino médio regular.

2006 – **Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (Fundeb)**: criado como mecanismo de financiamento de toda a educação básica, em todos os níveis e modalidades. É baseado em fundos compostos de recursos federais, estaduais e municipais e entra em vigor no ano seguinte.

2007 – **Programa Brasil Profissionalizado**: a intenção do programa é o fortalecimento das redes estaduais de educação profissional e tecnológica, por meio da modernização e da expansão das redes públicas de ensino médio integradas à educação profissional.

2009 – **Ampliação da obrigatoriedade de ensino**: com a Emenda Constitucional no 59, o direito à educação é estendido dos 4 aos 17 anos, incluindo a pré-escola e o ensino médio.

2009 – **Programa Ensino Médio Inovador (ProEMI)**: criado como estratégia do governo federal para induzir a reestruturação dos currículos do ensino médio, ampliar o tempo de permanência na escola e diversificar as práticas pedagógicas.

2009 – **Novo Enem**: o Enem é reformulado, de modo a viabilizar a sua utilização como mecanismo de seleção das universidades federais e induzir a reestruturação dos currículos de ensino médio.

2011– **Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec)**: visa a ampliação da oferta de educação profissionalizante e tecnológica.

2012 – **Novas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**: marca a reformulação das Diretrizes vigentes desde 1998.

2013 – **Pacto Nacional pelo Fortalecimento do Ensino Médio**: começo da iniciativa focada na formação continuada de professores do ensino médio.

2016 – **PEC 241/55**: Aprovada durante o governo Temer, na tentativa de estabilizar as contas públicas e retomar a economia do país, congelando os gastos públicos por 20 anos, o que engloba as contas com saúde, previdência e educação. O que pode inviabilizar o cumprimento das metas do Plano Nacional da Educação.

2017 – **Reforma do Ensino Médio:** Rodeada por polêmicas, prevê a flexibilização do currículo, permitindo ao estudantes direcionar seus estudos à uma área de maior interesse, e de aproximação com o mercado de trabalho. Recebeu duras críticas por não ter sido debatida com a população civil, pelos os obstáculos quanto a implementação e por ignorar as principais pendências que se referem à segurança, infraestrutura e assiduidade dos professores. E torna optativa alguns dos componentes curriculares, propiciando ao estudante a escolha de uma área eletiva onde ele poderá aprofundar seus conhecimentos ou realizar curso técnico. Essas modificações são vistas como melhorias pelo governo, mas entre os especialistas, estudantes e professores as opiniões divergem. Afinal, qual interesse está por trás de mais uma medida política-educativa? Será que as mudanças podem contribuir para um ensino médio restaurador e promoção da equidade? A quem isso beneficiará/prejudicará? O novo Ensino Médio poderá não passar de uma reestruturação conservadora, se influenciado exclusivamente pela lógica de mercado.

2018 – **Mudança no ENEM:** a proposta a ser implementada a partir de 2021 propõe que a prova passe a ser dividida em dois dias, no primeiro serão cobrados os assuntos comuns à BNCC, e no segundo o estudante poderá optar por fazer um teste de acordo com sua área de escolha profissional, baseando-se em linguagens, matemática, ciências da natureza, ciências humanas ou ensino técnico.

Voltando a Lei de Diretrizes e Bases. Nota-se que a primeira LDB (4.024/61) foi rodeada de discussões. De um lado tivemos os estatistas (alegando que o Estado vem antes do indivíduo, e que por isso a educação deveria funcionar para o bem de toda a sociedade), admitiam a criação de escolas particulares somente com a liberação do Estado. Em contrapartida, existia a bancada liberal que alegava que a educação era função da família, portanto ela deveria escolher dentre as instituições particulares qual seria ideal para a matrícula dos filhos, ficando o Estado com a missão de propiciar bolsas de estudo nessas instituições às famílias humildes. Depois de anos de discussão, e de muitas trocas de governo que adiavam a finalização do texto, fora aprovado pelo Congresso uma versão que conseguiu mesclar as duas visões, ainda que as propostas dos liberais tenham logrado maior êxito. Prevendo:

- ✓ Ensino Médio ministrado apenas por professores formados em nível superior;
- ✓ Permissão para o ensino experimental;
- ✓ Mudanças na administração escolar, delegava maiores responsabilidades aos órgãos estaduais e municipais quanto à administração escolar, apontando o empenho de 12% do orçamento da União e 20% dos municípios com a educação;

A segunda LDB, que se trata de uma reformulação da primeira, foi aprovada durante o regime militar em 11 de agosto de 1971, previa:

- ✓ Ensino Médio Técnico;
- ✓ Formação do professor para o ensino de 1º e 2º grau em curso de nível superior ao nível de graduação;
- ✓ Permissão para o ensino experimental;
- ✓ Progressiva substituição do ensino de 2º grau gratuito por sistema de bolsas com restituição;
- ✓ Gasto municipal de 20% do seu orçamento com educação, não era determinada dotação orçamentária para a União ou para os estados;

Nota-se a diferenciação de uma para outra, mudanças sutis, mas que configuram a grosso modo, um passo atrás nas políticas educacionais.

Com a Constituição de 1988, viu-se a necessidade de recriar uma nova LDB 9.394°, que foi sancionada em 1996, das quais destacam-se:

- ✓ Gestão democrática do ensino público e progressiva autonomia pedagógica e administrativa e de gestão financeira das unidades escolares;
- ✓ Educação básica obrigatória e gratuita, a partir dos 04 anos de idade;
- ✓ Prevê um núcleo comum para o currículo do ensino fundamental e médio e uma parte diversificada em função das peculiaridades locais;
- ✓ Formação de docentes para atuar na educação básica em curso de nível superior, sendo aceito para a educação infantil e as quatro primeiras séries do fundamental, formação em curso Normal do ensino médio;
- ✓ A União deve gastar no mínimo 18% e os estados e municípios no mínimo 25% de seus respectivos orçamentos na manutenção e desenvolvimento do ensino público;
- ✓ Prevê a criação do Plano Nacional de Educação;

A análise das modificações sofridas pelas LDBs, tem enfoque nas suas políticas de acesso, permanência e qualidade da escola. Demonstram que em alguns casos até mesmo a gratuidade do ensino foi ameaçada, assim como a falta de exigência do nível superior para a profissão docente atuante no Médio, sem contar na ausência de um percentual específico de insumos advindos dos estados e da União para que fossem convertidos na educação nos municípios.

O incentivo à matrícula nas redes de ensino, somado à demanda inédita, desencadeou a “escola fábrica”, ou escola para as massas, cujo objetivo era formar o máximo de pessoas, no menor tempo e com os menores custos, evidenciando que as mudanças foram sobretudo

baseadas no processo de industrialização, seguindo a necessidade mercadológica de mão de obra letrada. E mimetizava o mesmo modelo fabril, caracterizado pela compartimentação e fragmentação do saber. O ponto positivo, fora o decréscimo da taxa de analfabetismo no país, obtida através do Movimento Brasileiro de Alfabetização, voltado para o atendimento de jovens e adultos.

A última Lei de Diretrizes e Bases de 1996, avança sobre as anteriores ao assegurar vaga, gratuidade, e ao outorgar a autonomia e gestão democrática às escolas. Levando em conta suas particularidades e necessidades locais. Conta também com a idealização do Plano Nacional de Educação, que garante o compromisso e monitoramento do Brasil no cenário escolar, e que é o epicentro das atuais políticas públicas educativas, agindo como instrumento de planejamento do Estado. O documento lançou 20 metas a serem alcançadas até 2024, através de 254 estratégias.

**Art. 2º** São diretrizes do PNE:

- I – erradicação do analfabetismo;
- II – universalização do atendimento escolar;
- III – superação das desigualdades educacionais, com ênfase na promoção da cidadania e na erradicação de todas as formas de discriminação;
- IV – melhoria da qualidade da educação;
- V – formação para o trabalho e para a cidadania, com ênfase nos valores morais e éticos em que se fundamenta a sociedade;
- VI – promoção do princípio da gestão democrática da educação pública;
- VII – promoção humanística, científica, cultural e tecnológica do país;
- VIII – estabelecimento de meta de aplicação de recursos públicos em educação como proporção do Produto Interno Bruto (PIB), que assegure atendimento às necessidades de expansão, com padrão de qualidade e equidade;
- IX – valorização dos(as) profissionais da educação;
- X – promoção dos princípios do respeito aos direitos humanos, à diversidade e à sustentabilidade socioambiental. (BRASIL, 2014).

O papel de monitoração do plano fica a cargo de quatro instâncias: MEC, Conselho Nacional de Educação, Comissões de Educação da Câmara dos Deputados e Comissão de Educação, Cultura e Esporte do Senado Federal, além do Fórum Nacional de Educação. Cabendo a eles assegurar a implementação das táticas, além de revisar o percentual financeiro investido.

De acordo com a vigésima meta, o Brasil ampliaria o investimento gradativamente, de modo que em dez anos, sejam encaminhados no mínimo 10% do Produto Interno Bruto (PIB) para todos os níveis educacionais. Mesmo em tempos de “corte orçamentário”, investir na educação deve ser primazia.

[...] o relatório de 2016 da OCDE, revelou que o Brasil foi o terceiro país que mais realizou investimentos na área de educação nos últimos anos, em um grupo de 38 países. 16,1% dos investimentos públicos foram canalizados para a educação, superior aos 11,3% de média dos membros da organização. Apesar desses dados positivos, um indicador revela que ainda deixamos muito a desejar no investimento da educação: em termos gastos por estudantes, o Brasil ainda está muito atrás. Segundo relatório de

2016 da OCDE, gastamos anualmente US\$ 4.318,00 por estudante (desde o ensino fundamental até o superior). A média da OCDE é de US\$ 9.317,00. Ou seja, apesar dos recentes incrementos, ainda há espaço para maiores aportes para a educação brasileira, se tomarmos por base países outros países, que investem proporcionalmente muito mais recursos em seus estudantes. (BLUME,2017)

Schwartzman<sup>3</sup> rebate o PNE, pois o documento foi construído e embasado por ideias trazidas por participantes de centenas de conferências municipais, estaduais e nacionais de anos anteriores, o que é válido por seu caráter participativo, e pela boa intencionalidade, muito embora, segundo o pesquisador, não seja suficiente para definir metas dessa envergadura.

O Brasil deveria para além da consulta popular, beber na fonte de pesquisas modernas que apontam para soluções efetivas no campo educacional, pois

[...] o simples aumento de gastos não garante a melhora na educação e que não basta transcrever os desejos em lei para que se tornem realidade. A melhoria na educação depende de diagnósticos claros baseados em evidências, das causas dos problemas, e políticas consistentes e de longo prazo para, entre outras coisas melhorar o gerenciamento das redes e escolas públicas, assegurar a qualidade e a formação dos professores (que é muito diferente da simples titulação). (SCHWARTZMAN, 2016).

Muitas foram as mudanças introduzidas à legislação educacional, algumas geraram estagnação, retrocesso. Mas a maioria delas soou positivamente, propiciando a liberação de recursos financeiros para diferentes projetos, bolsas-auxílio, aumento do número de salas de aula, investimento tecnológico. Contudo, quando comparado a outros países, até mesmo de menores economias, apresentamos resultados negativos. Por exemplo, no Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA) realizado em 2015, o Brasil ficou entre os 5 piores desempenhos em um grupo de 70 países. E uma pesquisa realizada pelo Instituto Alfa e Beto em 2016, concluiu que apenas 10% dos vestibulandos atingiu o potencial básico esperado de um estudantes finalista. Atividades elementares como: o domínio da escrita formal, resolução de operações matemáticas, e conhecimento de conceitos basilares, são privilégio da minoria.

De acordo com o Censo Escolar da Educação básica, divulgado no site G1, relacionando o ano de 2016 a 2017, temos uma queda de 2,9% do número de matrículas no Ensino Médio. Foram 6.878.762 matrículas no ano retrasado para 6.682.515 no ano passado.

---

<sup>3</sup> Simon Schwartzman é cientista político, ex-presidente do IBGE e membro da Academia Brasileira de Ciências.

Apesar do número significativo, essa etapa da escolarização ainda representa o maior índice de abandono, e não-aprovação. Significa dizer que, apesar de oferecido praticamente sem restrições à população e de toda a legislação estabelecida, a fim de promover o acesso à

educação de qualidade, o Brasil ainda precisa solucionar o problema da evasão, que além de gerar prejuízo aos cofres públicos, propaga cárceres intelectuais e sociais na nação.

Ponderando isto, o governo, através de debates e negociações com diferentes atores educacionais, tramitou uma nova Base Nacional Comum Curricular do Ensino Médio (BNCC), que foi disponibilizada este ano e alvo de muitas críticas. Ela define

... o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os estudantes devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE). Este documento normativo aplica-se exclusivamente à educação escolar, tal como a define o § 1º do Artigo 1º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996), e está orientado pelos princípios éticos, políticos e estéticos que visam à formação humana integral e à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva, como fundamentado nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN)” (BRASIL. Base Nacional Comum Curricular, 2017)

Espera-se que a BNCC aja como balizadora da qualidade de aprendizagem, e que aliance os poderes executivo, legislativo e judiciário, superando a custosa fragmentação das políticas educacionais. Como a mudança na base é recente e ainda não foi implantada temos questões atuais para discutir e uma delas é o sistema de ingresso nas escolas de Ensino Médio de turno Integral, também chamadas de Centros de Excelência, e que se destacam pelas melhores condições a respeito do que é oferecido ao corpo estudantil. O processo seletivo consiste na apuração das notas da série anterior, o que acaba elegendo somente os “melhores” para a fase da matrícula. Movendo assim, ainda que sorratamente, a responsabilidade do acesso à educação de qualidade do governo, para os estudantes. Indo contra a legislação que advoga educação de qualidade é direito de todos. Os problemas aqui descritos serão sanados através do comprometimento de diferentes agentes, pois se essa resistência encontra guarita na práxis escolar, somente através dela, serão rompidas. Nas palavras de Paulo Freire “ensinar exige a convicção de que a mudança é possível”.

Está claro, diante do arsenal de pesquisas de cunho educacional, que o ponto nevrálgico da crise é a distância entre o que é proposto nos pactos e resguardado por lei, em detrimento à realidade da prática escolar, que é fortemente marcada por variáveis não apenas pedagógicas, como também sociais. Tais problemas requerem implementações verticais e horizontais para que sejam mitigados. Medidas que atentem para o percurso histórico do processo educacional, invistam de forma consistente na preparação e forma de recrutamento dos professores, e na mudança das práticas. Viabilizando uma educação que vise a emancipação da cidadania, deslegitimando o processo de exclusão da qual a escola é cúmplice.

Para não sermos simplistas, ao tratar da escola como espaço importante de aprendizagem, salientamos que aprender é quase sempre uma integração dialética entre o educativo e o instrutivo, o primeiro se atende à formação de valores, de sentimentos que nos coligam, escolhas éticas, reconhecimento do outro. E a segunda, corresponde ao processo de criar meios facilitadores para o desenvolvimento da inteligência humana em todas as suas esferas (FERNANDÉZ, 1998). Nem sempre a comunidade escolar está ciente desse silencioso processo e algumas vezes se embrenha no conteudismo profuso, ao invés de focar nas habilidades a serem desenvolvidas das quais trataremos mais adiante. Quando o próprio professor faz separação entre educação e instrução, se enfraquecem as situações de diálogo, interlocução e cooperação. Onde os estudantes facilmente aprenderiam a formular, operar conceitos e manusear o que fora apreendido.

A liberdade, iniciativa e pesquisa devem ser pilares no processo criativo da vida em sala de aula, já que atualmente a aquisição de informações é mediada pelas tecnologias. Isso tem ressignificado o papel do educador, convidando-o a ser um mediador entre os discentes, que exercita a interpretação, relação e contextualização dos elementos/conhecimentos, em outras palavras, ajudando a “ler o mundo”. Evitando assim que os estudantes estejam submersos em uma verdadeira overdose de informações, quase nada educativa. Saber filtrar o importante no meio do ordinário, o verdadeiro na era das “fakes news”, resumidamente: ensinar melhor ao invés de ensinar mais. Passando de uma aprendizagem mecânica, para uma aprendizagem significativa.

O professor deixa de expor oralmente o saber, e passa a organizar a execução do trabalho dos estudantes, envolvendo-os, constituindo-os agentes de sua própria aprendizagem. Abaixo temos uma parca mostra de habilidades operatórias a serem desenvolvidas no Ensino Médio. É claro que elas frequentemente transitam, as que aqui foram destacadas são apenas um exemplo alinhado a faixa etária e nível de desenvolvimento esperado. Aprendemos melhor quando nos é proposta a estimulação de mais de uma ação cerebral. Por exemplo, o professor traz uma música para a sala de aula, e pede que os estudantes debatam sobre o significado, contextuem, parodiem, comparem e interpretem. Logo isso envolve a turma, e torna-se parte de uma metodologia ativa. O quadro abaixo é uma proposta de habilidades operatórias, e baseada nas ideias de Antunes (2005).



**Tabela 1. Habilidades operatórias**

Fonte: CARVALHO, Mirian – 2017

Em todas as fases educacionais, os estudantes precisam receber estímulos, através de metodologias diversificadas, que os coloque diante de desafios que meschem o domínio operatório com o domínio socioemocional. Ler o mundo, dentro da perspectiva da Geografia, inclui por exemplo, saber especificar as características das regiões, refletir sobre o impacto das mudanças climáticas, levantar hipóteses sobre a origem da pobreza e da riqueza no mundo. Com isso quero explicar que habilidades operacionais, cognitivas, são indispensáveis para o amadurecimento geral do estudante.

Uma pesquisa americana feita pela National Research Council destacou o que se espera que os estudantes alcancem nos seus ciclos escolares, nos seus futuros trabalhos e em outros aspectos da vida. Realizada por educadores, psicólogos e economistas, visava identificar as habilidades com o intuito de preparar as políticas públicas em acordo, e a fim de que a gestão escolar, professores e psicólogos saibam exatamente as qualidades necessárias ao desenvolvimento dos jovens, canalizando a escola para somar com esse objetivo.

Chamadas de habilidades do século XXI, ou habilidades socioemocionais, são um conjunto de comportamentos e aptidões que preparam os estudantes, sobretudo para a vida em sociedade. Elas foram divididas em três grandes domínios. O primeiro deles é o cognitivo, que é aquele que envolve estratégias e processos de aprendizado, criatividade, memória, pensamento crítico; é o que está relacionado à aprendizagem mais tradicional. Segundo os autores, essa é a dimensão em que se tem uma oferta mais farta de pesquisas e, por isso, há claras evidências de que o bom desempenho nessa área traz bons resultados posteriores na vida

dos estudantes. Os outros dois domínios, bem menos estudados, são o intrapessoal e o interpessoal. O primeiro tem relação com a capacidade de lidar com emoções e moldar comportamentos para atingir objetivos. Já o segundo envolve a habilidade de expressar ideias, interpretar e responder aos estímulos de outras pessoas. Os três domínios, no entanto, não são estanques. Existindo sempre uma intersecção entre eles (GOMES, 2012).



**Tabela 2.** Habilidades socioemocionais para o séc. XXI  
**Fonte:** CARVALHO, Mirian – 2017

Em outras conceituações, as habilidades são descritas como um saber-fazer que requiere certa prática mental. Já as competências, consistem no tripé: conhecimento (saberes), habilidades, e atitudes (saber-ser, aspectos éticos, solidariedade, cooperação).

Na BNCC, competência é definida como a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho. Ao definir essas competências, a BNCC reconhece que a “educação deve afirmar valores e estimular ações que contribuam para a transformação da sociedade, tornando-a mais humana, socialmente justa e, também, voltada para a preservação da natureza” (BRASIL, 2017)

Ao longo da educação básica, o estudante deve adquirir as competências para:

1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções com base nos conhecimentos das diferentes áreas.

3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.

4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.

5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.

6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.

7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.

8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.

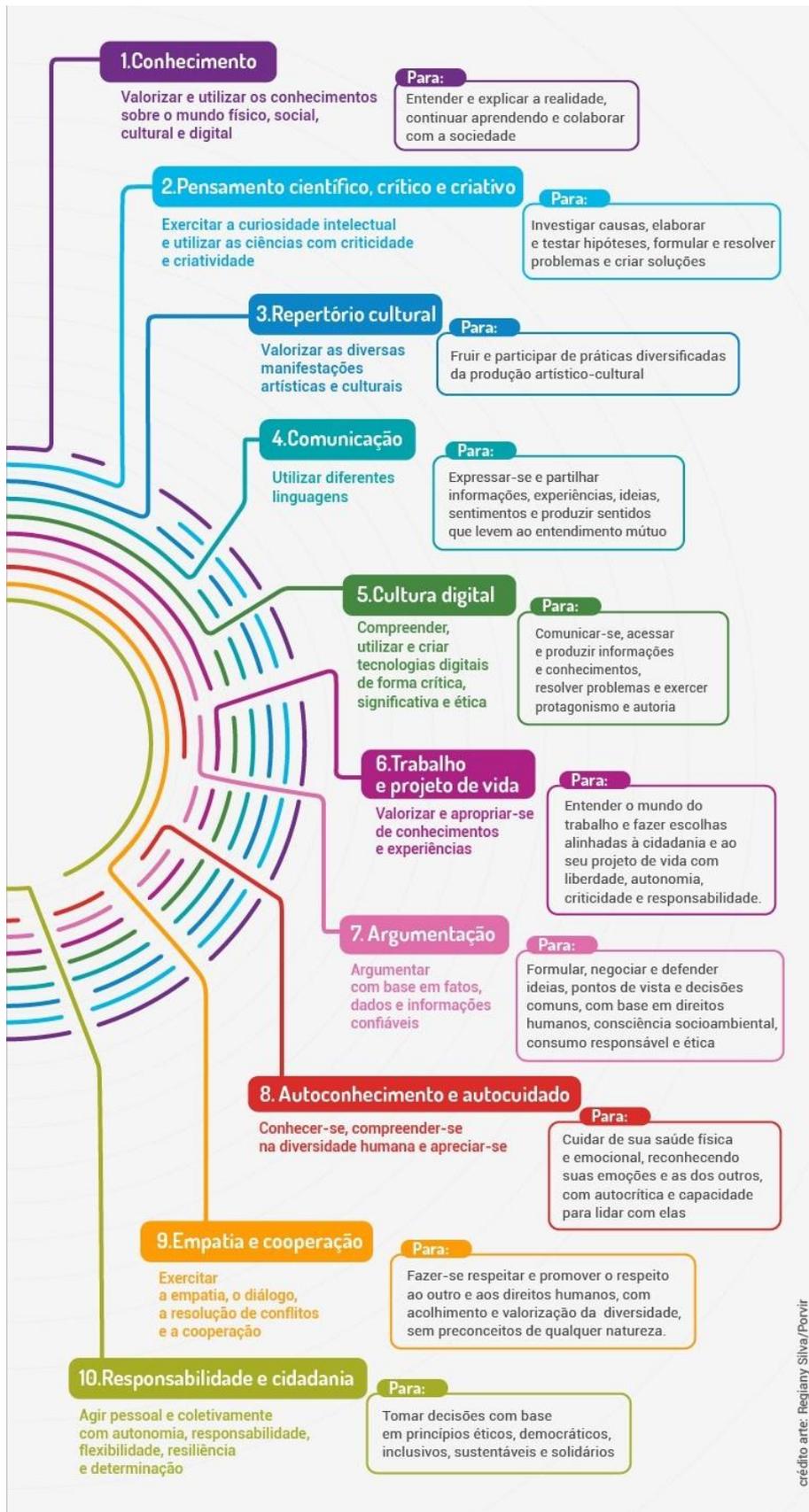
9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.

10. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários. (BRASIL, 2017)

Tais competências tendem a desenvolver um ambiente mais propício à aprendizagem, gerando a detecção e o aprimoramento das inteligências múltiplas (linguística, espacial, intrapessoal, lógico-matemática, naturalista, interpessoal, sonora e corporal). Fazendo com que estudantes compreendam a si mesmos e reconheçam uns nos outros os talentos e predisposições inatas, o que leva a autoconhecimento e melhora na autoestima. Aprendendo a reconhecer desde cedo suas potencialidades. Outras benesses dessa abordagem são:

- ✓ Pontualidade e organização para valorização do bem-estar coletivo.
- Habilidade na gerência de conflitos que podem ou não serem resolvidos;
- ✓ Honestidade de uns para com os outros. Pois diante da confiança e acessibilidade ao professor e aos colegas, o estudante se sente mais confiante para realizar suas atividades, sem que para isso seja necessário recorrer a subterfúgios como “colas” e cópias de caderno;
- ✓ Interesse mútuo por uma aprendizagem significativa;
- ✓ Cooperação, colaboração e diminuição da rivalidade negativa;
- ✓ Respeito a atenção a fala do outro;
- ✓ Reconhecimento de que a aprendizagem se dá de maneira diferentes em cada ser humano;

Toda essa teorização ainda é distante da realidade da maioria das escolas brasileiras, mas é a “miragem” que todo profissional da educação deve fitar. Pois é apenas através dessa obsessão por algo sublime, muitas vezes visto como ficcional, que vamos reinventar a prática. Trabalhar habilidades operacionais, socioemocionais e as competências, exige um rompimento custoso. Pois existem inúmeros empecilhos para a execução de um projeto escolar mais vivaz. A notícia animadora é que são muitos os interessados em uma abordagem mais humana, crítica e transformadora. Dentro do sistema rígido, é necessário criar alternativas que tragam solidez as ambições citadas.



**Figura 3:** Competências gerais da Base Nacional Comum Curricular.  
**Fonte:** Silva, Regiany. Instituto Porvir.

Essa visão mais atualizada da educação precisa entrar de fato na pauta e na prática diária das unidades de ensino. A era que atravessamos pede o uso e a crescente familiaridade com as mais variadas tecnologias. O ensino médio brasileiro precisa de investimentos, tomando como termômetro aquilo que realmente tem trago mudanças positivas em outros modelos de escola. Abolindo a ensinagem desconexa, ampliando o acesso a inovação no campo educativo, pois, quando este é obstaculizado, a escola tende a “parar no tempo”, quanto aos seus métodos, tornando-se obsoleta por não corresponder as demandas do mundo hodierno.

A geração Z, composta pelos nascidos a partir de 1995 é composta de um público frenético por estímulos e conectividade, que possui contato excessivo com informações e que justamente por essa característica tende a não se aprofundar em nenhum deles. É a geração autodidata que orbita no universo das TICs e é muito ativa nas redes sociais, onde as notícias, sobretudo “fake news” são compartilhadas de forma exponencial, sem que o usuário averigue sua fonte e veracidade. O que prova a maleabilidade diante da internet e a naturalização do descompromisso com a ética. O que a rede de computadores tem de informativa, pode ter de persuasiva.

Na escola, o uso da tecnologia precisa se tornar costumeiro, o que implica na responsabilidade de reaprendizagem do professor para manuseá-la, utilizando-a como ferramenta da *praxis*. E eventualmente alertando sobre o uso indevido como por exemplo: o vício em eletrônicos, a prática do *cyberbullying*, e manipulação de usuários por meio do controle de dados na internet.

Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, apontam que apenas no ano de 2016 haviam 116 milhões de pessoas conectadas a internet, 64,7% da população brasileira com mais de 10 anos. A maioria dos adolescentes possui pelo menos um aparelho celular por meio do qual se mantém conectado. Mas não basta saber onde encontrar “os domínios morfoclimáticos brasileiros”, e utilizar as informações em um seminário. A busca é pelo desenvolvimento da capacidade de analisar, identificar, elaborar, relacionar, compreender e aplicar o que está sendo aprendido. Traçando diversificadas conexões com aprendizagens anteriores, configurando na mente juvenil um modo investigativo de pensar. Nos capítulos posteriores aprofundaremos essa discussão sobre o uso das TICs e responsabilidade social da escola. E quase um consenso entre as escolas, um sistema educacional letárgico, um tanto primitivo, ligado a tradicionalismos que já não se aplicam à sociedade, mas que continuam sendo adotados. Fundamentado em ideologias positivistas, carece de uma abertura maior no âmbito pedagógico. Muitos autores discordam desse modelo e sugerem medidas que venham revolver a sala de aula, devolvendo a ela uma caracterização mais livre, de participação mais

democratizada. Uma dessas práticas antigas que continua vingando é a fragmentação do conhecimento em forma de disciplinas, e mesmo que se fale em interdisciplinaridade, ela ainda é muito pontual e em alguns lugares inexistente. Os assuntos não conversam, mais que isso, os assuntos não conversam com a vida cotidiana. O que desprestigia a escola, e é um dos muitos motivos que mantém o Ensino Médio na liderança da evasão escolar. A Geografia tem sua importância relegada, sendo ela, a ciência que media o diálogo entre homem, sociedade e natureza. Cujas vertentes crítica desnuda, denuncia e ajuda a combater os crimes das quais a sociedade é vítima e algoz. A Geografia é indispensável nesse processo de renovação da escola. E é isso que abordaremos no próximo capítulo com mais profundidade.

## **2. QUAL O PAPEL DA GEOGRAFIA NO ENSINO MÉDIO?**

### **2.1 A FUNÇÃO IDEAL DA CIÊNCIA GEOGRÁFICA**

Os primeiros geógrafos vão buscar suas orientações gerais em bases positivistas (aqui entendido como conjunto das correntes não-dialéticas), e essa visão empírica domina por muito tempo, não só as ciências, como também, governanças e a área educacional. As correntes geográficas que mais acompanharam o avanço dos discursos pedagógicos foram: a Nova Geografia, Geografia Crítica e a Geografia Humanística.

O discurso da Nova Geografia, se estabeleceu nos Estados Unidos e buscava na linguagem matemática, expressar e solucionar problemas de planejamento da organização do espaço, porém

...os valores que aparecem nas tabelas, nos gráficos e nos fluxogramas não são apenas números, mas valores capturados a uma grade que produz um saber sobre eles. O número traz um rótulo que incorpora um sistema de raciocínio que produz o modo como pensamos, vemos, agimos e falamos sobre o que ali está registrado” (TONINE, IVAINE MARIA 2006. p.60)

A análise mais aprofundada dos porquês por trás das sentenças sociais acabava sendo deixada de lado, por isso a Nova Geografia representou uma ramificação conservadora do discurso geográfico.

Já a Geografia Crítica da década de 60, teorizada pelos americanos Willian Bunge, David Harvey e o francês Yves Lacoste, apresenta crítica as contradições sociais geradas pelo capitalismo e desvencilha-se do empirismo da corrente anterior, fazendo a Geografia sair das classes dominantes para as classes populares.

O espaço geográfico, e sua leitura passa a ser mediada pela análise de categorias inéditas: trabalho assalariado, relações de produção, formação econômico-social descortinando

as razões das diferenciações econômicas, sociais e ambientais. O autor de livros didáticos Melhem Adas, foi responsável por trazer outros critérios para análise do espaço no Brasil: mundo capitalista versus mundo socialista. Fazendo com que a Geografia escolar ganhasse uma roupagem igualmente politizada. E posterior a ele, Ruy Moreira, Willian Vesentini, Carlos Walter Porto Gonçalves entre outros.

Em seguida, desponta um novo debate de tendências humanísticas, onde a discussão passa a ter um viés mais cultural, muito embora, na grande maioria dos livros didáticos, a noção de cultura continuasse a ser abordada pelos enfoques mais tradicionais e até mesmo caricatas: festas regionais e religiosas, indumentárias e ideias de comportamento generalizados de determinado povo, e de certa forma, limitando o conceito. Há, portanto, um esforço da Geografia Humanística de demonstrar que o próprio espaço geográfico existe devido um processo cultural de construção que não respeita fronteiras. Tendo o próprio Brasil como exemplo de miscigenação e confluências culturais.

É sabido que a sala de aula não acompanhou as transformações no mesmo ritmo, e entre resquícios de práticas pedagógicas ultrapassadas manteve-se majoritariamente antiquada. Utilizando-se ainda de eternos questionários, e extensos textos copiados na lousa. Chamado em 1985, por José Veríssimo, de “recitação ininteligente de lições decoradas”. O papel do estudante torna-se apático neste processo, o que podemos relacionar à liderança do Ensino Médio nos índices de evasão à péssima colocação do Brasil no PISA – Programa Internacional de Avaliação de Estudantes. Onde o Brasil fica entre os 5 piores numa relação de 70 países. Admitindo que não são estes os únicos fatores determinantes de seu insucesso.

Esse modelo criticado ainda permanece se forja através de sutis continuidades, prevalecendo nas aulas de Geografia. A metodologia dos professores está mais arraigada ao ensino do que à aprendizagem. São tantos assuntos previstos no calendário escolar, que não sobra tempo para se aprofundarem nos conceitos, fazendo uma análise mais aprofundada, desacelerando. Focar na simples reflexão é um luxo na escola conteudista. A maioria das escolas está apenas atropelando os jovens com matérias que pouco serventia terão para eles como estudante, e como pessoa. Pedro Demo afirma que “o conhecimento é apenas meio, para se tornar educativo, necessita orientar-se pela ética dos fins e dos valores” (DEMO, 2015, p.8)

O objetivo da investigação educativa não pode reduzir-se a produção de conhecimento para incrementar o corpo teórico do saber pedagógico, pois este não será útil nem relevante a menos que se incorpore ao pensamento e à ação dos agentes, dos professores/as e dos estudantes/as, assim, a intencionalidade e o sentido de toda investigação educativa é o aperfeiçoamento da prática” (GOMÉZ, 1998).

Os professores em geral, e aqui nos referimos em especial aqueles que fazem da Geografia seu objeto de estudo, necessitam pausar vez ou outra para realizar uma franca análise entre sua teoria e prática, verificando os hiatos entre essas duas colegas de trabalho, renovando suas propostas metodológicas e agindo como um professor-pesquisador, pois a Geografia é a ciência das atualidades, que no presente século modificam-se de uma forma caleidoscópica. Essa abordagem mais participante fará com que haja uma aproximação entre a geografia da universidade, com a geografia das escolas, trazendo assuntos atualizados e enriquecendo professores e estudantes que terão um debate para além do que se pode encontrar em sites de pesquisa rápida e do próprio livro didático.

Não vamos, contudo, eximir o próprio sistema escolar e a desvalorização do magistério de sua culpa, pois como bem sabemos a maioria dos professores vive sob uma carga horária causticante que faz com que não tenham tempo para se dedicar melhor a preparação das aulas. Problema que pode ser contornado através da boa vontade e colaboração dos órgãos responsáveis e diretorias escolares, oferecendo condições para que o corpo docente planeje, pesquise e se desenvolva com tranquilidade. Pois “ensinar exige convicção de que a mudança é possível” (FREIRE, 2015.p.74). Uma escola, e em especial, uma Geografia verdadeiramente útil à vida se faz mediante essa premissa.

A função da Geografia é proporcionar uma leitura do mundo a partir de um olhar capaz de captar as dinâmicas e processos que constituem, cotidianamente, o espaço geográfico. Além dessa leitura densa do mundo e suas transformações, deve ainda ser capaz de desenvolver nos estudantes a capacidade de escreverem sobre o mundo que vivem, utilizando de linguagens diversas, apresentadas na escola por diversas disciplinas escolares (SEDUC,2013 p. 58), possibilitando aos estudantes contato com a realidade territorial criada a partir da apropriação do meio geográfico pela sociedade.

Conforme as Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (PCNEM), a importância da Geografia está relacionada com as múltiplas possibilidades de ampliação dos conceitos da ciência geográfica, além de orientar a formação de um cidadão no sentido de aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser, reconhecendo as contradições e os conflitos existentes no mundo.

Nesse sentido, um dos objetivos da Geografia no ensino médio é a organização de conteúdos que permitam ao estudante aprendizagens significativas. Essa é uma concepção contida em teorias de aprendizagem que enfatizam a necessidade de considerar os conhecimentos prévios dos estudantes e o meio geográfico no qual ele está inserido. A escola e o professor devem, a partir do objetivo geral da proposta pedagógica adotada pela instituição

e dos parâmetros que norteiam a Geografia enquanto ciência e enquanto disciplina escolar, definir os objetivos específicos que, a título de referência, podem ser assim detalhados:

- ✓ Compreender e interpretar os fenômenos considerando as dimensões local, regional, nacional e mundial;
- ✓ Dominar as linguagens gráfica, cartográfica, corporal e iconográfica;
- ✓ Reconhecer as referências e os conjuntos espaciais, ter uma compreensão do mundo articulada ao lugar de vivência do estudante e ao seu cotidiano.

A nova Base Nacional Curricular do Ensino Médio (2018), descreve as competências desejáveis a serem alcançadas pelos estudantes, no cerne das ciências humanas e sociais:

1. Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir de procedimentos epistemológicos e científicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente com relação a esses processos e às possíveis relações entre eles.
2. Analisar a formação de territórios e fronteiras em diferentes tempos e espaços, mediante a compreensão dos processos sociais, políticos, econômicos e culturais geradores de conflito e negociação, desigualdade e igualdade, exclusão e inclusão e de situações que envolvam o exercício arbitrário do poder.
3. Contextualizar, analisar e avaliar criticamente as relações das sociedades com a natureza e seus impactos econômicos e socioambientais, com vistas à proposição de soluções que respeitem e promovam a consciência e a ética socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional, nacional e global.
4. Analisar as relações de produção, capital e trabalho em diferentes territórios, contextos e culturas, discutindo o papel dessas relações na construção, consolidação e transformação das sociedades.
5. Reconhecer e combater as diversas formas de desigualdade e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos.
6. Participar, pessoal e coletivamente, do debate público de forma consciente e qualificada, respeitando diferentes posições, o que possibilita escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade (BRASIL. 2018)

Ao falar do papel da Geografia, entramos na missão geral da educação que é, conforme Kant “desenvolver em cada indivíduo toda a perfeição de que ele seja capaz”, a ciência geográfica contribui com o estudante a medida que promove a investigação do mundo sob seu

método de análise, formando um cidadão capaz de interpretar as inter-relações entre os fenômenos locais, nacionais e mundiais. Não só de interpretar, como de agir nesse mundo de forma positiva, rechaçando toda forma de autoritarismo, desrespeito e discriminação em seu meio social. Tornando-o um ser político que respeita as personalidades e promove o bem-estar da coletividade. O conhecimento só é útil quando pode elevar nossa humanidade. A geografia útil é aquela que nos põe em contato com as mazelas sociais, e nos faz entender os motivos que as ocasionaram. Para que possamos combatê-las, lutando por uma sociedade mais justa. Faria (2015) define que devemos sair do comodismo e propor uma geografia participante que desperte o interesse dos estudantes por meio da aprendizagem pela pesquisa e metodologias participantes para intervir juntos.

## 2.2 CONTRIBUIÇÕES DA GEOGRAFIA PARA O DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES E LEITURA DE MUNDO

No processo de aprendizagem é necessário desenvolver tanto o “eu”, quanto o senso de coletividade, fortalecer o cognoscível e ao mesmo tempo entender que a educação vai muito além do mensurável por avaliações, para que tanto professores como estudantes possam comparar, analisar, relacionar os conceitos e fatos como um processo necessário para a construção do conhecimento e de suas identidades no mundo.

As competências e habilidades, relacionadas às atividades da disciplina, são descritas no quadro abaixo, organizadas em uma sequência que vai dos conceitos básicos até o entendimento do espaço geográfico como objeto da Geografia, chegando às linguagens e às dimensões do espaço mundial. Cabendo aos professores interação, clareza de propósito e canalização de esforços para que se alcance, junto aos estudantes as propostas de aprendizagem. A intelectualidade, raciocínio e a mentalidade saudável devem ser promovidas não somente pela ciência geográfica, mas por todo o meio escolar. As habilidades gerais na BNCC são: Conhecimento; Pensamento científico, crítico e criativo; Repertório Cultural; Comunicação; Cultura Digital; Trabalho e Projeto de vida; Argumentação; Empatia e Cooperação; Responsabilidade e cidadania.

Abaixo temos uma mostra das aptidões que devem ser desenvolvidas através da Geografia escolar do Ensino Médio.

<ul style="list-style-type: none"> <li>• Capacidade de operar com os conceitos básicos da Geografia para análise e representação do espaço em suas múltiplas escalas.</li> <li>• Capacidade de articulação dos conceitos.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Articular os conceitos da Geografia com a observação, descrição, organização de dados e informações do espaço geográfico considerando as escalas de análise.</li> <li>• Reconhecer as dimensões de tempo e espaço na análise geográfica.</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Capacidade de compreender o espaço geográfico a partir das múltiplas interações entre sociedade e natureza.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Analisar os espaços considerando a influência dos eventos da natureza e da sociedade.</li> <li>• Observar a possibilidade de predomínio de um ou de outro tipo de origem do evento.</li> <li>• Verificar a inter-relação dos processos sociais e naturais na produção e organização do espaço geográfico em suas diversas escalas.</li> </ul>

<ul style="list-style-type: none"> <li>• Domínio de linguagens próprias à análise geográfica.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Identificar os fenômenos geográficos expressos em diferentes linguagens.</li> <li>• Utilizar mapas e gráficos resultantes de diferentes tecnologias.</li> <li>• Reconhecer variadas formas de representação do espaço: cartográfica e tratamentos gráficos, matemáticos, estatísticos e iconográficos.</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Capacidade de compreender os fenômenos locais, regionais e mundiais expressos por suas territorialidades, considerando as dimensões de espaço e tempo.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Compreender o papel das sociedades no processo de produção do espaço, do território, da paisagem e do lugar.</li> <li>• Compreender a importância do elemento cultural, respeitar a diversidade étnica e desenvolver a solidariedade.</li> <li>• Capacidade de diagnosticar e interpretar os problemas sociais e ambientais da sociedade contemporânea.</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Estimular o desenvolvimento do espírito crítico</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Capacidade de identificar as contradições que se manifestam espacialmente, decorrentes dos processos produtivos e de consumo.</li> </ul>

**Tabela 3:** Competências e habilidades para a Geografia no Ensino Médio  
**Fonte:** Brasil (2013).

E é inata a potencialidade da ciência geográfica fomentar tanto a discussão como a implementação de propostas metodológicas que visem a formação integral para vida. Valorizando a experiência, o diálogo, o currículo flexível. Gerando reflexão, criação e disseminação de saberes, reforçando a autonomia, e demais intenções evocadas nos documentos oficiais. Logo, estudar Geografia é uma oportunidade para compreender o mundo em que se vive, na medida que esse componente curricular aborda as ações humanas construídas nas distintas sociedades existentes nas diversas regiões do planeta. Ao mesmo tempo, a educação geográfica contribui para a formação do conceito de identidade, expresso de diferentes formas: na compreensão perceptiva da paisagem, que ganha significado à medida que, ao observá-la, nota-se a vivência dos indivíduos e da coletividade; nas relações com os lugares vividos; nos costumes que resgatam a nossa memória social; na identidade cultural; e na consciência de que somos sujeitos da História, distintos uns dos outros, e por isso convictos das nossas diferenças (BRASIL, 2006).

Para fazer a leitura do mundo em que vivem, com base nas aprendizagens em Geografia, os estudantes precisam ser estimulados a pensar espacialmente, desenvolvendo o raciocínio geográfico. O pensamento espacial está associado ao desenvolvimento intelectual que integra conhecimentos não somente da Geografia, mas também de outras áreas (como Matemática, Ciências, Arte e Literatura) e é desenvolvido desde a mais tenra idade, quando a criança aprende os princípios da lateralidade, e começa a localizar tanto a si mesmo quanto a objetos no espaço onde vive. E essa visão vai amadurecendo com o tempo, transformando-se de rudimentos

elementares em interpretações mais complexas sobre a formação das paisagens, territórios e regiões, fragmentação do espaço geográfico, espaço rural, dinâmicas que formam a mancha urbana e muito mais. O Guia de Avaliação proposto pela Secretaria de Educação do Amazonas, descreve algumas metas de como identificar nos estudantes, a apropriação de habilidades específicas relacionadas a interpretação de mundo. São elas:

1. Conhecer o mundo atual em sua diversidade, favorecendo a compreensão de como as regiões, paisagens e territórios são constituídos;
2. Compreender a constituição do meio técnico-científico-informacional, os processos de globalização e fragmentação do espaço geográfico;
3. Compreender as dinâmicas constituidoras do espaço rural e urbano;
4. Analisar os espaços industriais e sua relação com a urbanização e espaço das redes;
5. Analisar o espaço das redes, do comércio e dos serviços;
6. Compreender as relações políticas do espaço mundial;

Durante a pesquisa foi indagado aos estudantes e professores o que de fato é “ler o mundo”, a ponto que tivemos variadas respostas, mas vamos escolher as quatro que mais convergem para o pensamento da maioria.

“Ler o mundo, na minha opinião, é quando passamos a ligar os acontecimentos dos noticiários com aquilo que o professor está explicando, é quando os trabalhos de escola ganham um peso maior por estarem mais conectados com a nossa vida, e por isso sentimos que aquele aprendiz está fazendo a diferença. Aqui na escola tivemos muitos trabalhos interessantes que fizeram com que a turma se unisse mais, e aprendesse melhor também. Isso tudo tem um impacto, é uma forma de fazer com que o que aprendo na escola sirva pra minha vida, pra entender as diferenças dos lugares, e principalmente poder lutar por uma vida melhor, mais ciente, mais consciente de muita coisa”. (Lucas, estudante, 1º série. 2017)

“Às vezes, penso que a escola não nos ajuda a ler o mundo, mas se parar pra pensar, aprendi a ler, escrever, interpretar, e tenho aprendido de tudo um pouco, acho que isso me ajuda a pensar no mundo de uma forma mais abrangente. Pensar sobre a crise no país, sobre a causa de as coisas serem como são. Acredito que todas as matérias ajudam nessa leitura. Principalmente Filosofia, Sociologia, História e Geografia, que não são minhas preferidas, mas reconheço a importância delas na nossa formação” (Pérola, estudante. 1º ano. 2017).

“Ler o mundo é compreender que o que acontece em outros estados, países, acaba afetando a nossa cidade. Aprender a distinguir que nossas atitudes refletem num todo, refletem no amanhã, ler o mundo é ser mais consciente de quem nós somos, da nossa participação na comunidade onde vivemos” (Leonardo, estudante, 2º série. 2017).

A maior felicidade do professor não é o estudantes alcançar uma boa nota na prova, é quando ele percebe que aquele estudante aumentou sua capacidade de síntese, seu vocabulário, seus argumentos, que é ávido por pesquisar sobre aquilo que ele ainda não domina, quando chega na sala de aula pronto pra debater, que consegue respeitar os colegas, que entende os problemas de seu bairro e traz esses problemas para discussão durante a aula, acho que é aí que o Professor sente que está no caminho

certo, já que explicar um fenômeno social ou econômico requer a articulação de vários conhecimentos, e educar para a vida é propiciar isso” (Professor, 2017)

A maioria das respostas para essa pergunta convergia para o mesmo eixo, o de que compreender o mundo requer a reunião de muitos saberes, elementos diversificados. Os professores têm consciência dessa necessidade, mas ainda é difícil realizar projetos que demandem mais de um professor. A necessidade de ler o mundo esbarra na necessidade de leitura literalmente pois embora no ensino médio a maioria dos estudantes detêm falhas na interpretação textual, e raciocínio matemático, que acabam atrapalhando o desenvolvimento nas demais atividades. Esse foi um ponto identificado e que precisa ser atacado, e melhor que isso, prevenido. Oferecendo uma boa formação inicial à criança e ao pré-adolescente.



**Figura 4:** Roda de conversa “o que é ler o mundo?”

**Fonte:** CARVALHO, Mirian. 2016.

Informações, quando chegam de forma solta e desconectada, podem ser apenas informações que não servem para nada além do preenchimento do tempo, causando uma letargia grupal em sala de aula. E se a compreensão da realidade é uma das aptidões cobradas, o professor de Geografia deverá trabalhar o mundo atual em sua diversidade, construindo explicações de como as paisagens, os lugares e os territórios são produzidos. Os educandos devem reconhecer nas paisagens com sua temporalidade. Em Geografia, isto significa propor temáticas em que o tempo social e o tempo natural possam ser compreendidos.

Ler o mundo é ter a capacidade de, apropriando-se do conhecimento geográfico, poder explicar a sua própria vida e o contexto e espaço que o cerca. Para tal a escola precisa utilizar certa alternância entre os conteúdos, para que desdobrem entre: conceituais, procedimentais e

atitudinais. Conforme a personagem principal da série Anne With an E: “diga-me e eu esquecerei, ensine-me e eu me lembrarei, envolva-me e eu aprenderei”.

Os estudantes são sujeitos ativos e dinâmicos na constituição da sociedade e precisam se enxergar dessa forma. O conhecimento geográfico básico é necessário para a vida em sociedade, para o exercício de uma cidadania plena e para leitura e ação no mundo. Pois é a partir do instante que nos vemos como cidadãos cujas atitudes tem impacto sobre a vida de terceiros, e a partir do momento em que desenvolvemos saberes sobre as características sociais, culturais e naturais do lugar onde vivemos, é que poderemos contribuir para a construção dessa sociedade almejada.

Reconhecer as diferentes geograficidades é o que nos permite analisar os lugares, comparar, explicar, compreender as múltiplas relações que diferentes sociedades em épocas variadas, estabeleceram e estabelecem com a natureza na construção de seu espaço geográfico. O constructo desses conhecimentos permite maior consciência dos limites e responsabilidades da ação individual e coletiva com relação ao seu lugar e a contextos mais amplos, da escala nacional a mundial, devendo contemplar temáticas de relevância social (BRASIL, 2017). Compreender o espaço, é uma premissa que orientará o jovem cidadão no seu comportamento social, na rua, na cidade e no mundo. Levando-o a interagir com as diferentes realidades, conhecendo os processos históricos que desencadearam esta ou aquela realidade, e as diferenciações espaciais que se manifestam pelo viés naturalístico e societário, tendo em mente que e as territorialidades se definem por diversos motivos, e configuram o arranjo espacial.

Em pesquisa recente divulgada no site da R7, a Organização Mundial de Saúde aponta o Brasil aparece como 9º colocado no ranking de países mais com maior número de homicídios do mundo. Como ler o Brasil a partir dessa informação? Os estudantes podem verificar o mapeamento das áreas mais violentas da cidade, conferir via pesquisa as rotas de entrada de narcóticos no país, gerando a propulsão do tráfico, que por sua vez alicia crianças e adolescentes. Buscar em documentários e artigos as condições sociais e econômicas que podem levar ao problema da dependência química, como também apontar quais seriam as alternativas táticas, educativas e preventivas para tirar o país dessa lamentável colocação. Ler o mundo é questionar a ordem vigente, os resultados das pesquisas, a falta de acesso aos direitos básicos. Nossa escola resguarda os futuros políticos, eleitores, professores, biólogos, cientistas, empresários, artistas, e demais profissionais que formam a diversidade do país, portanto a escola deve ser a tribuna onde o conhecimento transforma e põe em xeque a perpetuação da realidade, oferecendo caminhos alternativos à toda sorte de problemas sociais enfrentados.

Os temas ambientais também se alinham a necessidade de uma leitura integral do mundo em que vivemos, pois desde cedo precisamos compreender que, habitando um planeta com recursos finitos, cada morador tem o dever de pensar e agir para a preservação dos bens naturais. Compreender como e o porquê dos fenômenos da natureza se distribuem de maneira heterogênea pelo globo e suas consequências para a população envolvida como: falta de água potável e alteração da paisagem, agentes endógenos (tectonismo, abalos sísmicos e vulcanismo) e agentes exógenos (vento, chuvas, neve, alternâncias de temperatura, seres vivos). Assuntos importantes e de incumbência da Geografia.

Os conflitos e tensões mundiais mais presentes na mídia causam curiosidade por parte dos estudantes, que anelam compreender a motivação econômica/religiosa/política que permeiam “as guerras separatistas na luta pela redefinição de fronteiras territoriais e soberanias ou autonomias nacionais”, compreender essa dinâmica só é possível quando atentamos para o processo de construção desses territórios ao longo da História, ou seja, descobrir como diferentes povos, em diferentes momentos, apropriaram-se deles, para então compreender a disputa fronteira. “Mais uma vez Geografia e História interagem como condição necessária para que o estudante tenha uma visão crítica dos conflitos e se posicione em relação a eles” (BRASIL, 2017)

Diversas outras temáticas podem ser abordadas ao longo da formação escolar, pretendendo formar estudantes com uma visão mais holística, ou seja, que não parta da compartimentação dos saberes para se chegar a uma determinada sentença, pois compreender os fenômenos, sejam eles naturais ou sociais, requer a admissão da complexidade dos fenômenos, que quando analisadas muito separadamente dificultam ou sintetizam demais a explicação. O problema é que a cultura em que fomos criados é a mesma que como professores tendemos a perpetuar, é um desafio trabalhar de uma forma inovadora, se mesmo na faculdade não tivemos essa experimentação metodológica. Mas nada que empenho, capacitação e apoio não consigam mudar.

A Geografia, ciência de caráter universalizador, que facilmente trafega entre o natural e o social. Que tem a sensibilidade metodológica de tratar a construção do espaço como fruto dessas cotidianas interações. Certamente admite que nenhuma ciência, isoladamente, é capaz de, em seu arcabouço teórico, dar conta de explicar a realidade do mundo. Embora elogiemos a Geografia por essa especificidade de diálogo abrangente, sabemos que essa compreensão jamais poderia ser feita de maneira isolada, seccionada. E isso é uma aclamação à já recomendada prática da interdisciplinaridade que é a comunicação, interação entre os diferentes campos do saber, ou das disciplinas evitando-se a assim a reprodução de um conhecimento

mutilado, o que Morin (2013) contrapõe, aclamando à necessidade de um “conhecimento pertinente”, em “Os sete saberes necessários à educação do futuro”, o autor defende que o quanto sabemos é menos importante do que nossa capacidade de contextualizar o que temos aprendido.

O PCN traz também a concepção de transdisciplinaridade, que se define quando a busca por determinado saber transpassa outras ciências e transita entre vários campos do conhecimento. É a abordagem requerida aos temas transversais: Ética, Saúde, Meio Ambiente, Sexualidade, Trabalho e Consumo e Pluralidade Cultural. E que são imprescindíveis na abordagem de uma Geografia que contribui para a leitura de mundo. Conforme Freire (2015, p.39) a tarefa coerente do educador que pensa certo é desafiar o educando, com quem se comunica, a produzir sua compreensão do que vem sendo comunicado”

Os temas transversais e a maneira de conectá-los com a Geografia são sugeridos pelos documentos do Ministério da Educação. A seguir reunimos trechos do PCN (1999), dicas de outros autores e o resultado das entrevistas com professores e estudantes, que oferecem propostas de atividades para uma aprendizagem social significativa e eficaz por meio grandes temas.

**Ética** – Morin, chama de “ética do gênero humano”, nossa capacidade de perceber que somos seres trinos, que embora individuais, fazemos parte de uma coletividade que nos molda, que é a sociedade, e apesar das diferenças físicas ou culturais, somos todos pertencentes a uma mesma espécie. A ética, ou antropológica a qual nos referimos, seria formada em nós não a partir de discursos, e sim a partir da conscientização de que somos indivíduos, pertencentes a uma sociedade e espécie. Gerando assim reflexão sobre o outro, respeito à individualidade desse outro. Valores como solidariedade, justiça e diálogo fazem-se necessários à sociedade que queremos construir no Brasil, uma educação pela paz. Onde os valores democráticos são respeitados e reafirmados. Pois a intolerância e a deficitária gestão de conflitos sempre trazem devastação aos seres humanos. A Geografia é a ciência que trabalha com as desigualdades espaciais, e, portanto, pode salientar como as ações humanas, acabam expressando inclusive na paisagem, marcas de segregação e preconceito. O PCN acredita que a partir do estudo das questões sociais, é possível contribuir para o desenvolvimento de atitudes éticas e de um pacto pelo respeito ao próximo. Estudos apontados como importantes para a compreensão do tema transversal ética, foram: ocorrência de apartheid social, fenômeno da imigração, neonazismo, má aplicação do dinheiro público em “elefantes brancos”, efeitos devastadores da corrupção, xenofobia e racismo. Há ainda algumas atividades que não envolvem conteúdo geográfico, e

que podem ser feitas por qualquer faixa escolar, como a criação conjunta de regras de convivência, que visem o bem-estar coletivo e a harmonia em sala de aula.

**Pluraridade Cultural** – “ensinar a compreensão” é um dos saberes necessários pregados por Morin, e que caberá perfeitamente nessa discussão sobre pluralidade cultural. É da ausência de compreensão entre os próximos, e entre os distantes e desconhecidos, que nasce a estigmatização, movida pela não-aceitação do outro. Esse comportamento está presente em todos os setores da sociedade, da creche à academia, crianças praticam bullying, jovens segregam outros pela religião, aparência, sotaque. Professores que não concordam com a visão de ciência um do outro e vivem em rusgas, áreas do conhecimento que não conversam. Se o interessante é justamente o fato de sermos geneticamente e culturalmente repletos de diversidade! Por esse motivo uma educação para a pluralidade e para a compreensão faz-se necessária. Em 2008, se estabelece como política afirmativa, a Lei 11.645, que na legislação educacional garante a obrigatoriedade do estudo sobre a história e cultura afro-brasileira e indígena. Incluindo, a partir de então, os diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira, o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil. Ou seja, através desses estudos destrói-se o mito de que essas culturas não teriam produzido conhecimento, desarticulando a preeminência da visão eurocêntrica. Ter contato com a forma de espacialização e representação cartográfica dos indígenas, por exemplo, fará com que o estudante perceba que não há apenas uma maneira correta de se fazer mapas, e que cada comunidade desenvolve suas próprias geografias. Outro ponto é passar a apreciar a literatura regional na escola, por onde podemos perceber as nuances paisagísticas que a cidade passou ao longo do tempo. O que pode ser verificado através de poesias, romances, jornais antigos, canções locais. Tudo aquilo que evoca a maneira de viver dos povos indígenas, ribeirinhos. Dentre as ideias da escola para tratar esse tema, destacam-se: o uso de toadas dos Bois Garantido e Caprichoso para compreensão de fenômenos naturais e da cultura dos povos da Amazônia. Visita aos museus de Manaus, organização de Feiras culturais que destaquem as contribuições de diferentes povos na área científica e a diversidade cultural do país, exposta na culinária, costumes, artes, tecnologias.

**Orientação Sexual** – Ter contato com as estatísticas que demonstram a diferença salarial entre homens e mulheres, e a acessibilidade as funções de chefia. Embora atualmente as mulheres sejam maioria nas faculdades, sua representatividade na vida política, nos cargos

de direção, e no campo científico, não é equânime. E justamente por estarmos lutando por essa igualdade de gêneros há muito o que ser discutido, uma das sugestões foi pesquisar sobre mapas que falem da misoginia no Brasil e no mundo, realizando trabalhos sobre como diminuir o índice de violência motivada por questões de gênero. Cabendo ao educador se inteirar sobre a temática e trazer essas questões necessárias para o debate de acordo com o que sua visão científica possa contribuir, e dialogando com outras ciências. Embutir equidade entre os gêneros não só uma questão de discurso, mas de postura profissional diária em sala de aula. Esse tópico pode ser trabalhado de diversas formas, o importante é sempre fazer com que os conhecimentos geográficos sejam utilizados. Os estudantes sugeriram que a respeito de doenças sexualmente transmissíveis, poderia ser realizada uma semana de conscientização, e trabalhos nas turmas que incluiriam análise cartográfica sobre a incidência da síndrome da imunodeficiência no mundo, apontando para fatores sociais/geográficos que estariam ligados ao controle, tratamento ou avanço epidêmico.

Meio ambiente – mais uma vez Morin faz um apelo para que a educação contemporânea seja regida pelo ensinamento de que temos uma “identidade terrena” que não pode ser negada, posto que usufruindo e vivendo no planeta Terra, temos corresponsabilidade sobre a Terra pátria, e que antes de termos uma nacionalidade, somos terráqueos, e as gerações futuras precisam encontrar a casa arrumada. É nossa responsabilidade gerir de forma inteligente os recursos naturais, e nossas atitudes em relação ao ambiente trazem malefícios/benefícios em cadeia. Por isso a necessidade dessa consciência ser apreendida na escola. Compreender problemas ambientais requer a manipulação de diversos conhecimentos: ecológicos, geográficos, políticos, históricos e econômicos. E a Geografia, como ciência que analisa as interações entre o homem a natureza, deve enfatizar juntos aos estudantes a identidade planetária, da qualidade dessa relação simbiótica depende a vida, e a perpetuação das espécies (inclusive a homo sapiens). Como isso poderia ser feito? Através de pesquisas sobre por exemplo, a relação entre as correntes marítimas e a formação de lixões no oceano, análise de gráficos sobre o índice de gases poluentes nas grandes cidades, mapas anamórficos sobre queimadas, interpretação de dados estatísticos e estimativas sobre a produção e desperdício de alimentos no Brasil, confrontos com diferentes linhas de pensamento sobre as alterações climáticas, análise da cheia e vazante dos rios amazônicos e sua consequência para a economia local, mapas de monitoração do desmatamento, biopirataria , conhecimento sobre o código florestal brasileiro, compreensão sobre as modalidades do agronegócio e da agricultura familiar, e o valor da terra para os povos indígenas. São temáticas que já surgiram nas rodas de conversa com os estudantes.

**Saúde** – esse tema intersecta diversas questões, por exemplo, ao tratarmos sobre a fome, podemos abordar graficamente o avanço do Brasil no combate à desnutrição, comparar o nível de desenvolvimento, saneamento básico e imunização dos locais onde a fome ainda não foi erradicada. Compreender os modelos agrícolas e a consequência de uma agricultura extensiva, cujo modelo de roça tropical dispõe de poucos recursos financeiros, baseando principalmente na produtividade natural do solo, estando, portanto, suscetível as pragas e intempéries climáticas que comprometem a segurança alimentar das famílias. Trabalhar o valor da cesta básica brasileira, conforme a renda da população. Catalogar as regiões brasileiras que tem maior incidência de determinada moléstia, captando o motivo por trás da mudança de hábitos alimentares que levariam à obesidade, anemia, pressão alta e diabetes, por exemplo. Procurando identificar as particularidades de cada região, traçando modelos de enfrentamento dos problemas de saúde que afetam as populações.

**Trabalho e Consumo** – conforme o PCN, entre os conteúdos que se referem ao trabalho, dois aspectos precisam ser levados em consideração. O primeiro, é que o trabalho deve ser discutido com os estudantes como uma das formas de expressão humana, nas diferentes culturas e etnias, sem seu modo de viver, pensar, ou seja, o trabalho existe como presença histórica do pensar e fazer humanos. O segundo, analisar como o trabalho acontece nas relações sociais, portanto, criticando as formas de exploração, tornando compreensível as questões políticas e econômicas que criam as desigualdades entre as pessoas. Quanto ao consumo, devem ser considerados dois aspectos, o consumo como necessidade de sobrevivência, que é a produção e o consumo pensados para resolver problemas. E o segundo, aparece na roupagem vilã que é o consumismo que abusa dos recursos naturais, e atenua a desigualdade no acesso as possibilidades de consumo. Onde uns tem em demasia, e outros sentem falta do essencial. Geograficamente podemos abordar a problemática da diferenciação do nível de consumo entre as populações. Trazer à escola um debate sobre crimes contra os direitos dos trabalhadores, trabalho escravo na indústria têxtil, e pesquisas sobre os países e regiões onde a exploração do trabalho infantil é recorrente. Outra vertente seria a de avaliar o comportamento do mercado, e o apelo midiático para as compras e a geração de resíduos devido a obsolescência programada dos produtos eletrônicos. São temas importantes a serem divulgados. Os estudantes sugerem: pesquisa sobre o trabalho infantil na região norte, usando o caso dos meninos e meninas que arriscam a vida atracando canoas às embarcações, para venderem seus produtos. Projeto sobre como utilizar os 4 Rs (repensar, reduzir, reutilizar, reciclar) na escola e na vida pessoal, e pesquisa sobre movimentos e filosofias atuais que pregam o consumo consciente, como o Essencialismo e o Minimalismo. Oficinas sobre empreendedorismo jovem, finanças pessoais e

inserção no mundo do trabalho através do programa Aprendiz Legal (empresas contratam jovens de 14 a 24 anos na condição de aprendizes, ancoradas pela lei 10.097/2000, e conhecida como de Lei da Aprendizagem).

Morin, Freire e Demo chamam atenção para a necessidade de uma educação transformadora e democrática. Só podemos transformar aquilo que percebemos necessitar reparo, nesse sentido é importante que os professores sejam incentivados a renovar sua prática, e deve receber todo o auxílio para tal. Admitir as incongruências das nossas práticas, é contornar soluções, quando os resultados de pesquisas são utilizados para traçar novas estratégias, a sociedade avança. E a vida escolar, onde essa sociedade se prepara para o mundo, deve “criar” uma juventude forte e consciente (de seus direitos, deveres e habilidades). No geral é esse o objetivo dos professores, que os estudantes deixem a escola alfabetizados sobretudo, socialmente, fluentes em empatia, respeito, generosidade. Aptos para solucionar problemas de sua comunidade e lutar pela garantia dos direitos de todos, inclusive dos que não tem voz.

Lembramos que a aprendizagem significativa é uma edificação que envolve diversas parcerias para ser efetivada. E que diante da realidade complexa, e do cenário político que atravessamos, devemos nos esforçar e reivindicar que a formação escolar seja assistida pelos órgãos competentes.

Cada escola possui uma realidade, problemas particulares, por mais que a maioria das queixas se assemelhe. Em alguns casos os professores concluem que os documentos oficiais de educação não passam de uma papelada hipócrita e robusta, alegando que os autores parecem desconsiderar todas as variáveis de uma escola de verdade. É importante frisar que o fato de termos um projeto de educação em si não opera mudanças instantâneas na realidade. É responsabilidade do poder público, da população que usufrui do serviço, e de todos os brasileiros se engajar no constructo dessa melhoria, pois uma transformação consistente não se fará do dia para a noite, e sim quando essa pasta ministerial tiver sido tomada como prioridade. Até lá, as escolas devem continuar a fazer verdadeiros “malabares” para garantir permanência, aprendizagem e oportunidade a todos.

### 2.3 PERCALÇOS E BOAS PRÁTICAS DE UMA ESCOLA REAL

A Escola Estadual Sant’Ana possui 43 anos de história sendo idealizada pela freira Ana Pietrina Leonardo, vinculada ao convento Filhas de Sant’Ana tinha objetivo de acolher alunas do interior do Amazonas, em sistema de internato e semi-internato. Sua inauguração deu-se dia 4 de abril de 1957. Em 2008 passou a oferecer apenas a modalidade de Ensino Médio nos turnos

matutino e vespertino, e hoje é mantida pelo governo do estado do Amazonas, através da Secretaria de Estado da Educação. A escola possui uma boa divisão estrutural, com áreas de convivência, refeitório, biblioteca dependências administrativas. Lamentavelmente não dispõe de um auditório que comporte todos os estudantes, usando para esse fim a quadra de esportes para eventos, comemorações e demais atividades que envolvam toda a escola, que hoje conta com 847 estudantes.

Quanto a proveniência do corpo discente, podemos dizer que é bastante heterogênea, a maioria oriundos de bairros adjacentes como: Aleixo, São Francisco, Coroado, Ouro Verde, Carijó, Vale do Amanhecer, Carijó, Petrópolis e São Sebastião. Muito bem localizada na Av. André Araújo, a escola tem um baixo índice de evasão.



**Figura 5** – Localização da Escola Estadual Sant’Ana. Org: Vilagelin, Guilherme, 2017.

**Fonte:** Google Maps

Durante o período que acompanhamos e participamos das atividades da escola entre 2016-2018, pudemos conhecer toda a equipe profissional da escola e acompanhar sua rotina, realizando entrevistas, participando das aulas de Geografia, e acompanhando as atividades extraclasse desenvolvidas, contribuindo com algumas delas. O resultado obtido nas rodas de conversa, entrevistas, e a percepção gerada durante o desenrolar da pesquisa, funciona como um apontamento sobre aquilo que precisa ser banido, mantido e trazido.

- O atual Ensino Médio corresponde as expectativas dos estudantes?

Após o levantamento dessa questão os estudantes se manifestaram, alguns alegando que sim. O Ensino Médio estava correspondendo ao esperado. Esse grupo faz menção a necessidade de um maior esforço pessoal, muitas vezes negligenciado pela turma. O que acarreta descompasso na aprendizagem, pois segundo eles, a boa vontade dos professores não é suficiente para gerar um resultado positivo. Pois o empenho e a disciplina dos estudantes ajudam a definir os resultados. A frase “quem faz a escola é o estudantes” foi difundida para alegar que, se a escola não estava atendendo às expectativas, parte desse problema está no descaso de alguns colegas. Contudo, haviam críticas a respeito da falta de esforço da instituição para, por exemplo, influenciar os estudantes a participarem dos processos seletivos anuais, (vias de acesso à faculdade pública) como acontece em outras escolas, tidas como Centros de Excelência cuja abstenção nos processos seletivos é praticamente zero. Visto que essas escolas empreendem grande incentivo e apoio para a carreira acadêmica, o que inclui lembretes sobre as inscrições, simulados contínuos e até testes vocacionais para ajudar o estudante a descobrir suas inclinações.

Portanto, esse descaso, apontado pelos estudantes, é um dos motivos que influi na baixa representatividade dos estudantes nos processos seletivos. Muitos estudantes não têm estímulo algum em casa, e acabam perdendo a data de pedido de isenção, e por falta de recursos acabam não dando prosseguimento ao certame, que no caso do Processo Seletivo Contínuo – PSC, é realizado nos três anos do ensino médio, e caso o estudantes perca um dos anos é automaticamente desclassificado. O que nos leva a concluir que o foco da escola não seja exatamente o de propiciar a iniciação de uma futura formação acadêmica, quando comparada a outras escolas públicas que tem um maior envolvimento com essa causa.

Isso destoa da Visão presente no PPP que consiste em “Consolidar a Escola Estadual Sant’Ana como referência na modalidade de ensino médio no estado do Amazonas.

“Quando a gente tá na nona série, olhamos para as pessoas do Ensino Médio e pensamos, no quanto deve ser mais complicado administrar as novas disciplinas, Física, Química, e sabemos que a cobrança vai ser maior, que logo chega o vestibular e a gente não pode vacilar, viver na bagunça. Aí chego aqui na escola vejo que não é nada do que eu havia pensado, pensei que seria mais puxado. Ao mesmo tempo eu entendo que eu preciso correr atrás daquilo que a escola deixa a desejar, assistir vídeo-aulas, começar a pegar pesado se quiser ser engenheiro elétrico. Então, no sentido de se fazer amizades estou muito satisfeito, mas as bagunças e algumas outras coisas atrapalham demais as aulas, precisa melhorar isso aí”. (Pedro, estudante. 1º ano. 2018).

“Faltam professores e a SEDUC não manda ninguém para substituir. Resultado, ganhamos nota sem ter aprendido nada. O estudante precisa ser mais valorizado, ficamos horas em sala sem atividade, apenas enrolando e esperando o próximo tempo de aula”. (Karoline, estudante. 3º ano, 2018)

“Eu perdi o vestibular ano passado, minha mãe não tinha o dinheiro da inscrição. Sei que foi vacilo da minha parte. Mas tenho certeza que a escola pode incentivar mais os estudantes, colocar avisos, dialogar. Às vezes, por falta de informação perdemos as oportunidades. Os professores são os que ainda conversam com a gente sobre isso”. (Victor, estudante. 2º, 2018).

- Qual é o papel do Ensino Médio?

De forma geral para os jovens do Sant’Ana o papel do Ensino Médio é ofertar uma aprendizagem de qualidade. O suficiente para que eles possam deixar a escola com boas chances de serem aprovados nas faculdades públicas, ou ganharem uma bolsa de estudos na faculdade particular. Provando que durante os três anos, houve a oportunidade dos estudantes se desenvolverem e poderem concorrer de forma mais justa a uma vaga na com estudantes formados em instituições particulares. Fazendo com que o fator econômico de suas famílias, não interfira em suas condições de prosseguir na vida acadêmica. E claro, apontaram outras importantes funcionalidades como: sociabilidade saudável, combate ao bullying e qualquer outra discriminação, incentivo ao desenvolvimento de aprendizagens úteis, e preparação para o mundo do trabalho.

“... vou mentir não, às vezes venho pra escola mais pra rever os amigos, do que pra estudar. Mas chegando aqui, começo a ter mais foco, e pra mim o Ensino Médio tem o papel de fazer com que o filho do pobre (e eu me incluo nisso), tenha a mesma chance que o filho do rico de entrar numa UFAM ou UEA da vida. Quero me formar na faculdade e tudo mais, quero trazer esse orgulho para minha mãe.” (Juliana, estudante, 1º ano, 2018).

“Boa parte do que a gente aprende na escola, me parece inútil em alguns momentos. Fazer com que a gente estude coisas que realmente vamos usar na nossa vida, daria mais ânimo pros moleques virem pra aula. Sabendo que vai ter uma coisa diferente... aprender a lidar com finanças, vendas, saber negociar, fazer um produto em casa. Existem muitos estudantes que vendem brigadeiro (escondido), mas acho isso louvável pois estão atrás do dinheirinho deles”. (Ricardo, estudante. 3º ano, 2018).

- Quais são seus objetivos após a formatura? A escola está ajudando você a alcançar essa meta?

As respostas variavam entre: fazer faculdade, fazer curso técnico, aprender um ofício, conseguir um emprego ou abrir um negócio. Curioso e animador descobrir que embora muitos deles tenham apenas 14 anos, já estão analisando caminhos profissionais bem específicos para percorrerem no futuro. E lamentável perceber uma parte dos estudantes não tem perspectiva de continuar estudando, o que evidencia certa desesperança, baixa autoestima e em alguns casos ausência de acompanhamento familiar. Pois escola é o lugar de onde devemos rascunhar sobre projetos para o futuro.

“Meu objetivo é cursar psicologia, e a escola tem me ajudado no quesito de me preparar para os vestibulares, e não só isso, foi na escola e no grupo de jovens que eu frequento que me dei conta de que queria ajudar as pessoas exercendo essa profissão daqui a alguns anos. Já pude ajudar amigos próximos, pessoas que eu só conheço

através das redes sociais, mas que muitas vezes só precisam de uma conversa”. (David, estudante, 3º ano, 2018).

“Desde os 10 anos eu sonho em ser comissária de bordo, já me informei sobre o curso e tudo quanto é necessário para ser aeromoça. Assim que acabar o ensino médio vou procurar emprego e me matricular na escola de comissários. O colégio não é determinante, e não enxergo que ele esteja me ajudando de forma direta a alcançar isso, mas claro que estudar é fundamental para exercer qualquer profissão. Como você disse outro dia, a escola ajuda a ‘aprender a aprender’, também é ótimo para socializar”. (Geovana, estudante, 3º ano 2018).

“...professora, tenho quase certeza que não vou cursar faculdade não, tiro muita nota baixa. E já trabalho a noite, vou me virando”. (Adriano, estudante, 2º ano, 2018).

“Acredito que todo mundo aqui quer ter uma profissão, certo? Um bom emprego, uma vida digna. Mesmo os que parecem não querer nada com nada e passam a aula toda conversando. Eu posso não ser a melhor aluna da sala, mas vou me esforçar nesses dois anos que ainda faltam pra que eu consiga uma vaga num curso técnico, não importa. A gente não pode deixar os estudos de lado, pois minha mãe largou os estudos e nunca mais teve forças para voltar, e diz que isso não é mais pra ela. Ou seja, temos que ter um objetivo de vida, mesmo que a situação seja complicada, mesmo que família, escola e todos os seus amigos não acreditem nisso”. (Mariana, estudante, 1º ano 2018).

Em 2018 a Mattel, companhia estadunidense de brinquedos, e criadora da boneca Barbie, lançou uma campanha publicitária chamada “a brecha do sonho”, que é a distância entre as meninas e a possibilidade de desenvolver todo o seu potencial. A propaganda explica como as meninas deixam de acreditar que podem seguir carreiras como: cientista, pensadora, presidente, engenheira... ainda na primeira infância. Apenas o fato de terem nascido mulheres influencia a escolha dos pais e elas tendem a ganhar três vezes menos brinquedos científicos. O que certamente influencia o horizonte profissional de cada uma delas. O vídeo termina conclamando responsáveis e professores a quebrarem essa “construção” social que restringe os sonhos femininos. Ao que tudo indica fatores sociais, também limitam as aspirações, tanto de rapazes quanto de moças. Cedo os jovens já sofrem o boicote de deixar de acreditar que podem seguir esta ou aquela profissão. A realidade esmagadora acaba se tornando em crença limitadora, os adolescentes precisam reacreditar, recuperar a autoconfiança. É dever da escola tapar a brecha dos sonhos.

- Você considera que os estudantes têm voz ativa na sua escola? Por que?

Os estudantes apontaram como significativa a criação do Grêmio Estudantil, sendo uma forma de participação conquistada em 2017. A partir de eleitos, os jovens representam a escola nas reuniões de professores e são porta-voz das decisões, reclamações e projetos dos estudantes junto à coordenação pedagógica e vice-versa. As críticas à essa questão giram em torno da falta de abertura dos professores quanto a escolha de temas para trabalhos, devendo

os mesmos serem mais abertos a ideias, sem necessariamente deixarem de lado aquilo que já está previsto no plano de curso.

“Sendo integrante do Grêmio, e acredito que a decisão da direção de dar esse espaço para nós, estudantes é também uma maneira de trazer a democracia para a escola, ou seja, temos voz sim, e fazemos com que ela seja ouvida. Fazendo com que nossa opinião também seja válida, e buscando melhorias para a escola”. (Aline, estudante, 3º ano, 2017).



**Figura 6:** Eleições do Grêmio Estudantil.

**Fonte:** CARVALHO, Mirian. 2017

“Na maioria das vezes os professores chegam com um modelo de trabalho, ou anunciam uma prova, dizendo: façam isso, isso e isso. Seria interessante ouvir como gostaríamos de fazer, o que gostaríamos de conhecer, aprender. Também temos ideias boas, interesses e desejo de participar. Não estou criticando os mestres, mas acho que a moçada aqui do San’Ana iria se envolver mais nas atividades, assim como se envolvem nas feiras, e acabam dando o melhor de si. Aprendendo pra valer, e se orgulhando disso. Você viu como a nossa turma se uniu na BioExatas? Pois então...”. (Jéssica, estudante. 1º ano. 2018).

- Como costumam ser as aulas de Geografia?

O livro foi apontado como principal recurso didático, como as salas não possuem Datashow. A utilização dos aparelhos requer um empréstimo antecipado, portanto este recurso acaba sendo usado de forma esporádica. Os Professores geralmente solicitam pesquisas prévias sobre o assunto a ser abordado, para que o encontro em sala de aula seja um momento de debate, exercícios e orientação escolar sobre os trabalhos. Os dois professores de Geografia trabalham com avaliação continuada, uma das notas é obtida através do caderno, que ao ser corrigido deve conter todos os exercícios, pesquisas e demais atividades. Isso confere um cuidado especial com o caderno de Geografia, detalhes como, limpeza e caligrafia são levados em conta. Dessa

forma, a realização de provas tradicionais somente quando a turma se mostra desleixada quanto ao que fora solicitado. A outra avaliação consiste em trabalhos, geralmente realizados em equipe e que são divididos em várias etapas, chegando a durar até dois meses. Avaliados e acompanhados pelo professor.

“As aulas costumam ser boas, o professor explica muito bem. Não sou muito fã é das resenhas e resumos do livro. Não que eu não goste de ler, mas às vezes, passam muitos capítulos de uma só vez, e os estudantes colam o resumo e o exercício uns dos outros. Não aprendem nadinha. (Leandra, estudante. 2º ano. 2017).

“A aula funciona melhor quando ele pede pra gente pesquisar sobre algo, e depois disso fazemos um exercício, ou debate sobre o assunto. E ele fica bem chateado quando não pesquisamos, com razão. Por isso acho que um bom sinal de internet tem feito falta aqui escola, pois podíamos pesquisar em sala, já que nem todos tem internet em casa” (Eliseu, estudante. 1º ano. 2017).

“Mexer no celular tira o foco, não só nas aulas de Geografia, em todas as aulas. É proibido usar, mas esse pessoal não respeita. Fora isso, temos um bom professor, minha única crítica é ao livro didático, final do ano passado fizemos resumos de boa parte dos capítulos, e resolvemos todos os exercícios, tudo de última hora, no quarto bimestre. Agora pergunte se eu lembro de alguma coisa?” (Ryan, estudante,. 1º ano, 2018).

- Quais assuntos são imprescindíveis em Geografia? O que você tem vontade de aprender? De que forma?

Para esse debate usamos também um cartaz escrito “Geografia”, explicando que eles poderiam escrever no cartaz, assuntos que julgassem mais pertinentes a serem abordados em sala de aula. Pedimos que escrevessem sobre assuntos que deveriam receber maior atenção, e temas que ainda deixam muitas dúvidas ou ainda não foram vistos em sala de aula. Como resultado criamos 3 grupos, de temáticas que se associam e que foram as mais populares.

Grupo 1 – Cenário Político do Brasil – os estudantes demonstraram interesse em trazer para a sala de aula assuntos que estão bastante explorados na mídia, cuja falta de imparcialidade gera certo receio por credibilizar ou não essas informações/notícias. A escola é sim, lugar de debate, as temáticas sugeridas foram: o funcionamento e a responsabilidade dos três poderes, legislação eleitoral, crimes eleitorais, função das polícias e forças armadas, impacto da corrupção ativa e passiva, operações anticorrupção, utilidade dos cargos políticos, Direita e Esquerda na política, Constituição da República Federativa do Brasil, Correlação entre a legislação e os principais conceitos da Geografia (espaço, lugar, território, região e paisagem).

Esses foram os temas fixados pelos estudantes nos cartazes, assuntos que contribuem para o repertório científico, conseqüentemente impactando na qualidade e fluidez da leitura de mundo. Foi sugerida a prática de uma minifeira na escola para aprender mais sobre funcionamento da política brasileira, de forma que cada *stand* representasse um tema

importante para a compreensão. Outra sugestão de atividade foi a de organizar um júri-simulado nas salas de aula, e a criação de um folder explicativo que seria entregue após os seminários, e que renúisse de forma básica as diretrizes para a interpretação da máquina do governo.

“Acho que ainda sou um analfabeto político, mesmo com um título de eleitor em mãos. A escola precisa ter essa visão de que, se está nos formando para sermos cidadãos, devemos sair daqui prontos para exercer um papel na sociedade o que inclui o tal do voto consciente. Eu sinceramente não entendo como essa coisa de política funciona. O que um vereador, deputado, ministro fazem?”. (Wilson, estudante, 1º ano, 2018).

“Política é com certeza um tema que todos nós gostaríamos de compreender a fundo. Esse ano as pessoas estão brigando até com a família, cortando amizades, até mesmo aqui na sala. Tudo por causa de candidato, o que é mais um motivo pra se informar melhor, em lugares confiáveis, com o máximo de transparência e pela motivação certa. Assim podemos pensar em construir uma sociedade mais justa pra todo mundo”. (Derick, estudante, 2º ano, 2018).

“Como educador tenho plena clareza sobre a importância desses temas em sala. Porém, falar de política tornou-se ameaçador, pois logo podemos ser acusados de doutrinação. Chego a ficar estarecido com as críticas recebidas pelos professores, de que estariam impondo sua visão política aos estudantes, é assustador. Alguns colegas podem até fazer isso, mas a ética profissional não permite que eu sequer pense em autoritarismo. Isso só reforça a importância de gerar esse esclarecimento e promover tolerância. Acredito que o diálogo saudável são marcas do magistério que eu tento vivenciar todos os dias”. (Professor. 2018).

Grupo 2 – Geopolítica, conflitos e crises mundiais – este foi um dos temas de segunda maior incidência. Portanto as turmas realizaram uma pesquisa sobre os principais conflitos mundiais, e as principais questões envolvendo a Geopolítica entre países, regiões e outros recortes territoriais, após a pesquisa inicial os estudantes deram continuidade e aprofundamento a pesquisa inicial. Entre os temas estão: populismo venezuelano, Israel e os palestinos, conflito curdo-turco, ameaça nuclear na Coreia do Norte, fundamentalismo islâmico e o terrorismo, crise política no Burundi, desestabilização do Mali, Estado islâmico no Iraque, a guerra na Síria, guerra do Iêmen, guerra civil no Sudão do Sul, crise dos Rohingya em Mianmar, Boko Haram na Nigéria, conflitos indígenas no Brasil e atual crise carcerária país. Assuntos supranacionais, indispensáveis e imediatistas.

“Precisamos estar mais informados sobre os conflitos, guerras e disputas territoriais ao redor do mundo, esse é um assunto abrangente e mais que importante. Somos estudantes de Ensino Médio e temos que ter uma base sobre isso, até mesmo para compreender as pessoas e sermos mais tolerantes com a cultura, religião e origem delas. Também nos dá mais consciência de que existem pessoas sofrendo e que não podemos ignorar isso. Além de entender os refugiados não como um número e sim como seres humanos que lutam pela sobrevivência e que tem família, sonhos, problemas”. (Marcela, estudante. 3º ano. 2018).

“Um das pessoas que eu conheço estavam organizando uma caravana para levar alimentos, remédios, e fraldas para os nossos vizinhos venezuelanos. Gostaria muito de entender como a Venezuela entrou nessa crise. Já pesquisei na internet, mas as informações são muito descontraídas. E me pergunto qual deveria ser o posicionamento do Brasil em relação aos estrangeiros e refugiados que chegam pela

fronteira, devido a influência disso para a economia do país”. (Isaque, estudante. 2º ano. 2017).

“Os conflitos que acontecem no Oriente Médio, na África, na Ásia, são coisas que a gente não estuda com tanta frequência, acredito que precisamos tomar conhecimento a respeito deles, e por uma questão de humanidade, e não simplesmente pra obter o máximo de um assunto e passar numa prova. Isso é importante... Mas, e o que vamos levar pra nossa vida de cada coisa que estudamos? Essa reflexão é mais séria ainda. (Kelly, estudante. 3º ano. 2018).

Grupo 3 – Geografia Física – assuntos relacionados a geografia física foram os terceiros mais populares. Vegetação, clima, transformações do relevo, hidrografia, tipos de rocha e solo, estrutura geológicas, tectonismo e cartografia são mencionados pelos estudantes como assuntos de seu interesse e de importante destaque na escola. Alguns assuntos de ordem mais local foram avaliados como fundamentais, tais como: igarapés de Manaus, áreas de risco, ilhas de calor, funcionamento das estações de tratamento de água, o descarte de lixo na cidade.

“No primeiro ano estudamos bastante sobre Geografia Física, e eu lembro de um trabalho muito interessante que foi a de pesquisar e explicar o funcionamento das ilhas de calor, usando como exemplo algumas pesquisas sobre a cidade de Manaus, esse trabalho incluía a criação de um projeto de intervenção fictício. Então trabalhamos com a ideia de plano diretor que incluísse a arborização da cidade, a criação de corredores verdes e outras medidas que trouxessem um melhor conforto térmico. O resultado foi que toda a minha equipe se empenhou para criar maquetes, pesquisar fontes, e como resultado todo mundo realmente aprendeu, podendo observar que o conhecimento pode influenciar a qualidade de vida de toda uma população, e esse deve ser nosso objetivo profissional. Pretendo ser ecólogo, sei que profissões que trabalhem com o manejo correto dos recursos naturais são imprescindíveis na nossa região”. (Tallyson, estudante. 3º ano. 2018).

É necessário que a geografia física siga em confluência com a geografia humana, para uma interpretação da realidade. Os estudantes sabem dessa necessidade, e compreendem que o desencontro das bases teóricas com a realidade é um empecilho na geografia escolar. Pois ao invés de dar atenção a totalidade dos fenômenos geográficos, caímos na divisão dos assuntos, e conseqüente enciclopedismo. O professor precisa estar atento a sua prática, vigiando-a de forma crítica, pois é nesse solo de incertezas que brota a possibilidade de criação. Não se trata de ensinar cada vez mais, e sim cada vez melhor, de forma que esse aprendizado tenha excelência teórica, mas muito além disso, faça sentido para os que estão aprendendo, dessa forma os jovens poderão empreender mudanças reais em suas vidas e comunidades.

- Você considera que as aulas de Geografia contribuem na sua formação ética, política e teórica? Como?

“Alguns dizem que escola ensina e família educa. Mas eu não penso assim, óbvio que a família é importante e é primeiro lugar onde aprendemos a respeitar o próximo e as inúmeras regras de boa convivência, mas é na escola que aprendemos a lidar com pessoas ainda mais diferentes que nós que nossos familiares, e por isso aprendemos muito sobre respeito, tolerância e valores. Apesar de achar que alguns dos colegas não

retém quase nada, talvez falte um pouco de educação doméstica a eles”. (Ana, estudante. 2º ano. 2018).

“...as pessoas têm um certo preconceito sobre a abordagem de assuntos políticos em sala de aula, nos últimos tempos falar disso gera até briga. Não entendem que não se trata de falar bem de candidatos, partidos ou sistemas políticos, e sim de aprender sobre isso para que não sejamos leigos, levados pela opinião de uma maioria. É principalmente nos ajudar a pensar como cidadãos, já que nossas escolhas acabam influenciando a maioria. Agir de forma política é reconhecer que podemos pensar diferente, podemos resolver nossos conflitos com conversa, diplomacia, respeito. Coisas que fazem falta na sociedade atual”. (Yasmin, estudante 1º ano. 2018).

“De forma geral, quando analiso todos os professores, toda a escola, posso dizer que ela tem falhado na questão da aprendizagem, mas entendo que este não seja um problema de responsabilidade total do Santa’Ana, e sim de todas as escolas por onde passamos, e mais, do país. Pois muitos aqui na sala têm dificuldade em escrever, ler, apresentar em público ou fazer uma conta de matemática. Ou seja, a falha não está nessa escola, está no histórico. Lá atrás não tivemos um bom preparo, então ao chegarmos no Ensino Médio encontramos ainda mais dificuldades, mesmo com todos os esforços envolvidos, melhores professores, livros. Haverá uma melhora e até uma mudança, mas a realidade é essa”. (Brenda, estudante. 3º ano. 2018).

“A escola é responsável por parte de quem eu sou hoje, e respondendo a pergunta: minha formação ética, política e o conhecimento construo e trago comigo, existem graças ao esforço dos professores, da minha família e da minha decisão de estudar. Até mesmo minha futura profissão foi influenciada pela escola...” (Lívia, estudante. 3º ano. 2018).

Os estudantes admitem a importância e a contribuição da escola como uma instituição responsável pela formação cidadã, que valoriza as diferentes manifestações do conhecimento, e que caminha com a ajuda de professores, estudantes e políticas públicas para o processo emancipatório da comunidade a qual pertence. Sendo isto um dos objetivos de seu projeto político pedagógico. A Geografia é tida como uma ciência importante nesse processo, mas é a escola como um todo que precisa se reformar para os propósitos efetivos da educação.

O perfil dos professores foi traçado por meio das observações, entrevistas e atividades desempenhadas. Identificamos que, embora enérgicos na profissão, mais da metade deles não recomenda o ofício de professor. Contudo, são bastante bem-humorados, ativos e envolvidos nos projetos que a escola se propõe a realizar. Foram inúmeras feiras, festejos, horas cívicas, reuniões, campeonatos escolares. Mesmo consciente de que isso não garante uma escola verdadeiramente educadora, percebemos o esforço para que seja uma experiência satisfatória para o corpo de estudantil, caminhando para uma menor escolarização compulsiva, e se aproximando mais da proposta de uma aprendizagem útil à vida.

As entrevistas com os professores de Geografia ajudaram a caracterizar o perfil de cada um deles, seu histórico profissional e suas concepções pedagógicas. Foi identificado que os professores possuem formação na área de atuação e que ambos possuem mais de 5 anos trabalho na mesma escola, chegando ao cargo por meio de concurso público. O que confere certa

segurança aos estudantes, que já não sofrem com o rodízio de troca de professores nessa disciplina, o que ainda acontece com frequência. A escola alega uma tremenda burocracia dos órgãos competentes em contratar e enviar professores substitutos, conferindo prejuízo ao corpo discente que, sem aula de Português, permanece em sala esperando improdutivamente o próximo professor. Situação testemunhada inúmeras vezes.

Os materiais didáticos de maior utilização são as pesquisas trazidas pelos estudantes e textos de apoio recomendados pelo professor, que determina que uma pesquisa seja copiada no caderno, após discutir o assunto com a turma, pede-se um trabalho escrito com defesa. O que se aproxima mais de uma educação com pesquisa do que pela pesquisa, e que em alguns casos acaba sendo vista como enfadonha e desconexa. O livro didático (que é utilizado apenas por um dos professores de geografia), serve como fonte de leitura, pesquisa e é usado para fazer exercícios, faltando-lhe a ligação com as atualidades, deficiência que o professor busca sanar através da escolha de temas avulsos para pesquisa.

A escola conta com apenas uma unidade do equipamento data-show. O que gera certa disputa entre os professores que utilizam uma espécie de rodízio para o empréstimo. Alguns cansados dessa dependência, decidiram investir na compra do próprio aparelho, que custar em média R\$ 972,00. Pois esse investimento dinamiza o tempo em sala de aula, sendo a aprendizagem em Geografia requerente de muitos elementos visuais, contar com a possibilidade da projeção de imagens e vídeos é muito bem-vinda à dinâmica didática. O fato dos professores investirem em notebooks, projetores, e caixinhas de som portáteis, aponta para a entrega pessoal em suas profissões, que deixam de ser profissões e se tornam missões de vida a partir do instante em que eles não medem esforços para romper as dificuldades materiais e oferecer uma aula dedicada, e para fugir um pouco dos recursos imediatos: voz, pincel, e livro didático.

Sobre a linha pedagógica seguida pelos professores, ambos citam a necessidade de adoção do Construtivismo por incentivar a responsabilidade e contribuição do estudantes em seu próprio processo cognoscitivo, divergindo entre eles a questão avaliativa, pois enquanto um demonstra desapego as provas, o outro considera necessário um modelo de avaliação que se pareça com aquilo que os estudantes encontrarão nos vestibulares, tendendo, portanto, para uma visão mais tradicional. Ambos mencionam a contribuição da pedagogia freiriana na elaboração de seus projetos educacionais, defendendo uma educação comprometida com o social. Porém fica claro que eles sentem dificuldades para trabalhar da forma como realmente gostariam, mas dentro de suas limitações tentam fazer com que a Geografia seja mais interessante, organizando

atividades que saiam do tradicional pelo menos uma vez ao bimestre, alternando assim com as mais tradicionais.

A alfabetização digital foi um tema rememorado, quando questionados sobre a necessidade da formação continuada e reciclagem do professor. O ponto positivo é que além de bem inteirados com as TIC's os professores de Geografia finalizaram ou estão cursando uma pós-graduação.

“Hoje até podemos ter carência material, falta de jeito com as TIC's, mas em breve isso será pré-requisito na admissão de um professor. Implica dizer que, as faculdades precisam se comprometer na formação de um profissional bem equipado tecnologicamente, que saiba utilizar programas, jogos, e toda a parafernália disponível. E para nós que já estamos a algum tempo em atividade, a alternativa é se aprimorar nos cursos de especialização, mestrado, doutorado. O que digo aos estudantes, preciso demonstrar em exemplo: aprendendo sempre”. (Professora, 2017).

As dificuldades apontadas são diversas, e já mencionadas de forma indireta. Vamos destacar ainda a presença de crenças limitadoras e baixa autoestima de alguns estudantes, que na opinião de um dos professores está fortemente ligada à indisciplina, apatia e mau desempenho escolar. Agindo como bloqueios do processo de aprendizagem. Sendo difíceis de administrar por integrem aspectos avulsos, como: problemas familiares, fatores psicológicos, preconceito, *bullying* e dependência química.

“O maior desafio para o professor é encarar a turma, diante de toda aquela pluralidade de pensamentos, origem social, vida familiar, sonhos, dificuldades e entre outras mil coisas que interagem dentro de um ser humano...e, ser levado pela humanidade que age dentro dele a praticar a paciência, a escuta, a generosidade. Além de todo o arcabouço intelectual, temos que ter noção que estamos lidando com seres humanos. E muitas vezes o professor deixa a disciplina em segundo plano, para animar, ou até mesmo exortar a turma. O famoso ‘puxão de orelha’. Muitos chegam a sala de aula sem muita perspectiva de futuro, porque opções ainda não foram apresentadas. A Geografia tem a função de gerar um novo olhar sobre o mundo, e no que depender de mim, será um olhar de esperança no futuro. Sempre procuro dizer a eles o quanto são capazes, e incentivá-los a continuar estudando, e se reinventando. Pois alguém lá atrás me sacudiu, e alguns infelizmente não ouvem isso em casa”. (Professor, 2017).

“Quando recebo notícias sobre ex-estudantes que se formaram, outro que passou no vestibular, ou quando, de repente encontro um deles trabalhando. Já me dá aquela sensação boa por ter contribuído com aquilo. Em tempos onde a juventude facilmente se envereda por caminhos sem volta, saber que aqueles com quem convivi durante alguns anos estão bem, e estão na luta... é uma satisfação. É meu motivo de orgulho e combustível de caminhada”. (Professor, 2017).

O papel do professor sempre extrapola o âmbito disciplinar, uma profissão que lida com seres humanos, carece mesmo desse olhar mais cauteloso, mais atento, sobre o comportamento, a aprendizagem e as necessidades dos estudantes. Esse olhar caloroso é presente na escola, mesmo em meio a todos os problemas de uma escola comum, nota-se a empatia e a amizade entre os funcionários, corpo docente e discente. Um clima de amistosidade, saudável para o desenvolvimento social.

- Como aconteceu o processo de criação do Projeto Político Pedagógico?

O PPP é a alma da escola, contendo as propostas que irão reger, por determinado período, todo o fazer-pedagógico da escola alinhado a valores éticos, morais e sociais do perfil de cidadãos que ela pretende formar. Sendo alterado e redimensionado em intervalos de dois anos ou mais, para acompanhar as mudanças da escola e para a própria avaliação do que deve permanecer no plano e do que não tem surtido o efeito esperado. A intenção é que através dessa repaginação contínua, o documento não se torne obsoleto.

Precisa ser acessível a comunidade escolar, devendo ser anexado a um mural nas dependências da escola, e apesar de cada PPP ser exclusivo deve conter: missão; clientela; levantamento de dados sobre aprendizagem; relacionamento com a família; recursos; diretrizes pedagógicas (currículo) e plano de ação.

Acompanhamos uma dessas modificações no PPP da escola (realizando algumas entrevistas e na oportunidade que nos foi dada, participando como ouvinte das assemblei/as de discussão). Foram feitas reuniões com toda a equipe da escola, todos os profissionais que somam de alguma forma com o funcionamento da instituição participaram, juntamente com os representantes de sala e o Grêmio Estudantil (representatividade dos estudantes). Infelizmente esses ajuntamentos não puderam contar com a presença dos pais. A justificativa apontada é que, por não configurarem obrigatoriedade (como é o caso das reuniões de entrega de boletins), e por não haver um bilhete direcionado demonstrando certa formalidade, os pais ou responsáveis acabaram oferecendo menor importância ao convite. Mesmo assim os debates aconteceram regularmente, e o documento fora finalizado. Uma alternativa para conseguir a participação dos pais na próxima alteração é convidá-los para prestigiar algum trabalho/apresentação dos filhos, e no andamento da confraternização abordar o PPP de forma simples, incluindo-os a partir disso.



**Tabela 4:** Projeto Político Pedagógico.

**Fonte:** Carvalho, Mirian. 2018.

Após a finalização do documento, os resultados foram divulgados, e os objetivos a serem alcançados foram debatidos nas reuniões de professores, conforme o plano de metas criado. Bom, o PPP não é apenas um projeto frio, deve de fato, nortear as atitudes de toda a escola, da secretaria à cantina, todos os profissionais e os estudantes devem estar cientes do objetivo da escola onde trabalham/estudam. As informações colhidas durante as entrevistas e participação nos eventos escolares, denunciam uma escola pública com necessidade de reinvenção, que ainda adota o modelo padrão de gestão, embora mantenha muitos projetos e alternativas que o contrapõe. Há um caminho a ser percorrido, não só pelo Sant'Ana, mas por muitas escolas brasileiras.

### 3 A GEOGRAFIA QUE QUEREMOS

A sociedade pós-moderna, lida com demandas educacionais diferentes do século passado. E ainda lutamos contra a perpetuação de um antiquado modelo escolar, que alberga seu ensino sob extensos questionários, pela repetição insípida e conteúdos difusos. O que pode até causar a falsa impressão de aprendizagem, e até providenciar melhores notas escolares, entretanto, dificilmente preparará os jovens para a vida real em um mundo mutante.

Por outro lado, apenas a realização de outras atividades tidas como construtivistas como, debates, pesquisas e apresentações, não são garantia de uma educação legitimamente inovadora. Existem na educação muitas possibilidades, e não há uma fórmula única para uma formação bem-sucedida. Apenas um construir diário que deve se encaminhar o mais próximo das necessidades reais da sociedade. Há de se rever a prática sucessivamente, numa rotineira reinvenção e aprimoramento. Um exame que deve somar a franqueza e percepção do educador. Sem esquecer o *feedback* estudantil.

Cada ano letivo, cada turma nova, precisa levar o profissional a uma reinvenção por mais mínima que seja, pois com cada grupo entram novas necessidades. Cada ser humano é único, o que o faz responder de forma específica aos estímulos de aprendizagem. Cabendo a escola e toda a equipe pedagógica prover o necessário para o sucesso de todo o espectro de inteligências.

Para que esse êxito se estabeleça é necessário questionar tendências já enraizadas em nossas escolas, naturalizadas pelo uso, e que impedem a adoção de mudanças por parte do corpo escolar. É necessária uma mudança de pensamento por parte de escola, pais e sociedade. Conforme Cury, o ato de educar não é repetir palavras, é criar ideias, é encantar (2003, p.35).

A Escola Estadual Sant'Ana, onde a pesquisa foi desenvolvida, coleciona muitas experiências em sua busca pela formação integral de seus estudantes, e desde sua instalação como escola pública tem desenvolvido inúmeros projetos e atividades, que visam a autogestão a construção do conhecimento, provando ser uma instituição preocupada em ativar o potencial humano em toda a sua dimensão e complexidade. Na luta por um ambiente menos arbitrário, engessado e apático.

Embora lide com demasiadas forças contrárias de ordem estrutural, financeira, ideológica, burocrática, entre outras.

Propomos, realizamos e acompanhamos o uso de estratégias de aprendizagem em que o estudante estivesse no centro de todas as ações, mais flexíveis e modernas. Procurando avaliar como a Geografia que estudamos pode se conectar com a vida e com o mundo do qual somos cidadãos. Como a escola pode multiplicar potencialidades de educandos e educadores. Acreditando que a educação é a principal estratégia para assegurar as gerações o direito de desenvolver suas potencialidades. Torcendo para que ela seja ponte e não abismo entre o jovem e seu projeto de vida.

O educador que nota a necessidade de cruzar a linha do futuro em educação, deve autoavaliar sua *práxis*, propondo uma comparação entre as características da educação no século 20 e as novas necessidades da educação no século 21. A primeira enfoca a absorção de informações, memorização de fatos e técnicas, e uma abordagem massificada dentro de uma aprendizagem passiva, configurando ao professor a função de reprodutor de conteúdo, guiando-se por um currículo obtuso, cujo conceito de alfabetização se resumia a ler, escrever e solucionar contas.

A educação atual, aponta o desenvolvimento pleno do estudante, onde informações são apropriadas e reconstruídas para transformarem-se conhecimento para a vida. Onde o ser, fazer, conviver e aprender vem rebocado ao conteúdo. Onde a aprendizagem ativa incentiva a produção individual e interação coletiva, tendo o professor como mediador que trabalha para alavancar diversificados letramentos.

### 3.1 MUDANÇAS ESTRATÉGICAS NO USO DO TEMPO E ESPAÇO FÍSICO ESCOLAR

Baseando-se em questionamentos como “para que serve o ensino médio? ”, “o que é ler o mundo? ”, “como a geografia pode nos ajudar a ler o mundo? ”, reunimos as respostas feitas pelos estudantes, professores e pesquisa bibliográfica, para mostrar o debate em torno das problematizações. Agrupando as diversas respostas e alternativas conforme suas afinidades.

Várias questões foram sendo levantadas ao longo do trabalho, como por exemplo: Quais as alterações que a escola precisaria sofrer para melhorar a aprendizagem dos estudantes? Os

estudantes da Escola Estadual Sant'Ana resolveram contribuir ainda mais para essa discussão. E o resultado final deste trabalho foi a produção de um *folder* informativo, chamado “Geografia para ler o mundo”. Que explica como metodologias, recursos e atividades se põe a favor da ciência geográfica, fornecendo subsídios para a leitura do espaço por uma ciência útil e participante, e uma escola comprometida com a formação para a vida onde cabe a cada “disciplina” estimular a “subversão” a toda e qualquer forma de injustiça, promovendo senso crítico em cada aprendente, pois, somente quando o potencial humano é estimulado, podemos esperar crescimento econômico, sustentabilidade ambiental, redução das desigualdades e da violência, como também o aumento da inovação científica e tecnológica.

A seguir demonstraremos as sugestões para contribuir com uma educação, escola e geografia mais participante.

**Tempo/aula semanal** – Essa sugestão partiu tanto dos estudantes, quanto dos professores. Atualmente os estudantes de escolas de meio turno em Manaus contam com uma carga horária de 90 minutos de aula por semana para o componente curricular Geografia. Na Escola Estadual Sant'Ana os estudantes possuem apenas uma aula de Geografia por semana. São dois tempos seguidos de 45 minutos cada. Modelo que não agrada a maior parte dos estudantes, fora definido pela secretaria da escola, que certamente segue a regra por submissão à órgãos superiores. A distância entre as aulas, influi no aproveitamento escolar, segundo as turmas.

Aqui entram dois desafios, um a curto e outro a longo prazo: primeiro, dinamizar o tempo em sala de aula e, posteriormente aumentar a carga horária do Ensino Médio (o que já está previsto na Reforma do Ensino Médio), para que o professor tenha mais tempo e liberdade de construir conhecimento com a turma. A fragmentação excessiva entre os tempos de aula, dificulta o desenvolvimento de algumas atividades que requerem mais etapas, e “mão-na-massa”. Isso sem contar na dificuldade que o professor que leciona em mais de uma, acaba encontrando para gerar um sentimento de continuidade sobre o que estão estudando em meio a eventuais feriados e pontos facultativos, que distanciam uma aula por semanas.

Os professores estão insatisfeitos com a forma de distribuição dos tempos de Geografia, salientando que uma educação integral requer uma escola de tempo integral. Mas que procuram fazer o que está ao alcance para que os estudantes não sejam compelidos a esquecer o conteúdo as aprendizagens das aulas criando estratégias para fazer com que o tema esteja presente diuturnamente.

**Escola aberta aos sábados** – Em muitos bairros e comunidades periféricas, a escola é o único prédio que poderia ser utilizado também como espaço de lazer e aprendizagem em

horários de não-funcionamento. Pensando nisso os estudantes sugeriram que a escola fosse aberta aos sábados, para aplicação de cursos, reforço escolar e prática de desporto. Aproximando a comunidade das atividades escolares. Averiguando a possibilidade de troca de experiências e conhecimentos e até mesmo prática de voluntariado. Por enquanto o único uso da escola aos sábados é para a realização de aniversários, festividades ou aluguel da quadra onde grupos se revezam para praticar esportes. Pagando por isso uma pequena taxa de manutenção.

### 3.2 METODOLOGIAS ATIVAS PARA LER O MUNDO

Colocar o estudante como centro do plano de aprendizagem é conceder poder para que ele construa, indague, explore, solucione e interaja de diversas formas, e com isso aprenda de maneira significativa, estando ativo durante o processo. Para Bastos (2006) metodologias ativas são processos interativos de conhecimento, análise, estudos, pesquisas e decisões individuais ou coletivas, com a finalidade de encontrar soluções para um problema, rompendo as faixas das disciplinas.

E ler o mundo, o que seria? É a capacidade de integrar novas informações à conhecimentos prévios que acabam formando uma nova e integralizada dimensão da realidade. E se dá de forma eficaz quando, a partir desse vislumbre, passamos a agir em nossa própria vida cotidiana. Vamos abordar algumas metodologias trazidas e discutidas pelos estudantes:

**Aprendizagem em campo** – Fundamentais durante a formação do professor-geógrafo. As aulas de campo deixam de ser frequentes durante a escola. Mesmo assim, cerca de duas vezes ao ano os professores organizam excursões para visitar faculdades, bosques, institutos de pesquisa ou um ponto histórico da cidade. Sabemos que essas atividades requerem uma organização prévia, e que envolve uma logística de transporte, alimentação, segurança. Mas vale o esforço, já que o *feedback* dos estudantes é muito animador, ficando visível no esmero com que a maioria realiza os trabalhos e pesquisas envolvidas antes, durante e depois das aulas. O que é, não só uma forma de maximizar o interesse no aprendizado, como também uma maneira de aproximar os jovens à vida acadêmica/profissional que tanto almejam. A medida que tem contatos com ambientes profissionais.

Há ainda a possibilidade apresentar alguns trechos da própria cidade, que os estudantes até então não conheciam. Pois muitos estão limitados por questões distanciais e até financeiras a não usufruírem de determinados espaços citadinos. A variedade de paisagens a serem

exploradas, e as realidades contrastantes fazem da aula de campo uma experiência inegociável. Que necessita estar inclusa nos planos de aula.

**Aula prática** – Considerada uma metodologia ativa, a aula prática envolve o uso de equipamentos e materiais para que exercitem, comprovem ou demonstrem o tema abordado. O popularizado “aprender fazendo” que, relaciona a teoria com um novo conhecimento prático. Durante as conversas os estudantes mencionaram o uso de GPS, bússola, cartas topográficas, mapas de diferentes escalas/projeções e até propuseram a construção de um terrário, e outras infinitas possibilidades.

Embora o docente deseje lançar mão desses recursos, muitas vezes encontra dificuldades na acessibilidade dos materiais. O que o leva a buscar outras alternativas ou sucumbir à exclusividade do livro didático ou texto de apoio. Os professores explicam que a implementação de aulas práticas é dificultada novamente pelo horário de aula disruptivo. Ainda assim, essas práticas são utilizadas. Uma saída para a dinamização do tempo de aula, é utilizar a aula-invertida para otimizar os processos durante a aula. Obtendo tempo maior para discussão e manipulação dos recursos didáticos.

**Aula invertida** – Conhecida como flipped classroom, essa metodologia pretende devolver a autonomia do estudante a ao mesmo tempo desenvolver autoestima e melhora na aprendizagem. É utilizada pelos professores de Geografia da escola, ainda que com menor frequência. Existem muitas formas de se fazer uma aula invertida, mas em geral, o professor instrui sobre qual material deve ser consultado em casa (vídeo, áudio, blog, rede social, slide), a partir disso o estudante não apenas consulta o material, como em seguida ocupa-se de levantar dúvidas e elaborar comentários para o debate, ou iniciar determinada atividade que será desenvolvida em sala. Realizando uma parte do processo a cada aula presencial. É um importante auxílio na otimização do tempo, o empecilho apontado pelos professores é o fato de que nunca conseguem fazer com que toda a turma verifique o material disponibilizado, problema que precisa ser atacado encontrando alternativas para aqueles que encontram dificuldade no acesso ao material devido a falta de internet ou computador.

**Personalização** – Essa metodologia foi bastante apontada como pilar de uma educação inovadora. Entre os estudantes e professores foi citada muitas vezes, embora seja a mais “trabalhosa” de ser pôr em prática, devido as turmas extensas que lotam as salas de aula. Vamos abordar um tema que é tendência na área da educação mundial. E tem sido muito difundido no Brasil: o ensino personalizado, ou aprendizagem personalizada.

A média de estudantes por sala no Sant’Ana é de 37 nomes na lista de chamada. Implica dizer que o professor precisa lidar com 37 talentos, 37 limitações e 37 formas de aprender. Por

isso a importância do reconhecimento de que fazer sempre as mesmas coisas, do mesmo modo, não trará resultados positivos para a equipe. Ingenuidade ignorar que cada ser humano é um vasto universo. Pecado ignorar as diversas dimensões dos indivíduos com quem convivemos.

É dessa problemática que surge a proposta de vivenciar uma aprendizagem customizada, focada na necessidade de cada estudante, nas habilidades e saberes que precisam ser trabalhados, levando em consideração suas aptidões e interesses. Uma das maneiras de personalizar a aprendizagem é utilizar uma espécie de roteiro de aprendizagem, onde o estudante regula o que e como fará para alcançar determinado conhecimento. Tendo liberdade para escolher entre espaços e recursos disponibilizados. De forma que o estudante sinta que está em sua própria jornada de conhecimento e se sinta atuante nesse processo, empolgado, envolvido pelos desafios de seu próprio plano e em seu ritmo próprio.

Todo o trajeto é assistido pelo professor e uma das formas de acompanhar isso é através da tecnologia, ou seja, pode ser através de plataformas adaptativas, onde o estudante também avalia e nota seu progresso. As plataformas adaptativas podem rastrear os interesses e as formas de aprendizagem dos estudantes, criando um perfil individual baseado no uso de dados móveis.

Sendo mais realista, levando em conta o desaparecimento tecnológico de nossas escolas. Poderíamos realizar atividades onde os estudantes traçassem um cronograma de atividades pessoais, para aprender sobre temas da Geografia que interessem a si e a sua comunidade. Pois se a escola está descolada da vida, também estará descolada do mundo do trabalho. Este requer profissionais autônomos, inteligentes emocionalmente, capazes de interagir com as diversas tecnologias e lidar com diferentes esferas de conhecimento, ou seja, interdisciplinares. Essas capacidades complexas precisam estar presentes no dia-a-dia de nossas escolas. Aprender a aprender é muito mais útil do que aprender muito.

Em relação à avaliação, as provas padronizadas perdem a razão de ser neste modelo, adotando-se a avaliação contínua para verificar a aprendizagem e o desenvolvimento dos estudantes. Personalizar experiências de aprendizagem é propiciar que todos tenham as mesmas chances de sucesso escolar.

**Modelos de ensino híbrido** – Apesar de muitos autores inovadores usarem o termo “ensino”, o que soa bastante “autoritário”, “colonizador”, sabemos que se trata de uma nomenclatura consagrada pelo uso, e na oportunidade vamos trocar por “aprendizagem”, entendendo que ninguém tem o poderio sobre o processo cognitivo do outro, cabendo aos professores/pedagogos apenas a facilitação desse processo. O blended learning (aprendizado mesclado) se diferencia por variar entre o uso de recursos on-line, junto a um programa de educação formal (off-line). Uma parte do processo é desenvolvido em sala de aula e a outra em

diversos ambientes de aprendizagem. Os principais modelos são: virtual aprimorada, flex, rotação e à la carte.

No modelo virtual aprimorado, os professores e estudantes não se encontram diariamente, a aprendizagem é 80% online, os grupos se encontram para tirar dúvidas e trocar ideias, o professor desempenha papel de tutoria. Essa alternativa pode ser utilizada pelos professores quando possuem pouco tempo com os estudantes, ou quando os encontros são fatalmente prejudicados por coincidirem com feriados, pontos facultativos e outras interferências.

No modelo flex, a diferença começa na arquitetura/arrumação da sala, que é propositalmente mais despojada, integrada e equipada para promover interação entre diferentes grupos, que não são separados pela série, e cujo foco da aprendizagem se aprimora em torno da personalização. Cada estudantes tem seu próprio roteiro, com metas de aprendizagem e atividades específicas previamente estabelecidas. O estudante aprende, e sempre poderá consultar seu itinerário, acompanhando seu desenvolvimento. Tudo isso em rede.

A aprendizagem por rotação subdivide-se em quatro estilos: a já mencionada “sala de aula invertida”, a rotação por estações, rotação individual e laboratório rotacional. Na rotação por estações, o professor distribui uma proposta para cada grupo, e esses grupos se revezam para cumprir as tarefas, passando por todas as estações. No modo rotação individual, cada qual tem seu roteiro de trabalho, o que não inclui a participação em todas as atividades, apenas as que convém ao seu plano de aprendizagem. O laboratório rotacional é o mais utilizado nas escolas, consiste em dividir a aula em duas partes, uma em sala de aula e a outra no laboratório de informática. E é responsável por abrir centenas de possibilidades e combinações. A Geografia se beneficia do uso de laboratórios, para a alfabetização cartográfica, construção e interpretação de mapas. E acesso a informações que levem a comparação, discussão e leitura de diferentes realidades.

Por último temos o modelo à la carte, combina curso e tutoria online, com experiências na escola tradicional. As aulas podem ser feitas no espaço escolar ou domiciliar. E pode ser utilizado na escola para a aprendizagem específica, em casos onde o professor precisa se ausentar da escola, por determinado período. Evitando assim atrasos e prejuízos no cumprimento do currículo. A tutoria pode ser facilitada em grupos fechados de redes sociais como o Facebook, que segundo os próprios estudantes, seria a mais adequada pela praticidade na troca de arquivos e interação entre os membros e o professor tutor.

Investimento em tecnologia, e possibilidade de acesso à internet banda larga, precisa ser reivindicado nas escolas. Diversos países utilizam a metodologia do ensino híbrido comprovam

que, quando usada da maneira correta, promove recuperação de aprendizagens que por algum motivo não foram efetivadas em séries anteriores, desenvolve a capacidade de análise e melhora a sociabilidade. Essa metodologia entra em nosso hall ao percebermos que a escola possui um bom número de computadores, e que a possibilidade de uma aprendizagem híbrida é viável. Cabendo aos responsáveis oferecer essa opção.

**Aprendizagem com foco em competências** – foi um consenso entre pesquisadora, estudantes e professores que a educação carece de foco nas competências. Mas logo nos deparamos com os muitos conceitos que envolvem essa abordagem metodológica. Podemos citar os 6Cs: comunicação, colaboração, criatividade, pensamento crítico, conectividade e cultura. Que significam, a necessidade da educação do presente século incentivar a capacidade das pessoas em se comunicar com clareza, sentimento de cooperação que vise o bem comum, entre outras. Ou usar a abordagem de Morin, que usa os “sete saberes” para exemplificar o que é a aprendizagem para a competência. Ou a OCDE, que adota um modelo de competências socioemocionais, que envolve as capacidades de:

- ✓ Atingir objetivos (perseverança, autocontrole, entusiasmo para atingir objetivos)
- ✓ Trabalhar com os outros (cordialidade, respeito, cuidado)
- ✓ Gerir emoções (calma, otimismo e confiança).

Independente do modelo adotado, é importante ao professor ter consciência de sua parcela de responsabilidade no desenvolvimento pessoal dos estudantes, pois esse é um papel que sua profissão desempenha, mesmo não recebendo formação específica para essa tarefa.

Competências socioemocionais – Além de habilidades operatórias, precisamos focar no aprimoramento de competências socioemocionais, que se apoiam no tripé: conhecimentos (saberes), habilidades e atitudes. Esse exercício premeditado por parte de todos os componentes curriculares faz com que o estudante melhore sua percepção subjetiva, concentração, a estimula a criação de sentidos e análise crítica-transformadora da realidade.

Os estudos na área de competências socioemocionais apontaram que pessoas com baixa escolaridade, que conseguiram aumentar seu nível de bem-estar social, tinham algo em comum: possuíam boa comunicação, senso de responsabilidade, abertura à experiências novas, e grande capacidade de se manter resiliente frente às dificuldades. Chegando à conclusão que o aperfeiçoamento dessas características tem o poder de influir no sucesso e na qualidade de vida humana, melhorando renda, saúde, estabilidade psíquica e satisfação pessoal. Essas “forças de caráter” podem ser aprendidas e aprimoradas. Escolas onde o lado socioemocional dos estudantes é trabalhado de forma veemente, sendo inclusa em todo o currículo, tem índices de desenvolvimento cognitivo, inter e intrapessoal aumentados. As macrocompetências, são essas

habilidades divididas em cinco grandes domínios, chamados também de big five, ou grandes domínios da personalidade: engajamento com os outros, amabilidade, resiliência emocional e abertura ao novo.

Muitas são as críticas sobre a discrepância entre a Geografia acadêmica e a Geografia dos professores, devido ao abismo entre o que tem sido movimentado na área de educação dentro das universidades e a rotina escolar. Por isso a importância de aproximar pesquisadores de diversas áreas, com a gestão e o corpo docente das escolas. Pois a melhoria na educação passa pela elaboração e disseminação e incremento de pesquisas e inovações educacionais.

Dentre os materiais de apoio para a implementação dessa metodologia, chamamos atenção para a web série “O futuro se aprende”. Idealizada pelos Institutos: Inspirare, Porvir e Ayrton Senna. Conta com vídeos curtos, feitos para profissionais da educação que desejam aprender a planejar políticas públicas acessíveis, conforme a necessidade de seu ambiente de trabalho. No site, pesquisadores e professores falam de suas experiências, abordando: definição de competências e seu espaço no currículo, formação de educadores, o processo de avaliação, a preparação da escola, depoimentos de práticas pedagógicas no Brasil e no mundo e a importância da relação professor-estudantes.

As páginas dos três institutos contam com um vasto e atualizado material, contendo mídias e cursos diversos que apoiam os professores no educar para a vida, abordando metodologias inovadoras, que podem servir de inspiração para a equipe pedagógica. Lembrando que as habilidades socioemocionais dos professores também devem ser levadas em conta, abrindo espaço na escola para que eles cresçam nesse ponto. Pesquisas recente apontou que professores da rede estadual de educação do Paraná apresentam níveis muito elevados de sofrimento mental (depressão, ansiedade e distúrbios psiquiátricos menores) em relação a outros grupos profissionais. O que sabemos por experiência pessoal e constatação científica tratar-se de um problema que acompanha a profissão de forma geral. Apontando para a necessidade de um cuidado maior com o educador, que lida com suas emoções e as emoções de outras dezenas de pessoas diariamente. Sofrendo abusos psicológicos por parte de estudantes, pais e chefias.

Aprendizagem baseada em projetos – Modalidade presente na escola, ainda que de maneira mais rústica. A aprendizagem baseada em projetos pode se desdobrar de diversas maneiras, começando pela identificação de um problema que será avaliado, sondado e solucionado pela equipe. O espírito de exploração, originalidade, e a voz do estudante devem ser valorizados. Esse modelo é altamente eficiente para despertar de conhecimentos e habilidades necessárias à educação do presente. Conectando os estudantes com a comunidade

e o mundo, torna a aprendizagem mais prazerosa, oferece oportunidades para os estudantes utilizarem a tecnologia.

No processo de concepção do projeto deve-se:

- ✓ Definir uma questão central;
- ✓ Formular uma questão orientadora;
- ✓ Traçar as atividades a serem desempenhadas;
- ✓ Elaborar um cronograma;

Durante seu desenvolvimento:

- ✓ Incentivar os estudantes;
- ✓ Envolver a todos durante o processo;
- ✓ Manter o diálogo;
- ✓ Estimular a realização das pesquisas por parte dos estudantes;

Sobre o monitoramento e avaliação:

Acompanhar e registrar o desenvolvimento dos envolvidos;

- ✓ Observar a motivação e interesse pelas atividades;
- ✓ Avaliar a necessidade de fazer ajustes no projeto

Encerramento:

- ✓ Refletir sobre as aprendizagens adquiridas;
- ✓ Avaliar se os objetivos foram alcançados;
- ✓ Divulgar os resultados objetivos;

A escola desenvolve projetos ativos, e essa renovação de propósito é positiva para o corpo escolar. A maioria dos projetos já desenvolvidos não passou por todos esses processos, constituindo algo mais simplório. Porém, acreditamos que toda atitude que visa tirar o foco do copiar-responder-corriger deva ser aclamada, pois debaixo da adoção das críticas, pode ser aperfeiçoada para que todos saiam ganhando.

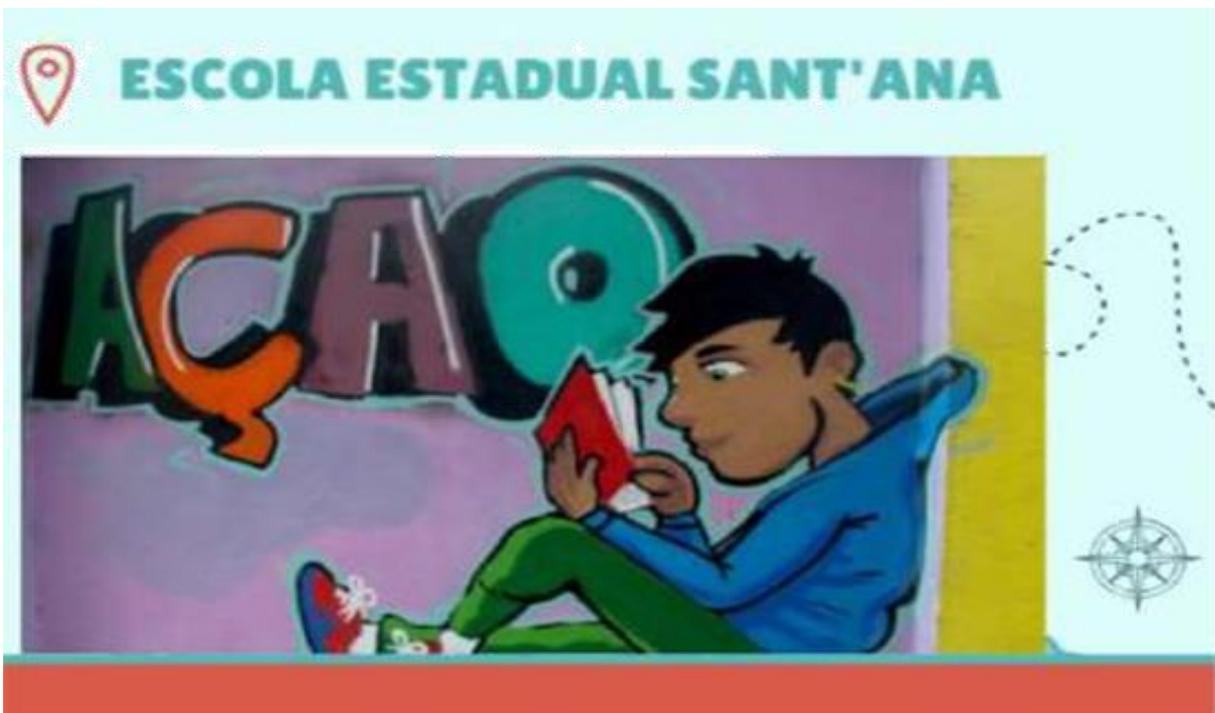
**Projeto de intervenção** – Em abril de 2017, surge o “Produção e Fruição das Artes”, idealizado pela professora Irlene Pinheiro Costa, e apoiado por uma equipe de universitários finalistas do curso de Artes da UFAM. Tendo como finalidade diminuir a evasão escolar, aproximar os estudantes da escola através do envolvimento na caracterização (intervenção artística) e limpeza do espaço (mutirões) aumentando a qualidade do local e o sentimento de valorização do patrimônio escolar, já que a escola estava sofrendo com o vandalismo.

O projeto tem como despertar as múltiplas inteligências dos estudantes através da vivência no ambiente de promoção das artes visuais, teatro, música, dança e literatura.



**Figura 7:** Projeto Produção e fruição nas artes.

**Fonte:** COSTA, Irlene, 2017



**Figura 8:** Revitalização dos muros da escola.

**Fonte:** COSTA, Irlene, 2017.

**Aprendizagem baseada em problemas** - Projeto pensado para ser desenvolvido em um tempo determinado, que é definido pelos participantes, ou seja, é mais flexível. Costuma

ser mais focado, ou seja, com um assunto mais delimitado. Pode gerar um produto tangível, ou envolver a simples apresentação de uma solução. Pode utilizar estudos de caso ou cenários fictícios para solucionar problemas reais, e já foi usado pelos professores muitas vezes.

A exemplo disso temos a atividade realizada pelo professor de Geografia, onde os grupos construíram um mapa turístico da cidade, baseando-se nos lugares da cidade que mereciam a atenção do visitante (segundo a perspectiva do estudante). Dando visibilidade a locais frequentados por eles, fugindo das zonas tradicionalmente lembradas. São infinitas possibilidades na aprendizagem baseada em problemas, sendo uma metodologia acessível e de simples implementação. Pode ser feita “com pesquisa” (dentro de uma disciplina), ou “via pesquisa” (assunto relacionado além ou interdisciplinar).

**Aprendizagem com pesquisa** – Proposta metodológica que elencamos ao grupo, e que faz parte do curso de Licenciatura em Geografia da UFAM e é, nas palavras de Ivani Faria “uma disciplina para aprender a trabalhar sem disciplina ou fora da disciplina”. Possui um grande impacto sobre a concepção comum do que seria fazer pesquisa. Apresentando-a como mais do que uma atividade escolar isolada, um instrumento norteador da construção do conhecimento em sala. É a pesquisa e pela pesquisa, e coloca o poder de escolha na mão dos estudantes, e eles decidem como a pesquisa será desenvolvida, quais as perguntas que vão guiá-los nesse processo. Dentro desta visão a pesquisa deve estar presente por toda a prática e em todas as fases da educação. Deixando que o estudante descubra, explore e construa significados. É fundamental para exercitar o autodidatismo. A aprendizagem com pesquisa, utilizando da metodologia da problematização, fora a metodologia utilizada para descobrir quais eram as possíveis saídas para os principais problemas dentro da escola e quais eram as aprendizagens indispensáveis em Geografia, de que forma a escola poderia influenciar e melhorar nosso repertório para a leitura das múltiplas realidades. Nesse processo o professor é um designer de aprendizagens, que provoca a turma para que estes apontem os rumos da pesquisa, o que acaba sendo uma atividade personalizada. Pois cada fonte diferente que o estudante traz para discussão em sala tem o intuito de enriquecer a conversa e os demais envolvidos.

A cada semana debatemos uma pergunta sobre o tema central, e quem construiu as respostas foram os próprios estudantes através de suas pesquisas e contribuições que giravam em torno de um fazer geográfico e escolar mais significativo. Resultados esses que foram embutidos ao longo da dissertação.

Uma das maiores ambições dessa proposta metodológica é quebrar o paradigma instrucionista que não vê estudante e nem professor como seres de capacidade autoral elevada. Trazendo aulas prontas que são despejadas e seguidas de avaliação que tenta mensurar o que

foi retido. Na aprendizagem pela pesquisa procura-se incentivar a autoria, devendo haver consultas a diferentes materiais, mas sobretudo aprender a contestar e reelaborar aquilo que sem visto e assim construir seu próprio aprendizado.

Segundo Faria (2018), a aprendizagem com pesquisa, é apenas uma alternativa dentro do sistema, pois, por um lado, na maioria das vezes, ainda ocorre em uma estrutura curricular fechada, fundamentada na disciplina em que a pesquisa é usada como um recurso exógeno ao processo de aprendizagem, e não está articulada com o conteúdo da disciplina e não faz parte da proposta metodológica de aprendizagem do projeto político pedagógico do curso. Apenas um complemento, como os Programas de Iniciação Científica/PIBIC, que mesmo bem-intencionados, têm a pesquisa não como princípio educativo, apenas científico, que só aparece no nível superior da educação.

A aprendizagem com pesquisa ainda é entendida de forma equivocada pela escola e professores, é usada para elaborar projetos com temas transversais, chamados de projetos interdisciplinares. Na maioria das vezes, os estudantes não participam da escolha do tema e menos ainda da elaboração do projeto. Sequer podemos denominá-la como aprendizagem com pesquisa, ou mesmo pedagogia por projetos.

No entanto, por outro lado, dependendo da proposta pedagógica e política do professor (que ignora a ementa da disciplina), pode ser um instrumento que vem proporcionar uma visão crítica, que por meio da problematização, que oportuniza aos estudantes, independente do conteúdo posto pela disciplina, experimentar mesmo dentro do currículo fechado, uma forma democrática de educação, quando podem escolher o conteúdo por meio do mapa conceitual e definir os caminhos do processo de produção ou reconstrução do conhecimento.

**Aprendizagem pela pesquisa** - Continuando a discussão, Faria (2018), definiu “Aprendizagem pela Pesquisa” (doravante APP), como uma concepção curricular que parte da ideia de que o currículo é aberto, flexível e se organiza sobre problemáticas – perguntas formuladas pelos estudantes sob a supervisão do professor, as quais serão respondidas processualmente a partir de pesquisas realizadas pelos estudantes, permitindo, assim, o desenvolvimento de várias habilidades intelectuais que vão desde a habilidade de fazer as perguntas apropriadas, até a habilidade de conceber métodos capazes de apreender e explicar o que se quer saber sobre cada um dos objetos de conhecimento circunscritos em cada caso. A “Aprendizagem pela Pesquisa” (APP) constrói um currículo baseado no aprendizado dos estudantes e não no ensino do professor, que organiza o tempo e os meios disponíveis para que o estudante passe por experiências de aprendizagem. Nesse contexto, não existe “ensino” por parte do professor, mas a sua orientação no desenvolvimento e execução das pesquisas.

A APP nasce da crítica aos currículos fechados, que podiam ser reproduzidos em qualquer lugar, exógenos ao contexto em que os processos educacionais ocorrem.

Essa crítica envolve, ainda, dois outros aspectos dos currículos disciplinares fechados: I) a rotinização de conteúdos prontos, repetidos sempre nos mesmos períodos, o que ocasiona normalmente baixo interesse por parte do corpo discente e a consequente queda no aproveitamento dos cursos; II) a epistemologia associada à rotinização, que é a de uma concepção de conhecimento enquanto produto, e não enquanto processo, omitindo, assim, frequentemente, dos estudantes um dos aspectos mais importantes do conhecimento, ou seja, o modo como ele emerge, sua natureza processual histórica. É por esta razão que se tem falado de uma “epistemologia da repetição”, que vem prejudicado a educação brasileira, num momento em que a “sociedade do conhecimento” tem se organizado e debatido crescentemente, sobre a capacidade desdobrada e produção contínua de novos conhecimentos (FARIA, OLIVEIRA 2012). Currículos e conteúdos, cujas metodologias de ensino são usadas para “capacitar” pessoas, sem desenvolver nas mesas a habilidade de pensar, de ter opiniões próprias, de serem cidadãos críticos e autônomos, mas para para serem mão de obra para o sistema capitalista vigente. Dessa forma, para o sistema educacional, estudante bom é aquele que só repete os conteúdos e segue modelos já estabelecidos.

A APP é definida pelo contexto educacional local e pelos interesses do grupo de educandos que se encontram em processo de formação. Trabalha a partir de uma metodologia que capta e discute os interesses e os contextos de vida dos estudantes, formulando pesquisas a partir desses interesses e contextos. Pesquisas essas que serão realizadas pelos educandos, estabelecendo assim (os interesses) como ponto de partida, mas não como ponto de chegada (FARIA, 2018).

**Aprendizagem por pares** – Geralmente, quando o professor entra na sala e observa que estudantes estão sentados aos pares, trata de separá-los para que deem mais atenção a aula. Pois bem, a proposta *peer to peer* (do inglês, “de igual para igual”) prega justamente a aprendizagem por duplas onde o professor os escolhe deliberadamente, baseando-se na complementaridade das habilidades e conhecimentos um do outro. Dessa forma ambos aprendem juntos, sob fiscalização do professor e trabalhando com um objetivo específico proposto, e que poderá diferenciar-se de dupla para dupla.

Essa prática é umas das mais comuns em sala de aula, porém se não atentarmos para os objetivos, podemos não ter o efeito esperado. O que pode acontecer é um dos estudantes fazer tudo sozinho, por excesso de liderança ou falta de contribuição do par. Aqui temos uma ideia

de como efetivar a aprendizagem por pares em 5 passos, inspirada no infográfico de (LORENZONI, 2016).

1. Objetivo – o professor precisa definir qual o resultado esperado a partir da interação dos estudantes;
2. Intencionalidade - separar as duplas levando em conta a complementaridade dos envolvidos;
3. Troca – os estudantes interagem e aprendem um com o outro, ambos são beneficiados, inclusive o que já domina determinado ponto, pois ao dividir o que domina estará promovendo seu próprio crescimento, e o do colega;
4. Supervisão – o professor deve garantir todos tenham oportunidade de se expressar, sem que um dos estudantes tome as rédeas de toda a situação. O objetivo é o envolvimento na aprendizagem;
5. Apresentação – a dupla mostra a solução para o desafio proposto e demonstram o que aprenderam juntos;

### 3.3 ATIVIDADES PROMOVIDAS PELA ESCOLA NO INTUITO DE CONTRIBUIR PARA UMA EDUCAÇÃO DEMOCRÁTICA.

**Ações solidárias** – A escola promove semestralmente alguma ação solidária que pode consistir em: gincanas de arrecadação (alimentos, fraldas, brinquedos), visitas às Instituições filantrópicas. Esse tipo de atividade é uma tradição na escola, presente a muitos anos. Tratando-se de muito mais que competição entre as turmas, mas de um ato real de solidariedade, empatia e cooperação. Plano fundamental para uma escola que visa a formação integral do ser humano, e que ambiciona uma educação que vise solucionar os problemas gerais, treinando o olhar para o outro, e que não busca somente suprir nossa necessidade pessoal de reconhecimento, saber e empregabilidade.



**Figura 9:** Entrega de donativos.  
**Fonte:** VIANA, Júlio. 2017.

**Campanha de incentivo à leitura** – A biblioteca da escola conta com um acervo diversificado, e que pode ser explorado de forma mais assídua. Os estudantes sugeriram em 2016, um maior incentivo ao empréstimo de livros. Como também, conscientização sobre a conservação do material de uso público. Um estudante do 3º ano médio, recomendou aproveitar o dia de sábado para criar um clube de leitura na escola. O que poderia ser aberto à comunidade. Outra ideia, é a instalação de uma Geloteca (biblioteca feita a partir de uma geladeira em desuso), em frente à escola, na parada de ônibus, aproveitando assim o movimento constante dos transeuntes. Os estudantes arrecadariam doações de livros, revistas, gibis. Personalizariam a geladeira com pintura e grafite. A fim de deixá-la mais atraente e comunicativa. Evidenciando sua nova funcionalidade. Devido a inviabilidade, dificuldade para adquirir uma geladeira, outra alternativa foi pensada. de improvisar uma caixa de papelão para receber doações literárias, e montando um cantinho de leitura, para que os estudantes usufruam no horário livre.

Graças ao professor de Língua Inglesa, Caio Jobim, o projeto de incentivo à leitura saiu do mundo das ideias para a realidade. Ele se tornou mentor do projeto “Clube do livro Sant’Ana. Que reuniu dez livros que misturam clássicos da literatura com livros atuais de interesse juvenil, e passou a reunir-se com os estudantes para aplicar a metodologia “*literatura circles*”, que coloca o estudantes no centro dos interesses, buscando promover a independência, responsabilidade e profundidade analítica. Guiada por insights e perguntas dos estudantes, é usado como ferramenta para o aprimoramento de habilidade de escrita e interpretação. É importante frisar que não existe um único jeito de trabalhar com círculos de literatura. Uma das

tantas possibilidades é escolha de autores, textos, por temática. Explorando a interdisciplinaridade e transversalidade nos processos.

Um dos impasses enfrentados fora a falta de recursos financeiros, sanada por uma campanha de arrecadação de livros doados criada pelo professor e impulsionada pelos estudantes, que posteriormente, abriram uma “vaquinha” virtual para arrecadar o valor necessário para a continuidade do projeto. Logo a empreitada ganhou visibilidade e escolas particulares e outras instituições resolveram ajudar doando exemplares. E as reuniões passaram a acontecer após as aulas vespertinas. O clube possui uma conta no Instagram, de onde estudantes e professor interagem e divulgam as atividades em intercurso, que ocorrem desde maio de 2018.



**Figura 10:** Clube do Livro Sant'Ana.

**Fonte:** ACRÍTICA. 2018.

**Campanha sobre saúde mental** – Os estudantes perceberam a necessidade de tratar de assuntos como: ansiedade, depressão e suicídio (que é a terceira maior causa de morte em jovens de 15 a 26 anos). Desde então, durante o mês de setembro, a escola adere a campanha “setembro amarelo” e os estudantes confeccionam cartazes de conscientização, pesquisas, e realizam rodas de conversa. O objetivo é buscar parceria entre a escola e faculdades de psicologia de Manaus, para que realizem palestras, encaminhamentos e acompanhamento dos jovens e demais integrantes do corpo escolar que manifestem essa necessidade.

Com esse propósito, a direção da escola promoveu em evento com todas as turmas para a conscientização do bullying, e abriu as portas para o Projeto “João e Maria”, que promove a prevenção da violência contra grupos vulneráveis (crianças, mulheres, idosos e deficientes físicos), realizada pela Secretaria de Segurança Pública do Amazonas. Onde os estudantes aprenderam a identificar os tipos de violência mais comum em cada grupo e receberam dicas

de como efetuar denúncia contra esses crimes. Sendo alertados sobre as questões culturais que envolvem esses abusos.



**Figura 11:** Circuito de palestras de prevenção à violência e bullying.  
**Fonte:** CARVALHO, Mirian. 2018.

**Parcerias com ONG's, empresas, universidades** – Os professores são sempre aprendentes e podem desempenhar essas atividades com os estudantes. Porém eles ressaltam a necessidade de auxílio técnico para algumas atividades e projetos que pretendem ou que já executaram. Expressam o desejo de realizar parcerias Universidades, Faculdades, iniciativa privada e membros da comunidade que possuam conhecimentos nessas áreas. E que queiram firmar parcerias a curto, médio e longo prazo com a escola.



**Figura 12:** Equipe vencedora da Feira de Bioexatas apresenta seu projeto no Congresso de Ciência,

Educação e Pesquisa Tecnológica.

**Fonte:** CARVALHO, Mirian. 2018.

### 3.4 RECURSOS DIDÁTICOS E TEMAS GERADORES PARA UMA GEOGRAFIA PARTICIPANTE

Prender a atenção dos estudantes não é tarefa fácil, os professores precisam chegar na sala e ter sempre uma proposta que acolha a turma, os recursos didáticos são ferramentas que auxiliam na aprendizagem, e os temas geradores abordados aqui, nada mais são conteúdos extraídos a partir da realidade dos estudantes, na lógica freiriana, mas também entram aqui como os assuntos pertinentes para entender o mundo, contribuindo assim para que a Geografia deixe de ser verticalizada, para ser horizontalizada. Inserindo o estudante como peça chave de seu próprio desenvolvimento.

**Portfólio** – A ideia de anexar a produção do estudante através de um portfólio não deveria ser incentivada apenas na educação infantil. É importante trazer visibilidade e um caráter palpável a tudo que foi trabalhado durante determinado período, para trazer mais concretude às frias notas do histórico escolar. Todas as vivências e capacidades apreendidas precisam ser demonstradas. Um dos estudantes sugeriu que os trabalhos colecionados, pudessem ser arquivados em algum local, para serem expostos aos pais no dia da reunião de entrega dos boletins. Evitando assim que os trabalhos sejam simplesmente descartados após uma apresentação. Valorizando assim o tempo depreendido para fazê-los e os dotes do estudante.

**Ludicidade** – Os jogos estão mais fortemente presente nas séries iniciais e funcionam como uma porta para envolver a turma, e os estudantes. Desafios, *quiz*, bingos, tabuleiros e outras brincadeiras foram sugeridas pelos estudantes como maneira de dinamizar a aprendizagem e interesse por determinadas temáticas. A brincadeira, por hora esquecida à medida que crescemos, deverá encontrar recôndito na sala de aula. O Ensino Médio também carece de espaço para o brincar. O professor pode trazer jogos, ou desafiar equipes a montarem essas dinâmicas para os colegas solucionarem. Como por exemplo, elaborar palavras-cruzadas como forma de preparação para determinada avaliação, ou revisão do que foi visto ao longo do semestre.

**Gamificação** – Criar dinâmicas, usar recurso de games ou jogos para fazer o grupo alcançar determinado objetivo, de forma engajada. Não se trata de simplesmente usar jogos prontos, mas de utilizar as ferramentas presentes nos games em pró da aprendizagem.

- ✓ Missões e desafios;

- ✓ Pontuações e rankings;
- ✓ Prêmios e distintivos;
- ✓ Avatares e cenários;

Não se trata de criar um sentimento de emulação entre os participantes, e sim de estimular uma brincadeira saudável que envolve persistência, ousadia, atenção aos detalhes e criatividade e concentração.

Trazendo para a vertente tecnológica, o professor da atualidade precisa manter-se antenado e jovial. Disposto a experimentar as novas propostas do âmbito educacional. Os games abrem um leque de possibilidades. Programação e realidade virtual, precisam estar no rol de conversas e atividades da escola.

Música – São multiformes as maneiras como a musicalidade pode ser inserida no campo de discussão geográfico. Podemos explorar a poesia, a temática e o contexto inseridos. Uma das sugestões é trabalhar a percepção dos estudantes quanto ao espaço vivido. Pedindo que eles tragam uma música que represente seu lugar, a cidade, ou o país onde vivem, e a partir disso criar um círculo de conversa sobre o porquê da escolha e entendimento sobre os conceitos geográficos. Promovendo provocações, pesquisas, artes visuais e muitas outras possibilidades. Tal perspectiva foi abordada por CARVALHO (2017), em um capítulo de sua dissertação chamado “A Música como Representação da Geograficidade: O Brasil nos Mapas Mentais dos estudantes”. Explorar a subjetividade em sala de aula, é abrir espaço e dar voz ao estudante. Atitude indispensável nas metodologias ativas. Melhor que o professor trazendo uma música para ser trabalhada em sala de aula, é o próprio estudante trazer sua história e trilha sonora. Assim tocamos de leve o mundo um do outro.

Trilhas de estudo sobre a cidade – O professor de Geografia realizou uma atividade que movimentou todas as turmas de segundo ano. O projeto consistia na criação de mapas turísticos da cidade, feitos a partir do olhar do estudante, localizando os lugares agradáveis para passear ou fazer alguma atividade, de acordo com os lugares que eles já foram ou costumam visitar, e que na concepção deles agradariam também os visitantes. No mapa haviam descrições do lugar, informações sobre preços de entrada, alimentação, e como chegar ao local.

A questão ambiental foi suscitada durante os debates com os estudantes e foram listadas maneiras de trabalhar e criar uma maior consciência ambiental, das quais se destacam:

- ✓ Conscientização para o uso correto de lixeiras seletivas; E debates sobre o destino final do lixo doméstico;
- ✓ Utilização da escola como ponto de coleta para óleo de cozinha, pilhas e baterias, para o descarte correto;

- ✓ Realização de oficinas de reaproveitamento de óleo para a produção de saponáceos.
- ✓ Criação de composteiras e posteriormente criação de canteiros ou hortas manipuladas pelos estudantes.
- ✓ Criação de propostas de projetos para uma escola sustentável, com sistemas de reaproveitamento da água da chuva;
- ✓ Embelezamento dos espaços de uso comuns, (como banheiros), através da utilização de plantas que necessitem de pouca luz, e artigos de decoração feitos a partir de materiais recicláveis.

**Articulação entre escola e política** – O estudo do cientista político José Álvaro Moisés aponta para a apatia política do brasileiro, é fruto da indignação do eleitorado com a corrupção e demais escândalos propagados na mídia. Para a maioria da população, esse assunto não é digno de ser discutido, pois não haveria solução para o problema.

Contrariando os adultos, essa pesquisa demonstrou um grande interesse dos estudantes por alfabetização política. Tal fato é tido como uma necessidade, pois admitem desconhecer o funcionamento das estruturas que administram e legislam o país. Em tempos de “Escola sem Partido” (projeto de lei que veta a discussão, sob pretexto de doutrinação por parte dos professores)

“...cancelam a tradição da educação pública, universalista e laica, que está apoiada precisamente na convivência de consensos temáticos abrangentes e dissensos metodológicos e ideológicos” (ARAÚJO, MAGNOLI, 1991 p.119)

É curioso perceber que a opinião dos jovens contradiz as maquinações de terceiros, entre eles o conhecimento nessa área não somente se faz requerido como é valorizado.

Para auxiliar educadores e estudantes nessa missão, o site Politize, disponibiliza uma série de temas, trilhas podcasts, trilhas, ebooks, vídeos, webinars, cursos e aplicativos à zero custo, podendo ser utilizado como fonte de pesquisa e conhecimento seguro. O Politize é uma instituição sem fins lucrativos que busca promover de forma simples a educação política sem ligações político-partidárias.

Se a Geografia é o estudo do espaço geográfico onde ocorrem as relações humanas, o olhar político deve ser fundamental para compreender as configurações atuais da sociedade. Negar essa necessidade e essa aprendizagem é aleijar o objetivo dessa ciência na formação de pessoas. Pois a geografia já nasce política.

Alguns dos temas que podem ser trabalhados na Geografia e demais ciências:

- ✓ O que é política? Como ela se faz presente em nossa vida?
- ✓ Qual o motivo por trás da baixa representatividade feminina na vida política?

- ✓ Quais os principais sistemas de governo?
- ✓ Quais os tipos de democracia?
- ✓ Como evitar a corrupção?
- ✓ Como funciona a questão do Foro privilegiado?
- ✓ A Lei da ficha limpa funciona?
- ✓ Como posso monitorar os políticos eleitos?
- ✓ É possível exercer o voto consciente?
- ✓ Como funciona a arrecadação de tributos no Brasil e onde eles são aplicados?
- ✓ Qual o cenário social do sistema penitenciário?
- ✓ Quais os direitos da criança e do adolescente?
- ✓ Qual o motivo das críticas aos Direitos humanos?
- ✓ O que dispõe a Constituição?
- ✓ Porque a justiça brasileira é tão vagarosa?
- ✓ O que mudou com a reforma trabalhista?
- ✓ É possível uma Reforma política?
- ✓ Migração no Brasil e no mundo;
- ✓ Quais as soluções para o problema de mobilidade urbana nos grandes centros?
- ✓ Correntes de pensamento político (social democracia, socialismo, conservadorismo, liberalismo, libertarianismo, comunismo, anarquismo, progressismo)
- ✓ O que é Esquerda e Direita na política?
- ✓ Qual o papel das forças armadas e quanto custam aos cofres públicos?
- ✓ Qual a responsabilidade dos três poderes (Legislativo, Judiciário e Executivo)?

**Criação de material didático** – No mundo acelerado que vivemos, os educadores precisam estar antenados não somente com a Geografia dos livros didáticos, como também com a Geografia da vida real presente nos noticiários e redes sociais e que nos circundam diariamente. Muitas vezes o livro didático recebido na escola é totalmente desatualizado em alguns trechos. Nesse contexto faz-se importante que o educador tenha tempo para se dedicar a coleta, seleção e criação de seus próprios materiais didáticos para que os recursos utilizados estejam próximos da realidade das pessoas, incentivando assim a pesquisa, pois os estudantes percebem o professor como alguém engajado em trazer pautas importantes para as discussões. Isso pode ser feito através da seletiva de textos, músicas, poesias, matérias de revistas e jornais. O professor também pode usar textos próprios e propor a turma que escreva sobre determinado assunto corrente durante a semana.

Nesse sentido temos que parabenizar a iniciativa do projeto “Amazonas Didático”, que em 2019 irá distribuir materiais didáticos produzidos por professores e técnicos da rede pública de ensino. Essa iniciativa tem como objetivo promover a cultura regional e valorizar o conhecimento do professor. Começou atendendo estudantes de fundamental 1 e 2, e agora prepara-se para estender-se ao Ensino Médio. Implementando futuramente livros didáticos regionais, que retratem a cultura, poesia, história, costumes e geograficidades do Norte. Sem abrir mão do livro oficial, mais cosmopolizado, esse material servirá de apoio, e será um marco na valorização do professor. Dando aos estudantes a oportunidade de apreender e prestigiar o local onde vivem. Conforme Demo (2018), fazer do estudante um autor, cientista e pesquisador, significa tornar o professor (que também foi vítima da aula na faculdade) em autor, cientista e pesquisador.



**Figura 13:** Projeto Amazonas Didático, visa a autoria de livros escolares por professores da rede estadual  
**Fonte:** ARAÚJO, Jair. 2017.

Demo (2018) faz uma crítica as metodologias ativas, pois na escola atual elas muitas vezes se apresentam como inovação. Mas pelo modo que são utilizadas, acabam sendo apenas

um “ingrediente dinamizador da aula tradicional”, o que promove uma maquiagem pedagógica. Envolver os estudantes, mas que não incentivaria sua autoria.

As escolas tentam fazer algo, e muitas vezes, com as melhores intenções podem acabar pecando e não alcançando o objetivo idealizado. Reformar a escola, passa pela reforma da Universidade, as Licenciaturas têm atravessado profunda crise, seu modelo precisa ser repensando. Oferecem aulas aos estudantes, e funcionam como uma extensão da escola, ainda que exista esforço para aprender como pesquisador, são poucos os Mestres e Doutores com essa visão de futuro. O que faz com que os licenciados, ao chegarem na sala, continuem perpetuando o modelo escolar falido do qual foram vítimas na escola e na graduação. A obsessão por aula, rouba o fato de que a aprendizagem não se dá por meio dela, a aula não é o centro de tudo. Aprender é um processo mental e extremamente particular a cada indivíduo, cabendo ao professor visualizar-se e posicionar-se como simples, porém indispensável, mediador desse processo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A crise na educação é supradisciplinar, a escola precisa se transformar, estar conectada com as demandas pessoais e globais, inclusa à contemporaneidade. Nesse processo de mudança há de se derrubar muitas práticas conservadoras, ultrapassadas e enraizadas. Focar na descoberta ao invés da absorção, pois compreender o mundo é algo muito subjetivo, que vem das experiências e do contato que mantemos com as pessoas e com as diversas realidades e contextos socioculturais, sem essa compreensão holística é impossível que exista transformação na sociedade.

Um cidadão consciente a participativo se faz debaixo de muita desconstrução, algo que deveria ser natural no ambiente escolar. Ao invés de cópias e matérias entregues de “bandeja”, os estudantes deveriam estar aprendendo a estudar eficazmente, fazer anotações da forma correta, construir mapas, raciocinar sobre os contextos reais, idealizando e tirando os projetos do papel, entre outras tantas aprendizagens imprescindíveis e realmente úteis à vida.

Os profissionais da educação, sejam eles da área de “humanas”, “exatas” ou “biológicas”, devem saber que a ciência não é fragmentada. Não é um produto que seccionamos em caixas, (como muitos ainda acreditam e continuam afirmando através de suas práticas pedagógicas). Toda a unidade educacional precisa estar aliançada com a quebra de atitudes que legitimam a dominação, a má qualidade do ensino, a deformação política e a pobreza em todas as suas esferas. Em outras palavras, ajudam na manutenção do status quo, mais que um problema pontual, há de se mudar a cultura da “aulinha”, que encontra resguardo em instituições de ensino básico, superior, nos professores, estudantes, pais e responsáveis. Essa questão é tão profunda, e ao mesmo tempo tão ignorada, que não percebemos como a escola pode fazer florir ou tolher a capacidade humana do questionamento, da problematização, criação e ação.

Durante o desenvolvimento da pesquisa e acompanhamento da escola, foi notório o interesse dos envolvidos por uma educação diferente. Embora muitos se sintam incapazes de efetivar uma mudança por acharem que sua contribuição é muito pequena e não influi consistentemente, há um movimento de melhoria pontual. A escola se desdobra em zelos para tornar o ambiente o mais agradável, seguro, e educador possível. Contudo, forças exógenas e endógenas insistem em agir de forma anulativa.

O objetivo da educação não é juntar as mais diversas pessoas formando um todo integrado, idêntico ou de mesma natureza. Tampouco, servir de catapulta social ou fabriqueta de mão de obra humana para o sistema. Há uma dessemelhança entre escolarizar e educar para o mundo. Nosso modelo de educação precisa ser amparado por metas que mostrem a concretude

do objetivo da escola e da educação. O PPP precisa ser construído de forma coletiva com a comunidade escolar. Se fazendo presente nas paredes, consciência e atitudes diárias do local. É justamente a subjetividade com que são tratadas as propostas educacionais o que enrijece os tentáculos do retrocesso.

Outro praticante de vilanias é o próprio sistema político que, em época de campanha, abusa da propaganda, (financiados com recurso público), para gerarem indignação em quem trabalha na área educacional, ao proporem e pintarem uma escola dos sonhos, onde tudo funciona em perfeita harmonia, muito distante da realidade. E o eleitorado, por sua vez, acostumado a enxergar a educação como sinônimo de melhoria de vida, acaba sendo levado pela encenação televisiva. Os que estão mais próximos da escola conhecem sua realidade e os problemas colossais e complexos que a rodeiam, logo, dificilmente são ludibriados com esse tipo de chantagem eleitoral. A crítica se dá em torno da educação desconectada, descompromissada com o social, onde falta recurso técnico, financeiro e humano.

O resultado dessa inação é o enfraquecimento da aprendizagem. Jovens terminam o ensino médio e sem perspectiva de continuação dos estudos ou mesmo por extrema necessidade, atêm-se ao subemprego, assinando ali o obitório de sua vida acadêmica. Realidade demonstrada no relatório da UNESCO de 2017, que aponta para a média de tempo de estudo do brasileiro, que é de 7,4 anos enquanto outros países emergentes como Chile e África do Sul exibem uma média de 10 anos de estudo por pessoa. Queremos com isso frisar que a necessidade de investimento nas áreas de Ciência, Tecnologia, Meio-ambiente e Educação é vital para o desenvolvimento do país, tendo a última um nível de alcance muito amplo, necessita ser um compromisso do país e de cada cidadão. A escolha das prioridades orçamentárias definirá o Brasil do futuro. Os cortes públicos, se inevitáveis, precisam levar em conta diversas variáveis e os impactos econômicos e sociais advindos de tais escolhas.

No sentido do que pode ser feito nas salas de aula hoje (ignorando todos os problemas que não se podem resolver em vinte e quatro horas), podemos afirmar que metodologias ativas, democráticas e participantes surtem um efeito altamente positivo, se tomadas com a devida criticidade e cautela. Quando os estudantes se envolvem como o assunto acontecem três fenômenos: a identificação desse tema em escalas diversificadas, articulação de múltiplas inteligências, e o desenvolvimento das habilidades necessárias a leitura crítica dos fenômenos geográficos. O que a longo prazo estará adicionando bases de uma sociedade que: questiona, pesquisa, opõe-se, e sobretudo cria e constrói soluções para os problemas da comunidade humana. E prova que pesquisa não é privilégio de um grupo seletivo, pesquisa é para todos.

A prática educativa é ao mesmo tempo nutriente e nutridora. Os estudantes desenvolvem sua aprendizagem, e os professores devem se engajar, para que essa aprendizagem seja especial, duradoura e marcante. Dizem que tanto os professores ruins, quanto os bons deixam sua marca. Esperamos que as “tatuagens” de nossos estudantes sejam exibidas com naturalidade e orgulho. Que o aprender faça sentido e seja pleno, estendendo-se para além das questões avaliativas. Que os estudantes levem consigo, a cada encontro, uma parte do material de construção necessário ao amadurecimento, que está sendo erigido na escola. Acreditamos que o fortalecimento da aprendizagem passa pelo fortalecimento das relações interpessoais que comungam na sala, pátio e refeitório. E que a educação é a valentia de buscar com que os outros se sintam capazes de realizar seu próprio projeto de vida. Processo impregnado de leitura, interpretação e protagonismo no mundo. Acreditamos que metodologias ativas, aliadas a outras benfeitorias educacionais podem apontar o caminho da revolução. Revolução esta que não se faz apenas com discursos inflamados, mas com muita estratégia, cobrança política e aguerrimento.

Sobre a Geografia? Ela é mais uma das grandes patrocinadoras dessa turnê mundial. E as constantes pesquisas desenvolvidas provam que ela está sempre se reinventando e que há muito a ser percorrido, aqui damos destaque a corrente crítica da Geografia. Para os estudantes é importante pensar que podem aprender e desenvolver pesquisa sobre o contexto socioeconômico, político e cultural em que vivem: seu bairro, cidade (seu mundo). Contribuindo para dar visibilidade e criar soluções para os problemas enfrentados cotidianamente nesses lugares.

Dentro dessa visão, as metodologias usadas pelos professores são fator determinante na abertura de brechas no sistema educacional, que persevera tão conservador e autoritário em sua prática. O que queremos dizer é: embora toda legislação seja democrática, inclusiva e até poética, não passa de um discurso de fachada, no exercício da função o discurso não é levado a sério. Poucas são as escolas direcionadas para a autonomia real. Negada às instituições, e aos estudantes. Os professores que entram como sabotadores do sistema, são muitas vezes mal interpretados, devido a acomodação com o status quo, por isso a necessidade de um envolvimento geral da equipe pedagógica. O conhecimento que não muda vidas e não é compartilhado, é ilusório, é perda de tempo. O estudante que passa horas em uma atividade repetitiva, enfadonha e acrítica, seria mais feliz propondo solução para as questões da sua comunidade e dessa forma se apropriando, construindo e reconstruindo o conhecimento. A Geografia do Ensino Médio pode e deve mudar o mundo. Esse é o fim mais nobre da educação: mudar realidades.

## REFERÊNCIAS

- BASTOS, C. C. **Metodologias ativas**. 2006. Disponível em: <<http://Educacaoemedicina.blogspot.com.br/>> Acesso em: 11 maio. 2016.
- BLUME, Bruno André. **Quanto o Brasil gasta em saúde e educação**. Politize! Revisado em 12 de maio de 2017. Disponível em: < <http://www.politize.com.br/quanto-governo-investe-saude-educacao/> > Acesso em: 12 de julho de 2017.
- BRASIL, Ministério da Educação, **Base Comum Curricular (Perguntas Frequentes sobre a Base Comum Curricular)** Disponível em: < <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/perguntas-frequentes> > Acesso em: 04 de julho de 2017.
- BRASIL, Ministério da Educação, **Base Comum Curricular**. Proposta preliminar. Segunda versão revista. Brasília MEC, 2016. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCCpublicacao.pdf> > Acesso em: 04 de julho de 2017.
- BRASIL, **Plano Nacional de Educação 2014-2024**, [online] Disponível em < [http://www.observatoriodopne.org.br/uploads/reference/file/439/documento\\_referencia.pdf](http://www.observatoriodopne.org.br/uploads/reference/file/439/documento_referencia.pdf) > Acesso em: 28 de jun. 2017.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Geografia**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998a.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri (org.) **A Geografia na sala de aula**. 8 ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- CASTROGIOVANNI, A. C.; KAERCHER, N. A.; REGO, N. **Geografia: práticas pedagógicas para o Ensino Médio**. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- CASTROGIOVANNI, A. C.; KAERCHER, N, A.; REGO, Nelson. **Geografia: práticas pedagógicas para o Ensino Médio**. Porto Alegre: Penso, 2011.
- CORREIA, Wilson Francisco. **Conjectura: Filos**. Educ. Caxias do Sul, vol.18, n.2. P.78-90, mai/ago. 2013. Disponível em: < <file:///C:/Users/NOT21/Downloads/767-7059-1-PB.pdf> > Acesso em: 05 de jul. de 2017.
- CURY. Augusto. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. Sextante. Rio de Janeiro, 2003.
- DEMO, Pedro. **Pesquisa Participante: mito e realidade**. Brasília: Liber UnB/INEP, (versão preliminar), 1982. Disponível em: < <https://pt.scribd.com/document/46959945/pesquisa-participante> > Acesso em: 13 de mar. 2017.
- \_\_\_\_\_. **Direcional Escolas, Entrevista**. Realizada em 09 de janeiro de 2014.< <http://www.observatoriodaeducacaodorn.org.br/?p=ent&cod=358> > Acesso em: 05 de julho de 2017.

\_\_\_\_\_. **Atividades de aprendizagem: sair da mania do ensino para comprometer-se com a aprendizagem do estudante.** Campo Grande, MS: Secretaria de Estado de Educação do Mato Grosso do Sul – SED, MS, 2018.

FERNÁNDEZ, Fátima Addine. Didáctica y optimización del proceso de enseñanza-aprendizaje. IN: **Instituto Pedagógico Latinoamericano y Caribeño** – La Havana – Cuba, 1998.

FARIA, Ivani F. de. Metodologias participantes e conhecimento indígena na Amazônia: Propostas interculturais para a autonomia. In: SOUSA SANTOS ... [et al.]. **Epistemologías del Sur - Epistemologias do Sul.** Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO; Coímbra: Centro de Estudos Sociais - CES, 2018.

FARIA, Ivani F de. **Gestão do conhecimento e território indígena: por uma geografia participante.** Manaus: Reggo Edições, 2015.

FARIA, Ivani; OLIVEIRA, Gilvan. “Ensino superior indígena bilíngue: princípios para autonomia e valorização cultural na região do alto rio Negro/AM” in **Revista do Instituto Internacional de Língua Portuguesa Platô** (Cidade da Praia: Cabo Verde) V.1, Nº1, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido.** São Paulo: Paz e Terra, 1993.

FOLHA DE SÃO PAULO, **A escola dos anos 50 e 60 era melhor, mas atendia a poucos.** 15 de fev. de 2010. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saber/sb1502201002.htm>> Acesso em: 26 de jun. 2017.

GOMES, Patrícia. **Conheça as competências para o século XXI.** Instituto Porvir, 2012. <<http://porvir.org/conheca-competencias-para-seculo-21/>>

GOMÉZ, A. I. Péres. Compreender o ensino na escola: modelos metodológicos de investigação educativa. In: SACRISTÁN, J. Gimeno; GOMÉZ, A. I. **Compreender e transformar o ensino.** 4 ed. Artmed ,2007. Pg 99-117.

GADOTTI, Moacir. **Perspectivas atuais da Educação.** São Paulo em Perspectiva, v.14 p. 3-11, fev. 2000.

INEP, Censo escolar 2016. Disponível em: <[http://download.inep.gov.br/educacao\\_basica/censo\\_escolar/notas\\_estatisticas/2017/notas\\_estatisticas\\_censo\\_escolar\\_da\\_educacao\\_basica\\_2016.pdf](http://download.inep.gov.br/educacao_basica/censo_escolar/notas_estatisticas/2017/notas_estatisticas_censo_escolar_da_educacao_basica_2016.pdf)> Acesso em: 03 de jul de 2017.

LORENZONI. **Aprendizagem por pares.** 2012. Disponível em: O ESTADO DE SÃO PAULO. **Só 10% no Ensino Médio público atingem nível satisfatório no Brasil.** Disponível em:< <https://educacao.uol.com.br/noticias/agencia-estado/2016/03/16/so-10-no-ensino-medio-publico-atingem-nivel-satisfatorio-no-brasil.htm>> Acesso em: 13 de mar. 2017.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. Educação e ensino de Geografia na realidade brasileira. In.: OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de (org.). **Para onde vai o ensino de Geografia?** – São Paulo: Contexto, 1989.

PORVIR. Regiany Silva. **Competências da Base Nacional Curricular**  
<http://porvir.org/entenda-10-competencias-gerais-orientam-base-nacional-comum-curricular/>

SANTOS, L.L.C.P. **História das disciplinas escolares: perspectiva de análise.**  
Revista Teoria e Educação. Porto Alegre, nº 02, 1990.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Ecologia dos saberes, alfabetização e descolonização culturais. Boaventura propõe uma rebeldia competente.** Disponível em:  
<<https://educezimbra.wordpress.com/2016/01/07/boaventura-propoe-uma-rebeldia-compentente/>> Acesso em: 13 de julho de 2017.

SELBACH, Simone (supervisão geral). **Geografia e didática** (Coleção como bem ensinar). 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

Silva e Júlia Ribeiro] 1. Ed. Brasília, Unicef, 2014<  
[https://www.unicef.org/brazil/pt/10desafios\\_ensino\\_medio.pdf](https://www.unicef.org/brazil/pt/10desafios_ensino_medio.pdf) > Acesso em: 13 de mar. 2017  
VESENTINI, J. William; VLACH Vânia. **Geografia: O espaço social e o espaço brasileiro.** 1 ed. São Paulo: Ática, 2012.

SNYDERS, G. **A Alegria na escola.** São Paulo. Ed. Manole, p. 185-209,1998.

WETSBROOK, Robert B. **Jonh Dewey** / Robert B. Westbrook, Anísio Teixeira, José Eustáquio Romão, Verone Lane Rodrigues (org.). Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

UNICEF. **Dez desafios do Ensino Médio no Brasil** : desafios para garantir o direito de aprender de adolescentes de 15 a 17 anos. [coordenação Mário Volpi, Maria Salete].